

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MIGRAÇÃO DE PERUANOS EM BOA VISTA/RR**

**ALESSANDRA RUFINO SANTOS**

MANAUS

2013

# MIGRAÇÃO DE PERUANOS EM BOA VISTA/RR

ALESSANDRA RUFINO SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Área de concentração: Processos socioculturais da Amazônia. Linha de pesquisa: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientador: Professor Doutor Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto.

MANAUS

2013

**Ficha catalográfica**  
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

S436t Santos, Alessandra Rufino.

Migração de peruanos em Boa Vista-RR / Alessandra  
Rufino Santos. – Manaus: UFAM, 2013.  
116 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)  
Universidade Federal do Amazonas, 2013.  
Orientador: Prof<sup>o</sup>. D<sup>o</sup>. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto.

1. Boa vista 2. Migração 3. Peruanos I. Santos, Alessandra Rufino II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 967.0(247.5)

ALESSANDRA RUFINO SANTOS

MIGRAÇÃO DE PERUANOS EM BOA VISTA/RR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, com área de concentração em Processos socioculturais da Amazônia.

Dissertação de mestrado defendida e aprovada em 25/03/2013, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto  
*(Presidente)*  
*Universidade Federal do Amazonas - UFAM*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilene Corrêa da Silva  
*(Membro)*  
*Universidade Federal do Amazonas - UFAM*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francilene dos Santos Rodrigues  
*(Membro)*  
*Universidade Federal de Roraima - UFRR*

MANAUS

2013

A todos os migrantes peruanos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer às pessoas que contribuíram diretamente para que essa dissertação pudesse se tornar realidade: aos migrantes peruanos que cederam entrevistas; ao casal peruano Júlio Omar e Rosa Isabel que me convidaram para participar da festa em homenagem ao *Señor de Los Milagros*; À senhora Rosa Paino e seu esposo Juan Medina por me apresentarem sua rede de amizades peruana; Aos amigos Christian Rissi e a Fátima Dias que mesmo distantes ajudaram-me nas transcrições das entrevistas; Ao peruano Nelson Maytahuari por ter me acompanhado em algumas atividades de campo; Ao meu amigo Rawlinson Muniz que facilitou a minha aproximação com os médicos peruanos que trabalham no Hospital Geral de Roraima (HGR); Ao peruano David Perez pelas informações importantes. A vocês meu obrigado. Sem dúvida, esse trabalho também é uma conquista de vocês.

Agradeço, de um modo geral, às instituições que viabilizaram a pesquisa: À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela formação; À Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa.

Não poderia esquecer do meu orientador, Professor Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, que contribuiu de maneira relevante para o desenvolvimento do presente trabalho.

À Professora Dra. Francilene Rodrigues por ter me apresentado a pesquisa científica no ambiente acadêmico e pelas contribuições teóricas recebidas no exame de qualificação.

Também agradeço à Professora Dra. Marilene Corrêa pelas importantes contribuições recebidas no exame de qualificação.

Ao Professor Dr. Gilson Monteiro pelo constante incentivo e pelas contribuições teóricas recebidas na disciplina *Seminário de Pesquisa I*.

Às Professoras Dras. Rosemara Staub e Artemis Soares pelas valiosas contribuições teóricas recebidas na disciplina *Seminário de Pesquisa II*.

À Professora Dra. Heloisa Helena Corrêa pelos ensinamentos.

À Professora Msc. Márcia de Oliveira pela amizade e presteza nas questões relativas aos estudos migratórios.

Ao Professor Msc. Alexandre Namem pelas dicas valiosas e por acreditar em minha capacidade enquanto pesquisadora.

Ao Professor Dr. Sidney Silva por ter me apresentado o Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia (GEMA).

A todos os meus colegas de mestrado pelas experiências compartilhadas, em especial à Laura Velásquez e ao Getulio Solon que estiveram ao meu lado em alguns momentos difíceis.

À dona Alberta Amaral por ter cuidado das questões burocráticas no período em que foi secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), facilitando minha boa relação com o referido programa de pós-graduação.

Aos doutorandos em Sociedade e Cultura na Amazônia Elias Farias, Elizeu Moreira e Victor Leandro, pelas conversas, pela atenção e pelos conselhos.

À coordenadora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima (UFRR), Professora Msc. Luziene Parnaíba, e aos demais professores do referido departamento por terem aprovado, em diferentes momentos, meus pedidos de afastamento para viajar a Manaus e para participar de congressos acadêmicos.

Aos meus alunos da graduação que entenderam a minha ausência em alguns momentos, em especial à Deborah de Negreiros que se tornou uma grande amiga.

Ao meu amigo Marcos Nogueira e a Professora Msc. Joani Lyra por terem me incentivado a participar da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA).

Finalmente, sou grata aos meus familiares, em particular, meus pais Maria e Raimundo, por terem financiado meus estudos no decorrer da minha trajetória acadêmica e por nunca terem me abandonado nos momentos difíceis.

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto as negociações identitárias dos peruanos que migraram para a cidade de Boa Vista entre os anos de 1990 a 2010. Para investigar esse fenômeno partiu-se da hipótese de que as relações de amizade e de parentesco influenciam o processo migratório de peruanos e impactam as negociações identitárias vivenciadas por eles. Neste sentido, uma das preocupações deste trabalho é entender as motivações e os diferentes significados das trajetórias pessoais de homens e mulheres de nacionalidade peruana que deixaram seu país de origem e se integraram em outra realidade sociocultural. Desta forma, para verificar a proximidade entre brasileiros e peruanos e os diferentes níveis de trocas realizadas entre eles, de modo a revelar os aspectos identitários que condicionam e caracterizam a inserção dos migrantes peruanos na sociedade boa-vistense, utilizou-se a metodologia qualitativa, com ênfase nas entrevistas abertas e conversas informais. Os interlocutores da pesquisa foram homens e mulheres de nacionalidade peruana, entre 18 e 72 anos, que se deslocaram em períodos diversos e que exercem distintas atividades profissionais, como comerciantes, médicos e professores. A luz das teorias dos estudos migratórios e identitários foi possível compreender como os migrantes peruanos negociam suas identidades, segundo suas experiências migratórias. Embora estes estejam afastados de seu local de origem, não perderam a cultura e a identidade nativa como referência. Contudo, eles também incorporam os elementos da cultura e da identidade do local de destino, possibilitando a negociação de suas identidades por meio de suas estratégias de sobrevivência, de suas representações, dos dilemas próprios à sua condição de migrante e por meio de uma mediação em que se sintam compreendidos pela sociedade boa-vistense. Nesse contexto, as redes familiares e de amizade dos migrantes peruanos fortalecem os referenciais significativos do lugar de origem, bem como a condição de sujeito migrante.

**Palavras-chave:** Boa Vista; Migração; Peruanos.

## ABSTRACT

The actually dissertation has as object the negotiations identity of peruvians who migrated to the city of Boa Vista between the years 1990 to 2010. To investigate this phenomenon started from the hypothesis that relations of friendship and kinship influence the migratory process of peruvians and impact negotiations identity experienced by them. In this sense, one of the concerns of this work is understand the motivations and meanings of different personal trajectories of men and women of peruvian nationality who left their country of origin and they integrated in another sociocultural reality. So, to verify the proximity between brazilians and peruvians and the different levels of changes made between them, to reveal the identity aspects that determine and characterize the insertion of peruvian migrants in Boa Vista's society, was used the qualitative methodology, with an emphasis in the open interviews and informal conversation. The interlocutors of the study were men and women of peruvian nationality, between 18 and 72 years old, who came at different periods and they exert different professional activities, as merchants, doctors and teachers. The light of the theories of migration studies and identity was possible to understand how the peruvian migrants negotiate their identities, according to their migration experiences, although they are away from their place of origin, they do not lose the native culture and identity like a reference. However, they also incorporate elements of culture, and the identity of the destination enabling the negotiation of their identities through their survival strategies, from their representations, the dilemmas of their own migrant status and through of mediation wherein feel understood by Boa Vista's society. In this context, the families networks and friendships of peruvian migrants, they strengthen the referential significant of place of origin, well as the condition of migrant subject.

**Keywords:** Boa Vista; Migration; Peruvians.

## RESÚMEN

La presente disertación tiene como objetivo las negociaciones de identidad de los peruanos que emigraron para la ciudad de Boa Vista entre los años de 1990 a 2010. Para investigar este fenómeno se partió de la hipótesis de que las relaciones de amistades y de parentesco influyen al proceso migratorio de peruanos y impactan en las negociaciones de identidad vivenciadas por ellos. En este sentido, una de las preocupaciones de este trabajo es entender las motivaciones y los diferentes significados de las trayectorias personales de hombres y mujeres de nacionalidad peruana que dejaron su país de origen y se integraron en otra realidad sócio-cultural. De esta forma, para verificar la proximidad entre brasileños y peruanos y los diferentes niveles de intercambios realizados entre ellos, de modo a revelar los aspectos de identidad que condicionan y caracterizan la inserción de los emigrantes peruanos en la sociedad boa-vistense, se utilizó la metodología cualitativa, con énfasis en las entrevistas abiertas y conversación informal. Los interlocutores de la investigación fueron hombres y mujeres de nacionalidad peruana, entre 18 e 72 años, que se dislocaron en períodos diversos y que ejercen distintas actividades profesionales, como comerciantes, médicos e profesores. Con la luz de las teorías de los estudios migratorios y de identidad fue posible comprender como los emigrantes peruanos negocian sus identidades, según sus experiencias migratorias. aunque estos esten alejados de su local de origen, no perdieron la cultura y la identidad nativa como referencia. Sin embargo, ellos también incorporan los elementos de la cultura y de la identidad del local de destino, posibilitando la negociación de sus identidades por medio de sus estrategias de sobrevivencia, de sus representaciones, de los dilemas propios a su condición de emigrante y por medio de una mediación en que se sientan comprendidos por la sociedad boa-vistense. En ese contexto, las redes familiares y de amistades de los emigrantes peruanos fortalecen los referenciales significativos del lugar de origen, bien como la condición de sujeto emigrante.

**Palabras-clave:** Boa Vista; Migración; Peruanos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14.
CAPÍTULO 1 – A MIGRAÇÃO DE PERUANOS PARA O BRASIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE REDES MIGRATÓRIAS, FRONTEIRAS E IDENTIDADES.....	20.
1.1 O Peru no contexto das migrações e dos deslocamentos compulsórios.....	22.
1.2 Brasil: Um lugar de destino para os migrantes peruanos.....	28.
1.3 A migração peruana no contexto amazônico.....	30.
1.4 A dinâmica da mobilidade humana transfronteiriça.....	37.
CAPÍTULO 2 – SONHOS QUE CRUZAM FRONTEIRAS: IDENTIDADES NEGOCIADAS A PARTIR DAS REDES MIGRATÓRIAS.....	42.
2.1 O processo de socialização a partir das redes migratórias.....	44.
2.2 Memória e identidade.....	56.
2.3 A identidade como diferença.....	60.
2.4 Idantidade cultural e identidade nacional.....	65.
CAPÍTULO 3 – A PRESENÇA DE PERUANOS NA CIDADE DE BOA VISTA/RR: OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA MIGRAÇÃO EM UMA REGIÃO DE FRONTEIRA.....	71.
3.1 A cidade de Boa Vista/RR e as rotas migratórias.....	74.
3.2 A convivência multicultural: Os diferentes significados das negociações identitárias na prática migratórias.....	78.
3.3 A percepção do migrante peruano no outro: O outro no olhar do migrante peruano.....	87.
3.4 Sonhos que garantem a permanência na cidade de Boa Vista/RR.....	89.
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	93.
REFÊRENCIAS.....	96.
RELAÇÕES DE ANEXOS.....	104.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Fluxo de Migrantes Peruanos na Amazônia Brasileira.....	35.
Figura 02: Convite da festa “Señor de Los Milagros”.....	47.
Figura 03: Peruanos cantando o hino para homenagear ao “Señor de Los Milagros”.....	48.
Figura 04: Comidas servidas na festa.....	51.
Figura 05: Escolha da família anfitriã do ano de 2013.....	52.
Tabela 01: Grupos de estrangeiros em Roraima (Anos 2009 e 2012).....	76.

## **LISTA DE SIGLAS**

CELADE - Centro Latino Americano de Demografia

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

GEMA - Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia

GEIFRON - Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INE - Instituto Nacional de Estadística

OIM - Organización Internacional para las Migraciones

PIB – Produto Interno Bruto

PPGSCA - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

PNUD - Relatório de Desenvolvimento Humano

SEPLAN – Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento

SPF - Superintendência da Polícia Federal

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFRR - Universidade Federal de Roraima

## INTRODUÇÃO

*Navegantes, navegar é preciso viver  
Nossos roteiros de viagem dirão de nós o que fomos:  
de qualquer forma estamos sempre definindo rotas –  
os focos de nossas compreensões.*  
(GERALDI, 1997, p.04)

A presente dissertação decorre de uma pesquisa acerca das negociações identitárias dos peruanos que migraram para Boa Vista entre os anos de 1990 a 2010. Para facilitar a compreensão dos motivos que despertaram o desenvolvimento desta pesquisa é necessário esclarecer que o contato da pesquisadora com este objeto de investigação deu-se no ano de 2009 com as atividades de trabalho de campo realizadas no Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos (GEIFRON), da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Ao se inserir nesse grupo de pesquisa, como bolsista de iniciação científica na área das Ciências Sociais, a mesma tomou conhecimento sobre o verdadeiro significado da pesquisa e passou a compreender o envolvimento de diversos grupos sociais no contexto histórico do estado de Roraima. Em decorrência disto, deparou-se com a seguinte inferência: a metodologia é fundamental na construção de uma pesquisa científica.

A princípio tornou-se complexo entender como se dão as aplicações das teorias científicas nas práticas de pesquisa. Por isso, neste primeiro momento, este trabalho aponta algumas reflexões sobre o processo construtivo da pesquisa sobre a migração de peruanos em Boa Vista.

A primeira reflexão que precisa ser feita é sobre a finalidade de um trabalho de pesquisa. O trabalho de pesquisa não pode ser construído para satisfazer os interesses do pesquisador. O mesmo possui o dever de produzir pesquisas que beneficiem a sociedade. Tal benefício pode iniciar com a investigação, passar pela publicação dos dados obtidos e, posteriormente, proporcionar uma discussão pública. Desta forma, os sujeitos investigados necessitam receber um retorno.

Conforme os estudos de Mills (1975), o início de um projeto de pesquisa exige a formulação de um problema de pesquisa, isto é, a construção de indagações fundamentadas que nos desafiam e que ao mesmo tempo nos impulsionam. Isso significa que não devemos ter pressa ao escolher um objeto de estudo. Caso tenhamos, poderemos não contribuir com a estimulação da originalidade, provida da observação atenta ao mundo a nossa volta.

A pesquisa sobre a migração de peruanos na cidade de Boa Vista surgiu com o objetivo geral de destacar os aspectos importantes da trajetória migratória feita por esses migrantes internacionais. No entanto, a mesma foi fundamentada por outras ideias teórico-metodológicas. Como surgem essas ideias?

Mills (1975) argumenta que as ideias nascem da imaginação sociológica. Dito em outras palavras, ao produzirmos uma pesquisa com empenho, esforço e criatividade, essa imaginação passa a ser cultivada, tornando-se rotina. É através da imaginação sociológica que é possível entender com mais facilidade a interação do indivíduo com o meio social. Essas questões nos ajudam a compreender que o objeto de pesquisa nos exige, em sua construção, repensar conceitos e teorias que se articulam em todas as etapas da pesquisa.

A hipótese inicial da pesquisa partiu da crença de que os migrantes peruanos descrevem suas narrativas sobre a trajetória migratória a partir do aspecto econômico, visto que muitos se deslocam com a expectativa de alcançar uma vida melhor ou fugir da ausência de perspectivas de futuro em seu país de origem. No entanto, reconhecemos que o fenômeno migratório não é simplesmente motivado pelo desejo das pessoas por uma vida econômica melhor e um maior status social. Algumas teorias constroem visões alternativas a esta, enfatizando diferentes aspectos da vida em sociedade e enriquecendo os debates sobre o tema. Dentre outros, os estudos sobre as redes migratórias podem ser bons exemplos de visões mais complexas dos contextos migratórios.

Para Lobo (2010, p.38), os “estudos sobre as dinâmicas locais, especialmente as familiares, em contexto de migração são exemplos que indicam como as redes migratórias operam de maneira relevante em situações de distanciamento espacial e temporal”. Desta forma, as redes de amizade e parentesco tornam-se indispensáveis, sendo atualizadas, especialmente, nas trocas de bens, valores e informações.

Com essa concepção teórica ficou mais fácil elaborar os seguintes questionamentos: O que motiva os migrantes peruanos a saírem de seu país de origem? A existência de redes familiares e de amizade no local de destino seria uma das estratégias acionadas por esses migrantes em sua trajetória? Tais redes contribuem decisivamente no processo de negociações das identidades desses migrantes?

A compreensão de tais questionamentos requer o reconhecimento de que todos os pesquisadores devem estar abertos a críticas e sugestões, principalmente quando são iniciantes. A cada passo que avançamos na pesquisa, podemos ver nosso trabalho intelectual

ganhando corpo. Contudo, é importante reconhecer que a angústia e as dúvidas acompanham o pesquisador em toda a sua jornada.

As reflexões feitas até aqui existe o diálogo com uma literatura que fortaleça a contribuição sociológica à abordagem migratória, uma vez que a sociologia realiza reflexões a situação específica de segmentos sociais migrantes, inclusive aqueles componentes ligados a questão cultural.

A problemática da migração e suas implicações no cenário mundial, por exemplo, vem ganhando forças nas discussões científicas sociológicas. Truzzi (1997) e Said (2003) são duas referências que se debruçam sobre esta temática, atentando para o fato de que ela repercute em distintas instâncias da realidade social. Sayad (1998) é outro autor que busca tratar de forma esclarecedora o processo migratório, contextualizando-o como um fenômeno social complexo. Já no contexto brasileiro, Martins (1986) desenvolve um debate consolidado sobre a realidade migratória quando analisa as migrações temporárias. Sua tentativa é conduzir um debate sobre a influência do sistema capitalista e as colaborações das representações sociais na articulação teórica dos fenômenos migratórios.

Assim, a migração precisa ser pensada a partir do meio social que a permitiu ser idealizada e operacionalizada. É a partir desse contexto que para Sayad (1998, p.16) é possível reconhecer que o migrante “só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa em seu território”. Entretanto, para Guareschi (2006, p.12), embora a migração acarrete uma ruptura social total, “ela é entendida como uma forma de viabilização de um determinado fim, o que geralmente justifica o desejo de retorno”.

Bourdieu (1996), ao contrário, entende que os acontecimentos da vida não se dão cronologicamente. Desta forma, é possível reconhecer que existem fatores de várias ordens que independem da vontade ou conhecimento dos indivíduos. Quem migra, por exemplo, pode não retornar ao local de origem, embora mantenha o sonho de um dia retornar.

Essas contradições referentes a condição migratória implica diretamente no processo de negociação das identidades dos sujeitos migrantes. Sem dúvida, emergem desta realidade questões que nos estimulam presumir que o indivíduo migrante, ao sair de seu local de origem, leva consigo toda uma bagagem de produção histórico-social do grupo ao qual ele pertence.

O conceito de identidade para Cunha (2007, p.34) é “um termo que tem sido tradicionalmente usado para descrever ou interpretar o indivíduo, tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado em sua própria consciência”. Ribeiro (2002) complementa argumentando que a identidade deve ser vista apenas como modo de representar tanto o nosso pertencimento a uma unidade sócio-político-cultural como também o outro.

A partir daí, ganha força a ideia de Soares (2004) de que as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos, nem famílias, e sim conjuntos de pessoas conectadas por laços de amizade, parentesco ou trabalho. A noção de rede migratória surge, então, do entendimento de que as redes de sociabilidade são de grande importância para o estudo das migrações, uma vez que se configuram como um tipo específico de rede de contato, que não apenas agrega redes sociais existentes como incita a criação de outras, formando o que poderia chamar rede de redes.

Neste sentido, este trabalho, ao buscar realizar um estudo da migração de peruanos na cidade de Boa Vista, utiliza o referencial metodológico qualitativo com a finalidade de investigar como a relação de amizade e de parentesco constitui um aspecto básico no processo migratório. Esta análise é constituída pelo desejo em explicar a interpretação dos componentes que fazem parte do processo de negociação das identidades dos migrantes peruanos, bem como avaliar o sentido que fazem sobre a cultura de origem.

Desta forma, a pesquisa foi desenvolvida tomando como referência os relatos descritos sobre a presença de peruanos na cidade de Boa Vista. As atividades de trabalho de campo foram realizadas no decorrer do ano de 2012 e início de 2013. Durante este período as observações e impressões da pesquisadora foram registradas em uma caderneta. A mesma buscou, de janeiro a junho de 2012, o contato concreto com homens e mulheres de nacionalidade peruana que trabalham como comerciantes no Centro Comercial Caxambú<sup>1</sup> e na Feira do Garimpeiro<sup>2</sup>. Também realizou o contato com profissionais peruanos que atuam nas áreas da saúde e educação. Foram contactados no total 60 peruanos, sendo 23 mulheres e

---

<sup>1</sup> Criado em 13 de dezembro de 2002, o Centro Comercial Caxambú possui quase 10 anos de história em Boa Vista. O nome do Centro é uma homenagem ao amazonense Manuel Barbosa de Araújo Filho, popularmente conhecido como Caxambú. Manuel, que chegou a Boa Vista em 1936, foi o primeiro vendedor ambulante da cidade. Disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/editoria/cidades/centro-comercial-caxambu10-anos-de-historia-em-boa-vista/> Acesso em: 07/08/2012.

<sup>2</sup> É uma feira que funciona nas manhãs de domingo até às 14h da tarde. Criada na década de 1980, momento em que o garimpo estava no auge, passou a representar um local onde os garimpeiros poderiam fazer seus ranchos para enviar a alimentação às regiões garimpeiras. Com o passar dos anos o local se popularizou e foi dando espaço a instauração de barracas de vendas. Disponível em: [http://www.folhabv.com.br/Noticia\\_Impressa.php?id=65186](http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=65186) / Acesso em: 07/08/2012.

37 homens de idades diversificadas que variavam entre 18 e 72 anos. No entanto, deste universo de pessoas somente 20 peruanos, 13 homens e 07 mulheres, concederam entrevista gravada. Tiveram aqueles também, um total de 10 pessoas, que responderam questionários. Os demais concederam somente conversas informais.

Cabe ressaltar que as primeiras pessoas contatadas forneceram o contato de seus amigos. No primeiro momento buscou-se explicar a razão e a natureza da pesquisa para que, posteriormente, fosse realizada uma entrevista formal. Embora tenha sido esclarecido que a pesquisa tinha cunho estritamente acadêmico, nem todos os contados aceitaram dar a sua colaboração. Alguns se demonstraram assustados e chegaram a pensar que a investigação tivesse alguma ligação com a Polícia Federal. A participação da pesquisadora na festa religiosa *Señor de Los Milagros*, realizada no dia 27 de outubro de 2012, foi fundamental para que novos contatos fossem obtidos, deixando claro que a rede de peruanos foi importante para a realização da pesquisa.

A referida festa iniciou com uma missa realizada em uma Igreja Católica, localizada no bairro Paraviana, e depois seguiu para a residência da família peruana anfitriã. O cardápio da festa foi preparado pelo próprios peruanos. Foram disponibilizados pratos doces e salgados. Algumas receitas foram adaptadas, outras foram feitas com ingredientes originários do Peru. O ceviche, a papa a la huacina e a mazamorra foram os pratos mais consumidos, destacando-se como os mais tradicionais para o grupo.

Em nível de análise empírica, o presente estudo visa ampliar o entendimento sobre os movimentos migratórios. Assim, é importante reconhecer que a validade da metodologia qualitativa não se assenta em questões de representatividade. Por isso que não foi definido previamente o perfil dos possíveis entrevistados e nem o número de quantas pessoas seriam entrevistadas. Os únicos requisitos pré-estabelecidos era que fossem trabalhadores e que residissem em Boa Vista há pelo menos 01ano.

Conforme Minayo (1999, p.103), a não escolha dos futuros entrevistados por critérios numéricos, não interfere na pesquisa, uma vez que numa abordagem qualitativa, “a questão da validade de uma amostragem está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente, em todas as suas dimensões”.

Grande parte das entrevistas com os migrantes peruanos durou cerca de 01 hora. Algumas se estenderam um pouco mais. Cada entrevista individual contemplou questões voltadas ao perfil socioeconômico dos entrevistados, a trajetória migratória, redes de

sociabilidade, representação e negociações identitárias. Os locais das entrevistas eram definidos em conjunto entre cada entrevistado(a) e a pesquisadora. Em grande parte foram realizadas no local de trabalho dos interlocutores. Somente algumas foram realizadas em residências. As transcrições das entrevistas foram feitas de forma integral. Para evitar algum tipo de constrangimento, optou-se em utilizar nomes fictícios para os interlocutores.

Também foram entrevistados 20 brasileiros, 11 homens e 09 mulheres, que frequentam os mesmos espaços frequentados pelos migrantes peruanos na cidade de Boa Vista. Cada brasileiro expôs a sua opinião sobre a presença de peruanos na capital roraimense. Alguns se prontificaram a favor, reconhecendo a importância da permanência dos mesmos. Já outros, realizaram críticas sobre os peruanos, argumentando que o comércio informal realizado por eles intensificaram cada vez mais as atividades associadas ao contrabando de mercadorias e de drogas.

As considerações feitas até aqui exigiram que os capítulos desta dissertação fossem estruturados da seguinte forma: O primeiro capítulo, intitulado “*A migração de peruanos para o Brasil: Uma discussão sobre redes migratórias, fronteiras e identidades*”, aborda o contexto da migração e dos deslocamentos compulsórios no Peru, dando ênfase as práticas migratórias de peruanos no Brasil, uma vez que este país passou a receber com frequência migrantes de nacionalidade peruana. Este capítulo aborda ainda a prática migratória de peruanos no contexto amazônico brasileiro e realiza algumas reflexões sobre a dinâmica da mobilidade humana transfronteiriça.

O segundo capítulo, intitulado “*Sonhos que cruzam fronteiras: Identidades negociadas a partir das redes migratórias*” apresenta os aspectos inerentes as contribuições do debate acerca da noção de redes migratórias. Dito em outras palavras, este capítulo demonstra como as redes migratórias podem consolidar o processo de socialização e negociação das identidades dos peruanos que migraram para Boa Vista.

Por sua vez, o terceiro capítulo, intitulado “*A presença de peruanos na cidade de Boa Vista/RR: Os múltiplos significados da migração em uma região de fronteira*” apresenta o processo de negociação das identidades no contexto migratório e seus reflexos na realidade boa-vistense. Observa ainda a estruturação e funcionamento das redes migratórias, deixando claro que a mudança de país não significa apenas uma mudança geográfica, mas sim a construção de espaços simbólicos entre os lugares por onde o sujeito migrante passa, vive e constitui-se em constante fluidez de sentidos atribuídos em seu cotidiano.

## CAPÍTULO 1 – A MIGRAÇÃO DE PERUANOS PARA O BRASIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE REDES MIGRATÓRIAS, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

*“Foi de lá de muito longe...  
Que decidi minha história mudar...  
Desisti de transportar tragédias nas costas...  
E com a esperança resolvi me reconciliar!!!  
De vez parti sem demora...  
Com a incumbência de a vida mudar...  
E aqui cheguei sem muitas delongas...  
Pronto para trabalhar!!!”*  
(Edson Milton Ribeiro Paes - 2007)

Considerada um fenômeno da contemporaneidade, a migração tem sido discutida por diferentes campos da ciência. Entre as principais motivações para a sua prática, Siqueira (2008) destaca as questões econômicas a partir da existência de mercados de trabalho secundários nos locais de destino. Entretanto, Barth (2009, p. 19) esclarece que o sentido migratório é muito mais que isso: “existem outros motivos, como os desejos de vivência em outro país, de mudanças e ampliação do conhecimento de outros processos culturais”.

Essa nova concepção sobre a prática migratória ajuda a esclarecer que o processo social da migração precisa ser entendido como sendo organizado por meio de redes migratórias. Conforme Soares (2004), a noção desse conceito colabora com o entendimento de que além de questões de ordem mais práticas como a viabilização de trabalho e hospedagem, as redes se configuram como local de memória e de reafirmação da identidade.

Hall (2003) defende que os locais das culturas são transitórios. Isso significa que quando um sujeito migrante cruza fronteiras culturais e geográficas distintas, este passa não apenas por uma mudança de localização, mas vivencia a construção de novos espaços simbólicos.

Essa nova tendência do fenômeno migratório contribui para a compreensão de que, neste trabalho, a dinâmica da migração é pensada a partir de sua notoriedade no limiar do século XXI. Por isso, quando utilizamos o termo migração estamos nos referindo a prática de deslocamento tanto a nível nacional quanto internacional, com o intuito de salientar os fatores que estão para além do aspecto econômico, como as relações sociabilidade, por exemplo. Nesta perspectiva, compreendemos a migração a partir do entendimento das redes migratórias, isto é, teias de relações sociais que valorizam as relações de parentesco, de amizade, de trabalho e de conterraneidade.

Dentro dessa mesma perspectiva, Renner e Patarra (1980) esclarecem que a migração pode ser subdividida em dois grupos: as migrações internas e as migrações internacionais. Entretanto, os autores deixam explícito que esta divisão é artificial, pois as motivações para migrar, os tipos de pessoas que migram e os efeitos sociais de ambos os tipos de migração são semelhantes. Assim, é possível concordar com os referidos autores no sentido de entender que as migrações internacionais são um *continuum* e fazem parte do processo das migrações internas de diferentes países.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (PNUD, 2009), a maioria das pessoas que se desloca, o fazem dentro do seu próprio país e somam algo em torno de 740 milhões de pessoas. Outro dado do PNUD (2009) é que entre as pessoas que se deslocaram atravessando fronteiras nacionais, a maioria é migrantes internacionais que se mudaram de um país em desenvolvimento para outro, ou entre países desenvolvidos. Isso corrobora com a afirmação de que o Brasil vem se tornando destino prioritário na América do Sul para os migrantes dos países fronteiriços.

Ainda, segundo o mesmo relatório (PNUD, 2009, p.21), os migrantes internacionais são aproximadamente 214 milhões, ou 3,1 % da população mundial. Com já dito anteriormente, a maior parte destas migrações ocorre entre países com o mesmo nível de desenvolvimento, ou seja, cerca de 60% dos migrantes desloca-se entre países em desenvolvimento, ou entre países desenvolvidos.

A partir da segunda metade do século XX foi possível perceber o aumento expressivo de migrantes dirigindo-se para os países em desenvolvimento do continente americano. Países da América do Sul como o Brasil, a Argentina e a Venezuela passaram a receber um fluxo cada vez maior de migrantes dos países vizinhos. Contrariamente às migrações dos séculos XIX e XX, as migrações atuais na América do Sul registram dinâmicas migratórias que vinculam os países de origem com outros destinos migratórios dentro da própria América do Sul. Segundo a CEPAL (2005), de acordo com os dados do Centro Latino Americano de Demografia (CELADE) esse número passou, em 2000, de 21 milhões, para 26 milhões em 2005. Isso representa cerca de 13% dos migrantes internacionais em nível mundial. Essa nova tendência das migrações internacionais, ou seja, migração entre os países que fazem fronteiras abarca desafios e potencialidades, sobretudo em vista da promoção dos direitos humanos e da integração regional.

Em torno dessa nova configuração, chama atenção, no contexto urbano brasileiro, a presença crescente, a partir da década de 1950, de migrantes peruanos, que passaram a se inserir em alguns setores do mercado de trabalho brasileiro, tais como, comércio, saúde, educação, gastronomia, entre outros. As razões que levaram esses migrantes a saírem de seu país de origem são múltiplas, porém, é possível destacar a proximidade geográfica entre o Peru e o Brasil como um dos pontos mais impulsionadores desta corrente migratória.

De acordo com Silva (2011), muitos dos peruanos que vivem em solo brasileiro são oriundos da Amazônia Peruana ou da capital, Lima. Para Oliveira (2007, p.198), “durante muito tempo a cidade de São Paulo foi o destino mais procurado pelos migrantes peruanos que optaram pelo Brasil”. Entre os motivos desta escolha, a mesma autora destaca o fato desta cidade ser uma grande metrópole, podendo apresentar uma grande diversidade cultural e maiores possibilidades de emprego.

No entanto, a partir da década de 1980 algumas cidades da Amazônia brasileira também passaram a ser ponto de referência para a migração de peruanos. Muitos passaram a escolher Manaus, capital do estado do Amazonas e uma das principais cidades da Amazônia brasileira, para reconstruírem suas vidas. Outros seguiram sua trajetória rumo ao extremo norte do Brasil, fixando moradia em Boa Vista, capital do estado de Roraima, ou em Pacaraima, cidade que faz fronteira com a Venezuela.

### **1.1 O Peru no contexto das migrações e dos deslocamentos compulsórios**

O Peru é uma República Presidencialista Democrática, dividida em 25 departamentos<sup>3</sup>. A sua geografia é bastante variada, pois exibe tanto planícies quanto picos nevados e a floresta amazônica. Entre suas principais atividades econômicas estão a agricultura, a pesca, a exploração mineral e a manufatura de produtos têxteis. A língua espanhola é o idioma oficial e a população está estimada em 29,5 milhões<sup>4</sup>, e é reconhecida por possuir um alto grau de mestiçagem. Do ponto de vista da economia, estudos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL, 2011) consideram o Peru um país em desenvolvimento com um nível de pobreza em torno de 31,3% da população.

---

<sup>3</sup> Amazonas, Ancash, Apurímac, Arequipa, Ayacucho, Cajamarca, Callao, Cusco, Huancavelica, Huánuco, Ica, Junín, La Libertad, Lambayeque, Lima, Loreto, Madre de Dios, Moquegua, Pasco, Piura, Puno, San Martín, Tacna, Tumbes e Ucayali.

<sup>4</sup> A projeção de população efetuada pelo Instituto Nacional de Estadística e Informática (INEI) estima esse número de habitantes no Peru em 2012.

Ponce (1970) destaca que geograficamente esse país compreende três grandes regiões: A “*costa*”, situada ao longo do oceano pacífico com uma extensão de 144.213 km<sup>2</sup>, composta por pequenos vales e rios de curso irregular; A “*serra*”, que possui uma superfície de 419.529 km<sup>2</sup>, que se estende do sul ao norte do território nacional e a “*selva*”, que é a zona mais extensa com uma superfície de 747.288 km<sup>2</sup>. Essa região começa a partir de 2.000 metros no lado oriental da cordilheira dos Andes e se perde na selva amazônica.

Diante desse contexto, é importante ressaltar ainda que, desde os anos 1940 até os dias atuais, a sociedade peruana tem vivido uma intensa transformação populacional devido aos movimentos migratórios internos, que têm sido causados por diferentes motivos relacionados, principalmente, ao êxodo rural, que entre as suas principais causas podemos destacar: a deterioração da atividade rural, especialmente na região da serra; a escassez das terras agrícolas; o desequilíbrio econômico e a falta de oportunidades nas distintas regiões do país, sobretudo, entre os anos de 1980 a 2000.

De uma população majoritariamente rural em 1940, o Peru passou a ter uma população urbana a partir de 1972. Essa tendência que seguiu em aumento para as grandes cidades peruanas, principalmente para a capital do país, o departamento de Lima, que tem ocupado uma situação de privilégio, já que se converteu no principal centro das atividades político-administrativas do Peru, provocando um maior crescimento de sua população.

Lima é um departamento situado na costa central do Peru, as margens do Oceano Pacífico, onde forma uma área urbana constituída por várias províncias, conhecida como Região Metropolitana de Lima, as quais se estendem sobre os vales dos rios Chillón, Rímac e Lurín, tendo como sede a província de Callao. A capital peruana faz limite ao norte com o departamento de Ancash, ao leste com os departamentos de Huánuco, Pasco e Junín, ao sul com o departamento de Ica e com a Província Constitucional de Callao ao oeste.

A Região Metropolitana de Lima tem expandido sua atividade industrial desde a década de 1950, ampliando o comércio e o setor de serviços. Em decorrência disso, experimentou um significativo crescimento de sua população que, sem dúvida, cresceu devido as políticas migratórias. De acordo com o Instituto Nacional de Estadística (INE), no ano de 2010, Lima concentrava 29% da população nacional, 69% do produto interno industrial, 87% da arrecadação fiscal, 98% dos investimentos privados, 48% dos leitos hospitalares e 33% da população economicamente ativa. Esses números demonstram o desenvolvimento de Lima em

relação aos demais departamentos do Peru, o que a torna principal foco de atração populacional.

Ainda segundo o INE (2005), até o ano de 1993 o movimento migratório com direção a Lima havia variado em intensidade e número. Neste sentido, pode-se afirmar que tal movimento foi originado a partir de distintos departamentos peruanos. Os que enviaram maior número de migrantes a Região Metropolitana de Lima foram Ancash, Junin, Ayacucho, Cajamarca, La libertad, Piura, Apurimac, Ica, Cusco e Arequipa. Cabe acrescentar que boa parte desses departamentos tem uma alta porcentagem de necessidades básicas com grande deficiência, sobretudo em suas áreas rurais.

Em termos gerais, o “*Censo Nacional de Poblacion*”, expõe que a distribuição da população de Lima, no ano de 1993, segundo a condição de migração expressa 60% de nativos e 40% de migrantes. Sobre os migrantes é possível afirmar que 30% eram de antiga residência, já os restantes passaram a viver em Lima cinco anos antes do censo de 1993. O mais interessante é que as mulheres migraram mais que os homens, representando um número de 52%. Apesar desses números, nos anos seguintes, precisamente entre 1994 a 2007, a prática migratória interna entrou em declínio, visto que aumentou a saída de peruanos para outros países. De qualquer forma, para Franco (1991) o processo de migração interna ocorrida no Peru é considerado o modo de expressão da ruptura histórica mais importante da sociedade peruana do século XX, uma vez que representa a transição da sociedade rural para a sociedade urbana.

No que diz respeito ao processo de saída de peruanos para diversos países do mundo, Altamirano (2006) distingue cinco fases de acordo com os destinos escolhidos, a composição dos migrantes e as condições em que se deu esse fenômeno: a primeira fase vai de 1910 a 1949; a segunda que vai de 1950 a 1969; a terceira vai de 1970 a 1979; a quarta, de 1980 a 1992 e a quinta fase, de 1993 até os dias atuais.

Na primeira fase, os migrantes podem ser divididos em dois grupos: o primeiro formado pela oligarquia comercial, que tinha como principal destino a Europa, principalmente Espanha e Inglaterra, já que, naquela época, viajar para a Europa significava ter grande prestígio e poder. Já o segundo grupo era representado por trabalhadores manuais, cujo principal destino eram os Estados Unidos, para onde viajavam em busca de trabalhos como operários. Esse fluxo foi interrompido nos períodos da Primeira e Segunda Guerra mundial.

Na segunda fase, a classe média se juntou aos grupos mencionados acima. Profissionais liberais, empresários e estudantes desta classe se dirigiram principalmente para os Estados Unidos, país que se encontrava em expansão econômica. Esse período coincide com a reconstrução europeia, após a Segunda Guerra Mundial. A saída de peruanos para a Europa Ocidental seguia sendo a preferência dos membros da oligarquia, ainda que no final desse período, a França tenha recebido muitos estudantes. Contudo, ainda nessa época, peruanos deslocaram-se para países da América do Sul, como a Argentina e a Venezuela.

A terceira fase foi marcada pela ação de governos militares. Contudo, durante esses anos se ampliou o interesse em sair para a Europa. Foi a época em que os países socialistas começaram a receber peruanos. Além do mais, igualmente aos Estados Unidos, o Canadá e a Austrália passaram a receber muitos profissionais e trabalhadores especializados.

A quarta fase compreende o período da volta da democracia, e ao mesmo tempo, o início da maior violência política que o Peru já havia experimentado. Paralelamente iniciou uma crise econômica e, como consequência, o empobrecimento do país. Um dos efeitos desse período foi o aumento da saída de peruanos para o exterior. Pela primeira vez, os países escandinavos receberam peruanos, em particular os refugiados políticos e trabalhadores econômicos<sup>5</sup>, enquanto os países europeus recebiam estudantes. Por outro lado, países da América Central e do Sul começaram a receber com mais frequência trabalhadores peruanos qualificados e não qualificados. Os Estados Unidos e o Canadá também continuaram recebendo esses trabalhadores. O Japão, por sua vez, passou a abrir suas fronteiras para muitos trabalhadores econômicos. Contudo, foi possível visualizar peruanos se dirigindo a outras regiões como Caribe, o sul da Ásia e países árabes. Na verdade, é a partir dessa fase que as mulheres, sobretudo de zonas rurais e cidades pequenas da serra e da costa, se incorporaram entre as pessoas que decidiam sair do Peru para viver em outro país.

Na quinta e última fase, a migração para outros países tornou-se uma opção para todas as classes sociais e grupos culturais do Peru, exceto para os pobres do campo e das cidades e os nativos da Amazônia Peruana que, como alternativa passaram a se deslocar para os países vizinhos, em particular para o Brasil.

Essas informações fornecidas por Altamirano (2006) podem ser complementadas pelos dados fornecidos pela Organización Internacional para las Migraciones (OIM) em uma pesquisa realizada no ano de 2012. De acordo com os dados obtidos estimula-se que 3,5

---

<sup>5</sup> Na perspectiva econômica, são trabalhadores que se inserem em outros mercados de mão de obra.

milhões de peruanos saíram do país. Destes, 2,4 milhões saíram nos últimos 20 anos. Cerca de 75% dos migrantes peruanos têm entre 19 e 49 anos de idade. As mulheres representam a maioria, embora em algumas regiões a migração peruana seja predominantemente masculina, como é o caso de algumas cidades da região norte do Brasil.

Em sua grande parte, a migração peruana é uma migração de caráter laboral. Mais de 70% dos peruanos saem de seu país por melhorias econômicas. Cerca de 90% desses migrantes concentram-se nos seguintes países: Estados Unidos, 31,5%; Espanha, 16%; Argentina, 14,3%; Itália, 10,1%; Chile, 8,8%; Japão, 4,1% e Venezuela, 3,8%. Entretanto, a pesquisa constatou ainda novos destinos escolhidos por esses estrangeiros: Alemanha, Brasil, Canadá e França.

Para compreender a complexidade do ingresso dos migrantes peruanos no Brasil e na Amazônia Brasileira, é necessário considerar que a migração peruana está pautada no tema dos deslocamentos compulsórios resultantes de um projeto político neoliberal que centraliza os bens e serviços numa relação marcada pelas desigualdades sociais. Além disso, também é importante considerar que a migração peruana está pautada no tema dos conflitos internos que se alastraram no período da ditadura militar no Peru.

Esse esclarecimento é necessário porque é importante levar em consideração que os migrantes econômicos do Peru, em situações adversas, foram forçados ao deslocamento compulsório, que, conforme Oliveira (2008) é a principal característica da mobilidade humana na tríplice fronteira Peru, Colômbia e Brasil. Diante desses apontamentos é necessário ressaltar que a violência que força a saída de peruanos de seu país de origem pode ser justificada pelas imposições econômicas e o permanente conflito agrário da selva peruana que continuam sendo uma das principais causas da migração de trabalhadores econômicos.

De acordo com Oliveira (2008), esta análise torna-se pertinente pelo fato de situar os impactos da migração transfronteiriça<sup>6</sup> na Amazônia Brasileira, visto que até chegar ao destino deste itinerário, os sujeitos deste processo passam por vários estágios que vão desde os projetos migratórios, que implicam a “*opção pela migração*”, até os fatores que implicam nos deslocamentos compulsórios, sumariamente forçados como é o caso dos refugiados. Segundo a mesma autora, o destaque para a expressão “*opção pela migração*” se deve a necessidade de se desenvolver estudos que problematizem os processos migratórios

---

<sup>6</sup> De acordo com Rodrigues (2006), a migração transfronteiriça pode ser entendida como a migração que ocorre em territórios contíguos a uma determinada fronteira nacional, ou seja, as migrações ou trânsito entre fronteiras de países vizinhos, zonas e regiões fronteiriças.

contemporâneos de forma crítica. Por isso, que no capítulo seguinte este trabalho dará destaque às abordagens teóricas que possuem como base as novas categorias da sociologia dos deslocamentos compulsórios.

Ainda de acordo com Oliveira (2008), duas correntes teóricas subsidiam as políticas migratórias na atualidade: O positivismo que é responsável por sustentar a lógica da migração espontânea, tendo como base os projetos migratórios planejados e decididos sob a égide do livre arbítrio; e a teoria crítica que busca analisar os deslocamentos compulsórios a partir das contradições inerentes ao sistema capitalista que, na sua essência, produz os mecanismos que provocam a mobilidade humana, ora para deslocar mão-de-obra, ora para fazer circular as pessoas no mesmo nível da circulação das mercadorias, ora para servir aos interesses puramente econômicos abalizados pelos controles políticos transnacionais.

Para Milesi e Andrade (2010, p.03),

é sempre oportuno repetir que nem todas as migrações são necessariamente resultado da exclusão e/ou da violência sofrida pelo ser humano. Algumas pessoas, que estão inseridas e plenamente situadas, podem livremente optar por sair de seu país/lugar de origem e colocar-se num processo migratório. Entretanto, essa não é a realidade da maioria. Assim, o pano de fundo do atual movimento migratório é a globalização em suas diversas expressões, positivas e negativas.

Bauman (2007) esclarece que a globalização, com predomínio econômico, coloca em segundo plano muitos aspectos do processo de aproximação das pessoas e das nações. Em decorrência disso, questões referentes à mobilidade humana são tratadas, muitas vezes, como fluxo de mão-de-obra a ser aceita ou rejeitada em função de interesses meramente econômicos.

Esta redução do ser humano a simples mercadoria proporciona a reflexão de que os fluxos migratórios criam, muitas vezes, nos governantes e na população distintas representações que possibilitam, em grande parte dos casos, que os migrantes sejam vistos como ameaça no mercado de trabalho, no uso dos serviços públicos e no aumento da violência.

Com esta visão distorcida, a questão migratória passa a ser vista pelo Estado brasileiro e pela própria população como problema. Diante desse contexto, a discussão sobre os deslocamentos compulsórios torna-se pertinente para compreender que em muitos casos

das migrações atuais o ato de migrar é uma decisão forçada por motivos que variam desde as causas econômicas, as causas sociais, políticas e naturais.

Para esclarecer ainda mais essa discussão sobre deslocamentos compulsórios, cabe agora retomar algumas questões teórico-conceituais sugeridas por Vainer (2001, p.182). Este autor reconhece que os processos ligados a prática dos deslocamentos compulsórios denunciam a crise das “teorias migratórias” que, inspiradas no economicismo liberal neoclássico ou no economicismo do determinismo estruturalista, sistematicamente desconhecem a dimensão política do fato migratório. Dito em outras palavras, essas teorias são incapazes de compreender que as relações entre os grupos sociais, corpos e territórios, remetem a processos de dominação e não apenas a processos econômicos.

Paradoxal ao momento em que se proclama um mundo sem fronteiras e a decomposição dos estados, Vainer (2001, p.183) expõe que a crise vivenciada pelas teorias migratórias oferece uma chave de leitura para interpelar os novos espaços globais em construção e o discurso hegemônico que sobre eles se elabora e que pretende legitimá-lo. Porém, a crítica as limitações dessas teorias tradicionais não é suficiente. Ao lado da tarefa teórica e conceitual, uma tarefa política desafia não apenas aos deslocados, clandestinos, exilados, refugiados e indocumentados, mas sim a todos os cidadãos do mundo.

## **1.2 Brasil: Um lugar de destino para os migrantes peruanos**

Segundo divulgação do periódico “*El Comercio*”, em 2007, nas últimas décadas cerca de um milhão e seiscentos e sessenta e cinco mil peruanos saíram de seus países, vindo aproximadamente 31.532 para o Brasil. Essa migração explicada pelas teorias migratórias tradicionais como estratégia predominantemente econômica para diferentes lugares do planeta intensificou-se a partir das últimas décadas do século XX.

Muitos peruanos procuraram se instalar nos países vizinhos, fortalecendo o movimento migratório entre os países de fronteira. O Brasil é o destino mais procurado, havendo, de início, opção pela cidade de São Paulo, como já foi mencionado anteriormente.

Lucena (2006, p.66) destaca que boa parte dos migrantes peruanos tinha a intenção de “utilizar a cidade de São Paulo como lugar de conexão para outros países europeus, porém acabaram se radicando na metrópole paulistana”. A mesma afirma ainda que os grupos de peruanos instalados em São Paulo são heterogêneos, compreendendo uma faixa etária de vinte

a quarenta anos de idade, com um número acentuado de solteiros e com um grau de escolaridade mais elevado, geralmente com nível médio.

Como já foi ressaltado, além de São Paulo, os peruanos se encontram também em outros estados brasileiros, como é o caso do Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Amazonas, Acre, Roraima, e outras áreas de fronteiras<sup>7</sup>. Nessas regiões predominam entre os migrantes as profissões liberais, técnicas e outras relacionadas ao comércio, ao setor de serviços, educação e saúde. No que diz respeito a composição étnica desses migrantes, Silva (2001, p.491) destaca que “a maioria apresenta um componente étnico indígena relacionado as etnias aimará e quéchua. Muitos também utilizam a naturalização como forma de inserção na sociedade brasileira”.

No cenário atual da globalização, as recentes tendências da migração de peruanos para o Brasil requer uma incorporação de novas dimensões explicativas e uma reavaliação do contexto de luta e compromissos internacionais assumidos em prol da ampliação e efetivação dos direitos humanos desses migrantes. É bom lembrar também que Silva (2001, p.489) reconhece que “o discurso da globalização, quando tomado de forma generalizada, incorre o risco de nivelar as diferenças e dificuldades enfrentadas por cada grupo de migrantes, nos mais diferenciados contextos sociais”.

Os entraves jurídicos da documentação, por exemplo, é um elemento comum que nivela todos os migrantes peruanos, sejam eles qualificados profissionalmente ou não. Além de afetar os migrantes de forma direta, a indocumentação incide também sobre as famílias de cada um. Este anacronismo transforma-se num dos empecilhos que os migrantes encontram para poderem desfrutar dos direitos e deveres que a cidadania implica.

Ainda sobre a questão dos direitos sociais, Silva (2001, p.494) acredita que “as fronteiras geográficas e políticas precisam “desaparecer” para dar lugar a uma maior circulação não só de bens e serviços especializados, mas também de oportunidades e bens culturais para toda a população”. Isso nos estimula a perceber que os migrantes peruanos também são produtores de bens simbólicos e contribuem para tornar a dinâmica cultural brasileira mais plural e enriquecedora para todos.

---

<sup>7</sup> Segundo Sales e Baeninger (2000, p.41) existem pelo menos 16 áreas de fronteiras que envolvem desde a Guiana Francesa até o Uruguai, nas quais se constata um deslocamento emergente de pessoas. São elas: Bonfim (Roraima) – Lethem (Guiana); Tabatinga (Amazonas) – Letícia (Colômbia); Pacaraima (Roraima) – Santa Elena de Uairén (Venezuela); Santana do Livramento (Rio Grande do Sul) – Rivera (Uruguai); Barra do Quaraí (Rio Grande do Sul) – Bella Unión (Uruguai).

Desta forma, é importante afirmar que os migrantes peruanos procuram ser sujeitos da sua própria reprodução cultural, conquistando espaço na sociedade receptora. Simmel (1983, p.183) compartilha dessa ideia ao afirmar que “a condição de estrangeiro significa que ele, que está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: É uma forma específica de interação”. Isso significa que na medida em que os grupos formados pelas redes migratórias se tornam mais visíveis, os espaços sociais são fundamentais para desencadear o processo de negociação das identidades.

### **1.3 A migração peruana no contexto amazônico**

A Amazônia, longe de ser homogênea, é uma região extremamente diversificada tanto em sua paisagem como em sua população. Localizada ao norte da América do Sul, atinge parte dos territórios dos Estados nacionais brasileiro, venezuelano, colombiano, peruano, boliviano, equatoriano, surinamês e guianenses (República Cooperativa da Guiana e Guiana Francesa). Segundo Aragón (2005) não existe consenso entre os pesquisadores para delimitar exatamente o tamanho dessa região e calcular sua população.

A Amazônia brasileira, por sua vez, abrange os estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Goiás, Mato Grosso, Acre, Amapá, Rondônia, Tocantins e Roraima perfazendo uma área que equivale a 61% do território brasileiro. O IBGE divulgou, em 2009, que a população amazônica brasileira é estimada em 24,7 milhões de pessoas, das quais 62% habitam a zona urbana e 38% a zona rural. Ou seja, a Amazônia brasileira deixou de ser, nas últimas décadas, uma região rural para tornar-se predominantemente urbana.

No entanto, o crescimento da população urbana na Amazônia brasileira não foi acompanhado por implementação de infra-estrutura para garantir condições mínimas de qualidade de vida a seus habitantes. Estes problemas impactam fortemente as cidades amazônicas, entre elas, a cidade de Manaus que, conforme censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, continua sendo a mais populosa capital da Amazônia brasileira, com 1.718.584 habitantes.

Neste sentido, é possível inferir que o processo histórico de ocupação humana da região amazônica teve influência das migrações, principalmente as transfronteiriças, uma vez que a região faz fronteira com vários países, ao mesmo tempo em que se encontra em fase de estruturação e cujas dinâmicas são intensas e instáveis. Esse processo de ocupação da região

amazônica brasileira tem sido objeto de detalhados estudos, sobretudo por parte de cientistas e pesquisadores sociais, uma vez que os movimentos populacionais são fenômenos que influenciam não só a configuração e a ocupação da região amazônica, mas também, os processos de multiculturalização.

A migração internacional para a Amazônia brasileira não é uma prática apenas contemporânea. De acordo com Xavier (2012, p.94),

desde o período colonial (sécs. XVI-XIX), há registros históricos de estrangeiros que se embrenharam na região hoje compreendida como Amazônia Brasileira, a fim de estabelecer, fortalecer ou defender seus domínios em regiões estratégicas às margens do Rio Amazonas e seus afluentes. A presença de portugueses era marcante, mas outros migrantes colonizadores (espanhóis, holandeses, franceses e ingleses) também se aventuraram pelas florestas da região a partir das vias fluviais.

Aragón (2009) complementa a constatação de Xavier (2012) ao afirmar que a Amazônia brasileira acompanhou o período das grandes migrações do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX. O fluxo de migrantes internacionais para o Brasil se fortaleceu a partir de 1870 e, sobretudo, após a abolição da escravatura, em 1888, como resultado de diversas transformações socioeconômicas e demográficas da Europa, da expansão do capitalismo e de políticas estatais do Brasil para atrair europeus para suprir a escassez de mão-de-obra causada pela liberação dos escravos e pela política de branqueamento. Os migrantes procediam, sobretudo, de Portugal, Itália, Espanha e Alemanha.

Patarra & Baeninger (2006) esclarecem que os fluxos migratórios ocorridos na segunda metade do século XIX com destino para a região norte do Brasil, mais especificamente para a Amazônia, aconteceram em um contexto pré-industrial, época em que a economia estava alicerçada na exploração da seringa e outras “drogas” do sertão” e a agricultura ainda estava se expandindo.

Emmi (2009) verifica que os censos de 1872 a 1950 esclarecem que embora os estrangeiros tenham se concentrado na região centro-sul do Brasil, espalharam-se por todo o país. Para a Amazônia, por exemplo, dirigiram-se principalmente portugueses, italianos, espanhóis, e sírio-libaneses, atraídos pela economia da borracha. Ainda na época da borracha havia, também, ingleses, franceses, norte-americanos e de muitas outras regiões e países. Os japoneses só passaram a se deslocar para Amazônia na década de 1930.

Aragón (2011, p.85) complementa que no século XX, as migrações internacionais que tomaram a Amazônia como destino seguiu determinadas “etapas” que permitem visualizar o aumento significativo das migrações regionais e fronteiriças. O boom da borracha durante a Segunda Guerra Mundial e a implantação de Grandes Projetos em meados do século XX fizeram com que os migrantes estrangeiros e nacionais, em especial os nordestinos, escolhessem a região como destino.

Por outro lado, conforme Vincentini (2004, p.128), “o sistema extrativista, que gerava o crescimento urbano, provocava também, o declínio da atividade agrícola, atraindo mão-de-obra urbana ou dispersando os migrantes arregimentados pelos seringais em meio à floresta”. Santos (1980) comenta que quando os meios ciclos econômicos entraram em seu período declinante, no início do século XX, algumas medidas foram articuladas para impedir a queda dos preços internacionais da borracha.

O Plano de Defesa da Borracha, criado em 1912, abordava questões relativas ao processo de extração, sua industrialização, políticas de migração, saúde, transportes, agricultura e pesca. No que diz respeito a política de migração, incluída no plano, previa a construção, por conta da União, de hospedarias em Belém, com a capacidade para 1.500 imigrantes; em Manaus, para 1.200 e, no Acre, para 800, de forma similar as hospedarias construídas em outros períodos, em especial nas cidades da região sul do país.

Entretanto, não foi possível combater com êxito a queda da atividade extrativista, que produziu um refluxo de população e um esvaziamento nas pequenas cidades. Conforme coloca Vincentini (2004, p.149), “as cidades de Belém e Manaus, as capitais da borracha, foram as mais afetadas pela estagnação e passaram a receber o êxodo dos seringais”.

Ao contrário do que geralmente se pensa, mesmo após o colapso da borracha, muitos migrantes continuaram se deslocando para a Amazônia. Cabe lembrar, que de acordo com Emmi (2009) foram os estrangeiros, em especial os comerciantes, os pequenos industriais e trabalhadores em geral, os grandes responsáveis por sustentar a economia após o declínio da economia da extração do látex, já que chegaram a instalar pequenas fábricas e estabelecimentos comerciais para abastecer o mercado local, substituindo produtos que não podiam ser importados do mercado europeu.

Após a Segunda Guerra Mundial, apesar dos esforços dos governos das distintas províncias existentes na Amazônia em estabelecer colônias agrícolas com mão-de-obra europeia, os projetos não prosperaram e a migração internacional passou a ocorrer de forma

espontânea, concentrando-se principalmente nas cidades. Recentemente, a análise das migrações internacionais para a região amazônica tem se concentrado no fluxo de entrada dos países vizinhos como Bolívia, Peru, Colômbia, Guiana, Venezuela, entre outros. Grande parte dos migrantes que se desloca para a Amazônia brasileira dirige-se ao estado do Amazonas à procura de empregos gerados pela Zona Franca de Manaus e/ou por oportunidades de exploração florestal ou mineradora. É importante ressaltar que muitos deles permanecem na clandestinidade, isto é, sem documentação legal, à margem de qualquer levantamento estatístico.

A migração internacional na transfronteira amazônica, como em quase todos os processos de migração no mundo, é fruto de complexas redes sociais. Como afirma Oliveira (2008), a migração de países fronteiriços para o Brasil, em especial a Amazônia, não é um fenômeno novo, já que depois de receber grandes fluxos migratórios provenientes da Europa, no início do século XX, o Brasil passou por uma fase de migração interna muito intensa, marcada predominantemente pelo êxodo rural. Foi somente a partir da década de 1970, que o Brasil passou a ser grande receptor de migrantes dos países vizinhos, como Bolívia, Chile, Paraguai, Peru, Venezuela e outros países sulamericanos.

Segundo Oliveira (2006, p.188), ao longo das décadas de 1980 e 1990, o serviço da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Manaus registrou em seus arquivos um elevando número relativo à chegada de migrantes, de países sulamericanos à capital amazonense, especialmente os peruanos e colombianos.

Alguns estudos supõem que tal afluxo de pessoas em Manaus e em outras cidades da Amazônia brasileira tenha sido estimulado pelos efeitos decorrentes das estratégias de implementação dos grandes projetos a partir da década de 1970, época em que os baixos índices demográficos eram confrontados por medidas governamentais de ocupação.

Por outro lado, a Amazônia brasileira, ao se inserir cada vez mais no circuito econômico internacional, reestrutura seus espaços e território numa malha de interesses cuja condição de fronteira mundial confere um sentido especial à mobilidade populacional. Os investimentos em tecnologia e em infraestrutura tem colaborado com o desenvolvimento e, conseqüentemente, atraído mais pessoas para a região. Tal questão implica entender que neste início de século existe na Amazônia um novo patamar de expansão e integração nacional. O que antes era chamado de vazio demográfico, hoje simboliza uma realidade complexa constituída por múltiplos sujeitos portadores de diferentes matrizes de racionalidade,

particularmente relevantes nesse momento em que mudanças de padrões tecnológicos e socioculturais se colocam em questão (BECKER, 2004).

A Amazônia peruana é muito similar a Amazônia brasileira. Segundo Gow (2003), compreende 37% do território peruano e sua população se concentra principalmente em suas duas principais cidades, Iquitos, no rio Amazonas, e Pucallpa, no Ucayali. Sua base produtiva está centrada na agricultura, na extração florestal e na extração de hidrocarburos.

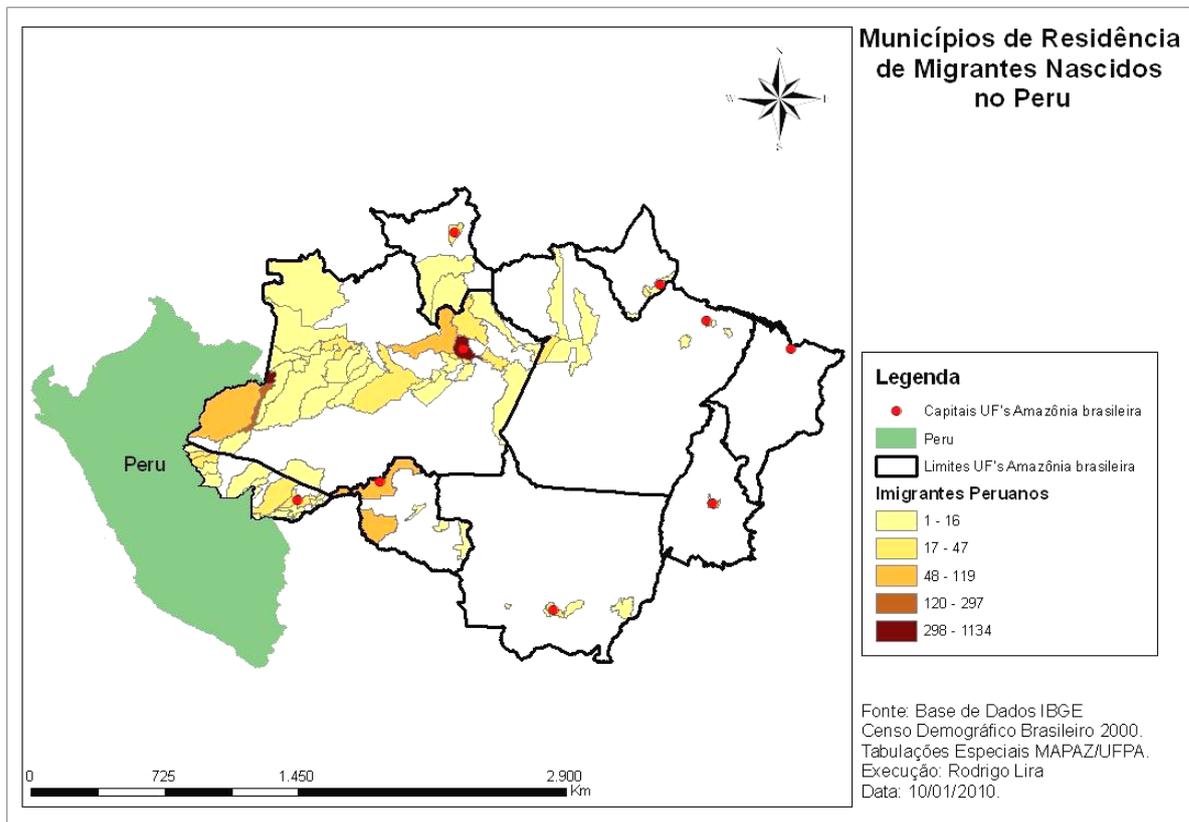
O PIB da Amazônia peruana representa 6,7% em relação ao PIB do Peru. O padrão de ocupação da Amazônia peruana é complexo, grande parte da população está concentrada em área de difícil acessibilidade e 50% delas vivem nos centros urbanos. Habitam esta região mais de 300 mil indígenas distribuídos por 1.500 comunidades nativas reconhecidas e pertencentes a 65 grupos étnicos e 14 famílias lingüísticas. Segundo Huallpa (2009), esta região tem um nível de pobreza altíssimo. Ou seja, 77% da população vive na faixa da linha da pobreza e a desnutrição infantil atinge 35% das crianças. Segundo este mesmo autor, a partir de 1960, a Amazônia peruana recebeu grandes contingentes de migrantes provenientes da serra e costa peruana. As causas para este fenômeno seriam a reforma agrária, o surgimento da subversão, a hiperinflação, a crise econômica, o empobrecimento da região andina do Peru, o desemprego e o narcotráfico.

Podemos destacar também os aspectos políticos e econômicos do Peru, os conflitos agrários, o avanço do latifúndio e o os processos de industrialização nos moldes capitalistas como elementos responsáveis por impulsionar a saída de homens e mulheres do Peru. Como já foi exposto, muitos peruanos migram num primeiro ciclo, dentro dos próprios limites regionais do Peru. Entretanto, esse processo se dá, primeiramente, dos pequenos povoados e aldeias interioranas para as cidades maiores, tais como Arequipa, Iquitos, Yurimaguas e Pulcallpa. De um modo geral, “a migração para a Amazônia Peruana, tem origem nas zonas altoandinas; já a emigração da Amazônia Peruana, tem como destino a capital Lima e as cidades costeiras” (HUALLPA, 2009, p.199).

Sobre a entrada de peruanos em território amazônico brasileiro, constata-se que essa prática migratória passou a ter maior relevância a partir de meados da década de 1980, estendendo-se até os dias atuais. Trata-se, na verdade, de um fluxo eminentemente de migrantes trabalhadores que ingressaram na região sem os documentos necessários, permanecendo em situação irregular por muito tempo (Figura 01). Isso ocorre, inclusive, pela vastidão da selva amazônica que torna impossível um controle totalmente eficaz. O trânsito na

fronteira é facilitado pela locomoção que é financeiramente mais viável, tanto via terrestre quanto via transporte fluvial (OLIVEIRA, 2008).

**Figura 01: Fluxo de Migrantes Peruanos na Amazônia Brasileira**



**Fonte:** LIRA (2010).

Os peruanos que migram para os Estados Unidos, Japão e/ou países da Europa são aqueles mais capitalizados ou que contam com uma boa rede de apoio, enquanto os que se deslocam entre os espaços transfronteiriços amazônicos seriam aqueles que dispõem de poucos recursos para uma migração, cujos investimentos iniciais seriam muito alto.

Conforme os estudos de Silva (2011), o perfil dos peruanos que optaram migrar para a Amazônia Brasileira foi se construindo desde a década de 1980, enquadrando-se no já conhecido perfil das migrações laborais que marcaram o continente sulamericano no século XX. A princípio, a migração peruana era predominantemente masculina, mas nos últimos anos foi possível visualizar a presença de homens e mulheres, na faixa etária que vai dos 20 aos 35 anos, com um nível de escolaridade equivalente ao ensino médio no Brasil. Entretanto,

é possível encontrar também peruanos com o ensino fundamental incompleto ou com nível superior. Ainda em relação a faixa etária, é bastante comum encontrar pessoas com mais de 40 anos de idade, indicando um processo de migração de família ampliada<sup>8</sup>. Nesse caso, algum familiar com uma condição econômica melhor, começa a trazer outros membros de suas famílias, entre eles, irmãos, pais, tios e sobrinhos. Contudo, para os migrantes nessa faixa etária, o processo de inserção em um novo contexto, às vezes causa conflitos, seja pelas diferenças culturais, seja pela pouca qualificação, fato que interfere na qualidade de vida dos mesmos. É o caso do senhor José Marco, de 72 anos e com o nível de escolaridade primária. Atualmente ele vive em Boa Vista com um sobrinho e atua no comércio informal, vendendo roupas e utensílios domésticos:

Yo vivía solo en Ica. Mi sobrino me invitó a vivir aquí con él. Pero cuando llegué aquí no hablaba portugués. Me pareció muy difícil de aprender. Se yo fuera más joven sería más fácil. Para no hacer nada en casa, ayudo a mi sobrino en su negocio. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

Esse exemplo revela a importância das redes de sociabilidade no direcionamento e na manutenção dos fluxos migratórios. A maioria dos peruanos que vivem em cidades brasileiras, seja na Amazônia ou em outra região, possuem algum tipo de contato no Brasil antes de migrar, facilitando-lhes a inserção no local de destino. Contudo, tais redes podem criar também relações de dependência em que o favor pode transformar-se em dívida, pretendendo e subjulgando aquele que o recebe. Esta situação foi vivenciada pelo peruano comerciante informal Ricardo Venegas de 46 anos, natural de Sullana<sup>9</sup>, que chegou a Boa Vista no ano de 1998:

Yo vivir en un apartamento con un amigo peruano que me invitó a venir. Su mujer era muy aburrida. Comprava las frutas e no me dejaba comer. Hablaba que era de su hijo [...] Vendia sandalias con este amigo mío. Yo fabricava y él ficava con él dinero. [...] Después me encontré con un brasileño. Vivimos juntos. Seguí haciendo sandalias. Él se encargava de vender y dinero no me faltava. (Entrevista concedida em: 29/10/2012).

Esse outro exemplo representa uma situação em que a ajuda inicial por um conterrâneo pode se converter numa relação de exploração e maus tratos. Contudo, o contato

---

<sup>8</sup> De acordo com Durham (1984), é a migração realizada em estágios que se apresenta, inicialmente, com movimento de indivíduos isolados, podendo se transformar na migração sucessiva dos membros e da reconstituição total ou parcial do grupo original.

<sup>9</sup> Província do Departamento de Piura, localizada ao norte do Peru.

com outras pessoas pertencentes ao novo lugar pode garantir um recomeço dotado de melhorias para o futuro. Apesar de situações adversas como esta vivenciada por Ricardo, o Brasil continua sendo um país das oportunidades e de múltiplas possibilidades de mobilidade econômica e social para parte dos migrantes peruanos.

#### **1.4 A dinâmica da mobilidade humana transfronteiriça**

Como o universo empírico deste trabalho compreende uma discussão sobre fronteira e migração transfronteiriça, é possível reconhecer que a fronteira representa não só o encontro e desencontro de diferentes visões de mundo, como também, a coexistência de diferentes espaço-temporalidades. Desta forma, para Martins (1997, p.150),

a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela um lugar singular: À primeira vista é o lugar de encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro.

Oliveira (2008, p.03) também parte dessa abordagem e assume que “a fronteira é analisada enquanto uma “situação” que pode estar indicando um processo de transitoriedade”. Por isso, não se trata necessariamente de um “lugar”, mas sim de um determinado contexto que possui variadas significações. Essa concepção ajuda a compreendermos a fronteira enquanto a “passagem” de uma situação para outra adversa. Tal transição é dotada de conflitos que surgem ainda no processo migratório e fortalecem no encontro ou confronto com outros novos sujeitos sociais.

Castells (1999), por sua vez, esclarece que as fronteiras dão lugar as transformações simultâneas que podem ser influenciadas pelos sistemas de redes interligados. No caso da Amazônia, por exemplo, percebemos que, devido ao grau de complexidade dessa região, o conceito de fronteira também se torna complexo.

No que diz respeito a percepção dos estudos migratórios, Oliveira (2008) afirma que a fronteira pode ser analisada como um lugar onde as diferenças se evidenciam e são gerados os conflitos culturais e sociais. Por outro lado, é na região de fronteira que as distâncias também

se estreitam e as diferenças passam por um processo de elaboração de novos significados e possibilidades.

Ao ser questionado sobre o desafio de cruzar uma fronteira a partir da prática migratória, o médico peruano Gian Flórez, de 53 anos, natural da província de Concepción<sup>10</sup>, fez a seguinte afirmação:

El mundo es nuestro. No hay ninguna diferencia entre las fronteras. No hay diferencias de razas, de creencias y nem mesmo de instrucción política. Pero existe un límite físico. La frontera debe ser pensada con la mente abierta. La frontera por donde passé era una ciudad. De un lado era Colombia, de outro lado era Brasil. La primeira fronteira que tive contacto foi en Iñapari. Era un río que dividia. Pero la proximidade era tanta que la única cosa que diferenciava era el idioma. Fuera isso no via ninguna diferencia. (Entrevista concedida em: 22/11/2012).

Percebe-se que esse entrevistado construiu uma conceitualização de fronteira para além da representação tradicional de fronteira como uma linha demarcatória. Para ele a fronteira simboliza um espaço de convivência com o outro. Nessa mesma perspectiva, Nogueira (2007, p.32) compartilha a seguinte concepção: “o dado particular fundamental da fronteira é justamente o fato da convivência, regra geral aproximada com o outro, com a diferença nacional, que remete aos símbolos próprios a cada nação, a história, a cultura, ao nacionalismo”.

Tal concepção possibilita o entendimento de que em um ambiente de fronteira as migrações são fortalecidas pelos processos de negociações das identidades. Para Castells (1999, p.22) a prática migratória representa “uma fonte de significado e experiência de um povo”. Sendo assim, a identidade de um grupo não pode mais ser enfocada de forma abstrata e imutável, mas sim ser contextualizada a partir de um espaço e tempo de referência.

Na visão de Robertson (1999), a globalização provoca um efeito descentralizador de identidades organizadas em torno de uma cultura e de fronteiras bem definidas, proporcionando o surgimento de novas posições de identificações mais plurais. Fica visível, portanto, que as identidades mudam de acordo com o espaço-temporal ou o modo como o sujeito é conhecido e reconhecido.

Neste caso, à medida que os indivíduos migrantes venham a pertencer a dois mundos ao mesmo tempo, eles procuram preservar suas raízes, tradições e a memória que os ligam ao

---

<sup>10</sup> É uma das 09 (nove) províncias que formam o Departamento de Junín.

país de origem. No entanto, esses migrantes são motivados por novos diálogos que sustentam a necessidade de negociarem suas identidades em meio às novas culturas com as quais passam a ter contatos cotidianos.

Hall (1996, p.95) defende que “as negociações das identidades das pessoas que atravessam as fronteiras nacionais estão relacionadas ao surgimento de novas culturas”. Essa reflexão aponta para o fato de que, em tempos de globalização, não existe mais um único foco de identificação. As identidades podem ser ganhas ou perdidas.

Segundo Haesbaert (1997), a identidade territorial, por exemplo, é um tipo de identidade que se expressa na relação de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária. Neste sentido, os processos de negociação das identidades territoriais são efetivados a partir da interação entre os grupos sociais que se fortalecem por meio das redes migratórias.

Em relação ao percurso migratório de peruanos para o Brasil, o cruzamento de fronteiras de estados brasileiros que fazem divisa com o Peru é uma prática essencial para que, posteriormente, esses migrantes possam fixar moradia em algumas cidades da Amazônia brasileira, mais especificamente na região norte do Brasil.

Santos (2011) verificou que parte dos peruanos que decidem migrar para o Brasil sai da capital Lima ou de alguma cidade média da região denominada de “Selva Peruana”. Alguns pegam o voo até Iquitos e daí vão de barco até a pequena cidade peruana Santa Rosa, que faz fronteira com o estado do Amazonas. De Santa Rosa seguem até a cidade amazonense Tabatinga, situada na fronteira do Peru com a Colômbia. Essa cidade, além de outras cidades do interior do Amazonas é, para muitos, apenas um lugar de passagem, pois o objetivo da maioria é chegar até a capital amazonense, a cidade de Manaus.

De acordo com Silva (2010), na cidade de Manaus, as atividades desenvolvidas pelos peruanos não diferem das atividades exercidas por outros migrantes nacionais e internacionais em cidades do interior, que na maioria dos casos são atividades informais. A diferença é que na capital amazonense as possibilidades de trabalho aumentam. Mas, de um modo geral, são poucos os peruanos com mão-de-obra qualificada e, por isso, dispõem-se a aceitar qualquer tipo de trabalho para garantir o sustento de suas famílias.

Santos (2011) destaca também que a trajetória migratória de alguns dos peruanos que estão vivendo no norte do Brasil pode dar-se via o Acre ou Venezuela. Os peruanos que chegam ao Acre saem de Lima até Cusco, onde pegam o voo até Puerto Maldonado. Depois,

seguem pela estrada do Pacífico, que cruza o Peru a partir da Amazônia peruana até o litoral, passando pela Cordilheira dos Andes até chegar a Iñapari, vilarejo peruano que faz fronteira com a cidade acreana Assis Brasil. Após chegarem a Iñapari, muitos seguem em direção a Assis Brasil. Outros se deslocam para Brasiléia, cidade acreana, que está pouco mais de 100 km de Assis Brasil e faz fronteira com a cidade boliviana Codija. Após chegarem a Brasiléia, alguns fixam moradia, já outros vão a capital do Acre, Rio Branco, onde passam meses ou até anos e depois se mudam para Manaus. Após passar algum tempo em Manaus migram para Boa Vista, já que é bastante comum receberem convites de familiares ou, até mesmo de amigos. Depois de passarem algum tempo em Boa Vista, alguns chegam a migrar para outras cidades roraimenses, como Pacaraima, cidade que faz fronteira com a Venezuela. Outros vão mais adiante e adentram a Venezuela, mas após algum tempo retornam para Boa Vista.

Conforme se percebe na literatura acerca da migração, as decisões pessoais dependem da atuação dos indivíduos na sociedade e de suas relações com outros indivíduos, o que proporciona a compreensão de que a migração é um processo seletivo e não aleatório (ABUD et. al., 2008, p. 03). Neste sentido, o entendimento das redes migratórias possui importância fundamental para a compreensão da mobilidade humana em regiões de fronteira.

Para Sasaki e Assis (2000) os migrantes não são indivíduos que agem desconectados de relações sociais. Diante desta inferência é possível perceber que as redes migratórias são capazes de fornecer apoio psicológico e material necessário aos migrantes.

Ainda segundo Sasaki e Assis (2000, p.10),

as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem e específicos pontos de destinos nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas.

De um modo geral, as redes migratórias são configuradas pelas redes de parentesco e sociabilidade. Assim, a escolha do destino migratório é determinada pela existência de um grupo de conterrâneos. Desta forma, a escolha do local de destino pode ser baseada no grau de consolidação das redes. Estas, ao ficarem cada vez mais consolidadas, representam maior possibilidade de atenuar os riscos das migrações de longa distância, aumentando as chances do migrante a se adaptar no novo local de moradia (ASSIS, 2003).

É importante reconhecer que o projeto migratório - ou seja, a decisão de migrar, quem da família vai migrar, a “escolha” do local de destino, como e quando migrar - é orientado, em geral, pelas representações que são construídas no local de origem e pelas redes migratórias que direcionam e, ao mesmo tempo, realimentam os fluxos migratórios (SILVA, 2010).

Para Hall (2000), a migração das populações tem produzido grupos sociais - como é o caso da comunidade peruana que vive na Amazônia brasileira - constituídos cultural ou etnicamente, que tentam construir uma vida em comum e criar estratégias de convivência e formas de comunicabilidade, ao mesmo tempo em que são fortemente marcados por manterem costumes e práticas sociais específicas na vida cotidiana. A base de sustentação deste tipo de sociedade é o estabelecimento de um referencial no qual os conflitos mais graves de perspectivas, crenças ou interesses são negociados.

Nesta perspectiva, a identidade precisa ser analisada a partir do contexto das práticas sociais. O conceito de identidade que adotado neste trabalho é aquele que permite abordá-la não apenas enquanto fenômeno apenas relacional, mas como fenômeno performático. Como refere Velho (1994), os indivíduos mesmo nas passagens e trânsitos, entre domínios e experiências diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a seu grupo social de origem. Contudo, os códigos culturais associados a distintos contextos permitem que os sujeitos migrantes estejam em permanente processo de negociação de suas identidades.

## CAPÍTULO 2 – SONHOS QUE CRUZAM FRONTEIRAS: IDENTIDADES NEGOCIADAS A PARTIR DAS REDES MIGRATÓRIAS

*“...Partieron un día de la tierra amada  
Buscando un terruño en donde vivir.  
Buscando una casa para el primer hijo,  
Buscando un lugar donde ser feliz...”*  
(Inmigrantes: Roberto Antonio Druetta)

Analisar as motivações dos processos migratórios implica compreender que o ser humano, por estar em constante movimento, tem a especificidade de buscar a satisfação das suas necessidades pessoais. Compartilhando deste pensamento, Bornheim (1995), ao estudar a doutrina do desejo na perspectiva marxista, verificou que os sonhos se estruturam e se processam dentro de coordenadas históricas e sociais. Isso significa que a compreensão dos projetos migratórios passa pelas condições materiais e históricas que envolvem os sujeitos.

O novo cenário mundial proposto pela globalização possibilita pensarmos a prática migratória a partir da existência e do convívio de distintos grupos e indivíduos reunidos em um mesmo contexto. À luz do exposto, não é possível falar dos sonhos movidos pela migração sem reconhecer que a globalização conforma e compartilha os sentidos gerados nesse processo. Iani (1999, p.16) define a globalização como “uma configuração histórico-social abrangente que convive com as mais diversas formas sociais de vida e de trabalho que assinala condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes”. Esse processo é marcado pelo intenso movimento do capitalismo mundial, dotado de movimentos próprios que abrem e reabrem fronteiras.

Os sonhos que movem os peruanos a deixarem seu país de origem é marcada, sobretudo, pelas diferenças socioculturais, uma vez que cada migrante possui um projeto individual. Contudo, a concepção de que a prática migratória está revertida pelo desejo de conhecer outras culturas é bastante utilizada entre eles. Muitos reconhecem também que a migração é processada na medida em que são estabelecidas interações com outros sujeitos que vivem no local de destino.

Essa realidade reforça ainda mais a ideia de que os processos migratórios fazem parte de um panorama de múltiplos trânsitos e destinos. Migrantes de diferentes nacionalidades, idades, níveis de escolaridade e de formação profissional cruzam fronteiras impulsionados por

diferentes motivações que podem estar relacionadas às questões econômicas, profissionais, políticas, afetivas, familiares, turísticas, entre outras.

É a partir da experiência migratória relacionada com as questões sociais, políticas e econômicas do país de origem ou até mesmo do país de destino que o sujeito migrante dá um novo sentido a sua identidade. Sem dúvida, o fenômeno da mobilidade humana interfere na reconfiguração dos sujeitos deslocados. Bauman (1999), ao pautar suas análises nas consequências que o mundo moderno traçou ao globalizar bens, relações e pessoas, pensou o conceito de identidade como sendo algo instável, móvel, fluído, heterogêneo, líquido.

Nesse âmbito, acreditamos que as identidades negociadas pelos migrantes peruanos tratados nesta dissertação, ocorrem em variados contextos, tais como nas trocas familiares, nas responsabilidades parentais, nas representações das identidades projetadas pela mídia brasileira, nas memórias acionadas no Brasil, nas festas cívicas e religiosas materializadas na cidade de Boa Vista.

Percebemos, ainda, que o processo migratório ajuda a construir uma experiência de interculturalidade, facilitando a aproximação das diferenças postas em contato mais incisivamente com a aceleração dos fluxos migratórios. Porém, ao mesmo tempo em que a diversidade acontece, questões relacionadas a conflitos interculturais marcam a diversidade causada pelas pertencas identitárias.

Tudo isso nos leva a reconhecer que esse debate exige um olhar cuidadoso. Neste sentido, para Canclini (2001), reconhecer a interculturalidade implica em entender como se organizam as identidades a partir do imbricamento das relações transnacionais e da hibridação. Trata-se, ainda, de considerar os processos de entrecruzamentos possíveis, através das relações desenvolvidas entre diferentes grupos e manifestações culturais responsáveis por intercâmbios, trocas, solidariedades, negociações e conflitos.

O posicionamento de Canclini (2001) nos ajuda a refletir sobre as múltiplas situações possíveis de hibridismo cultural presentes no processo migratório. Assim, para Brignol (2010, p.29) “os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte (com o barateamento dos custos) e das tecnologias da informação e da comunicação, atuam em uma reconfiguração do próprio fenômeno das migrações, com a dinamização dos processos interculturais”.

É pelos fatores já apresentados que este capítulo pretende discutir as contribuições das redes migratórias no processo de socialização e negociação das identidades dos peruanos que migraram para Boa Vista. O mesmo está dividido em quatro seções. A primeira analisará as

questões referentes às redes migratórias, esclarecendo os aspectos relacionados aos laços que envolvem os grupos sociais. Em seguida, as demais seções apresentarão as contribuições da relação entre a memória dos migrantes peruanos contatados e as trajetórias individuais de cada um, enfatizando o processo de negociação das identidades.

## **2.1 O processo de socialização a partir das redes migratórias**

Segundo Peixoto (2004) os condicionamentos dos fluxos migratórios têm forte relação com os fatores econômicos e sociológicos. Desta forma, para a teoria do capitalismo humano as projeções de aprimoramento de profissional futuro, tanto para o indivíduo como para a família, podem levar ao movimento migratório. Por isso, um ato migratório que no presente possa não ser considerado vantajoso, no futuro poderá se tornar exitoso.

Em decorrência disso, a teoria dos movimentos migratórios resulta de contextos históricos próprios e passam a adquirir uma dinâmica interna que lhes confere as características de um sistema, um “ser vivo”. Tal sistema é resultante de várias interações entre diversos elementos, incluindo outros tipos de fluxos migratórios e outros tipos de intercâmbios.

Sob esta perspectiva se pode identificar um conjunto de regiões ou países que mantêm fluxos migratórios constantes entre si, como no caso das “redes macro-regionais” internacionais, que unem uma região central (formada por um ou mais países) com outras regiões emissoras de migrantes. Para Staevie (2012) questões relacionadas às redes migratórias e ao capital social ajudam a explicar as migrações segundo uma perspectiva macro.

Peixoto (2004, p.29) argumenta que

os migrantes não atuam isoladamente, nem no ato de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da migração, que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios e à fixação definitiva.

Fica claro neste argumento que na migração as redes migratórias são de vários tipos, podendo se basear em solidariedades locais ou até mesmo por recrutadores temporários, o que

demonstra a participação não só de agentes econômicos como também por agentes sociais envolvidos por uma identidade de natureza coletiva.

Em decorrência disso, o papel das redes migratórias é fundamental na formação dos fluxos e dos ritmos migratórios e até mesmo nos percursos da mobilidade social dos migrantes na área de destino, por serem fundamentais na adaptação e na interação dos migrantes no mercado de trabalho local.

Brumes (2010) evidencia que as redes migratórias possibilitam a existência de pertencimento a um grupo social, compreendendo os vínculos entre todos os membros da sociedade, ou parte deles, unidos por objetivos comuns. A noção de redes migratórias consiste, portanto, de um conjunto de sujeitos e das relações definidas entre eles como, por exemplo, os laços familiares, de amizades, de confiança, de solidariedade, de conterraneidade, entre outros.

Marteletto (2000), por sua vez, caracteriza uma rede migratória com um conjunto de participantes unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses comuns. Para o mesmo autor, as redes proporcionam a compreensão dos fenômenos sociais dentro de seus contextos, estratificando suas relações e sua inserção na sociedade.

As definições apresentadas nos parágrafos anteriores nos estimulam a realizar o seguinte questionamento: Qual a importância das redes migratórias nos estudos migratórios? Inicialmente, é possível ressaltar que é através das redes migratórias que laços de identidade, de origem, de condição laboral foram verificados nos movimentos migratórios existentes em diferentes países. É também através das redes migratórias que podemos tentar responder os seguintes questionamentos: Por que alguém se torna um migrante? Por que algumas pessoas, sob as mesmas transformações estruturais econômicas, sociais ou políticas, migram e outras não? Levando em consideração a migração peruana para o Brasil, por que alguns peruanos migram para Boa Vista e outros não, tendo em vista que todos experimentaram as mesmas transformações estruturais?

Podemos recorrer a Tilly (1990) para respondermos as perguntas expostas anteriormente. Para este autor, as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos sozinhos, tampouco apenas as famílias, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizades, de conhecimento, de parentesco e de trabalho, ou seja, as redes migratórias. Entretanto, neste processo, não é possível visualizar a existência da solidariedade entre os migrantes. Muitos aproveitam a sua posição social/laboral para explorar outros migrantes. A

peruana que trabalha no comércio informal, Gisela Medina, de 32 anos, natural de Lima, que vive em Boa Vista desde o ano de 2008, fez o seguinte relato sobre a sua chegada à capital roraimense:

Mi tía me invitou para conocer la ciudad. Me disse que podía trabajar aquí, caso gustasse. Así yo permaneci. Me gustó la ciudad. Es muy tranquila. No és movimentada como Lima. Lá vivía el tempo todo corriendo. Aquí achei más tranquilo [...] Él único problema é que no realice el mismo trabajo que exercia em Lima. Aquí tive que trabajar en el comercio para mis tíos. No começo trabajava de lunes a sábado para ellos. Ellos ficavam com lo dinero de tudo. Sólo los domingos que vendía para mí [...] Hoy ainda vivo con ellos. La diferencia es que yo no estoy solo. Ahora vivo con mi marido, que también es peruano. Tenemos un hijo de 09 (nueve) meses. Hoy trabajamos para nosotros, pero deseamos ser independientes. Queremos tener nuestra propia casa. Queremos dar un futuro mejor para nuestro hijo. (Entrevista concedida em: 22/11/2012).

O exemplo de Gisela Medina demonstra que a condição de migrante não destitui a relação de classes no âmbito da sociedade em acolhimento. Portanto, a existência de redes não garante uma vida “tranquila” ao novo migrante. Nas redes circulam, na verdade, informações importantes para a decisão de migrar. O exemplo de Gisela serve também como referência para a justificativa de que atualmente o número de mulheres que estão saindo do Peru tem aumentado significativamente. Esse fenômeno pode ser explicado sob muitos aspectos. As redes migratórias tornam-se para muitas mulheres um facilitador importante na decisão e no projeto migratório, mesmo nos casos de exploração da mão de obra. É a partir das redes que surgem incentivo, apoio, acolhimento, viabilização de trabalho e moradia.

Neste processo, é importante ressaltar também que as redes migratórias são fundamentais na determinação das etapas do processo migratório e sua manutenção. A trajetória vivenciada pelo médico peruano Alejandro Castro, de 53 anos, natural do departamento de Ica<sup>11</sup> e que vive em Boa Vista desde 1992, é outro exemplo que nos ajuda a ressaltar a importância das redes no fluxo migratório:

Mi vida mejoró después de que llegué aquí. Cuando llegué aquí, yo vivía en el barrio Aparecida con un amigo peruano. Logo empecé a trabajar. Conseguí evolucionar gradualmente. Al principio andava a pé. Después compré una bicicleta. Poco después una moto. Luego después compré un carro usado. Em seguida compré un coche nuevo y una casa. Sufrí, conseguir lo que quería. Estoy muy agradecido a mi amigo que me invitó a venir aquí. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

---

<sup>11</sup> Departamento localizado na parte sul do Peru.

O exemplo exposto destaca que as redes contribuem na redução dos riscos envolvidos na migração. Em decorrência disto, em alguns casos, podem ser apontadas como as causas da migração. Sem dúvida, também é por meio das redes que os migrantes negociam novas relações sociais. No caso dos peruanos residentes na cidade de Boa Vista, as suas tradições culturais são evocadas constantemente em espaços de sociabilidade. Como exemplo podemos citar a realização da festa religiosa em homenagem ao Señor de los Milagros, que acontece anualmente no último sábado do mês de outubro<sup>12</sup>.

O público que participa da festa todos os anos varia de acordo com a rede de amizades de que cada família organizadora dispõe. Todos os convidados recebem um convite formal da família anfitriã, seja por telefone ou impresso (Figura 02).

**Figura 02: Convite da festa “Señor de Los Milagros”. (Foto: Alessandra R. Santos, 2013)**



<sup>12</sup> Essa festa é realizada desde o ano de 2005. O grupo responsável por sua idealização são os peruanos que trabalham na área da saúde. Todos os anos uma família torna-se anfitriã da festa, cedendo a sua residência para que todos os peruanos possam se encontrar, inclusive os que não trabalham na área da saúde, como é o caso dos que trabalham na área da educação. Em 2012 a festa aconteceu no dia 27 de outubro na casa da enfermeira Rosa, localizada no bairro Paraviana. Estiveram presentes cerca de 65 pessoas, entre estas estavam 56 peruanos – 20 mulheres e 36 homens, com idade que variava entre 13 e 72 anos.

Conforme demonstra a figura anterior, o convite apresenta a estampa de Jesus Cristo na cruz e informa que antes da festa a ser realizada na casa da família anfitriã, os convidados poderiam ir a missa que seria celebrada horas antes na Igreja São Matheus, localizada no bairro Paraviana. A referida missa foi celebrada em português por um padre brasileiro. Poucos peruanos compareceram. Somente 15 peruanos estiveram presentes. No entanto, os brasileiros frequentadores da Igreja também compareceram. Alguns dos peruanos que estavam presentes cantaram ao hino em homenagem ao “Señor de Los Milagros” (Figura 03).

**Figura 03: Peruanos cantando o hino para homenagear ao “Señor de Los Milagros”. Bairro Paraviana. (Foto: Alessandra. R. Santos, 2012)**



No ano de 2012, a família anfitriã mandou confeccionar o convite e as lembranças da festa no Peru. Com o intuito de receber em sua residência um número expressivo de peruanos, a família também se encarregou de divulgar o convite no maior jornal de circulação da cidade de Boa Vista, a Folha de Boa Vista. Mesmo assim, reconhecemos que essa festa recebe somente os peruanos que se encontram em uma posição econômica superior em relação àqueles que trabalham no comércio informal, reforçando os conflitos de classes existentes entre eles.

Não podemos esquecer que as diferenças de classes sociais são relevantes para aumentar a inteligibilidade a respeito de diversos momentos importantes no processo migratório. Logo, a permanência de conflitos socioeconômicos e interétnicos, entre os migrantes peruanos, nos ajuda a repensar o verdadeiro sentido da prática migratória. Se os próprios conterrâneos passam por disputas, como a relação com pessoas de outras nacionalidades tomará novos rumos? Como a cultura desse grupo poderá ser compreendida?

Ao concordarmos com a inferência de Ortiz (2003), que compreende a cultura como o conjunto de valores em seus aspectos morais, materiais, intelectuais, de sistemas e de signos que caracterizam uma civilização, reconhecemos que a cultura pode ser determinada por valores que são interpretados também pelo o que as comunidades produzem, são e representam.

Dessa maneira, a festa destinada ao *Señor de los Milagros* representa os usos e costumes da população peruana considerada elitizada. Falta, nesta festa, a presença de pessoas que pertençam a outros grupos socioeconômicos. Assim, com uma possível integração, será possível garantir a manutenção da cultura peruana tradicional e proporcionar uma maior integração com a cultura do local de destino.

Após o término da missa, todos os peruanos presentes se deslocaram para a residência da família anfitriã para se encontrarem com os demais. A festa foi marcada por muita animação. Vários clipes musicais peruanos foram exibidos pela projeção de um datashow. Cada família convidada levou bebidas e um prato típico do Peru (Figura 04). Antes que todos os pratos típicos fossem servidos aos convidados, aconteceu o momento mais esperado: a escolha da família que seria anfitriã no ano seguinte.

Sabemos que as misturas de ingredientes e condimentos é uma premissa forte na cozinha de diferenciadas classes sociais. Por mais que os migrantes peruanos tenham se

deslocado no espaço e buscado compreender a cultura brasileira, certos hábitos culturais peruanos não foram deixados para trás.

Existe entre os migrantes uma recriação, adaptação e até mesmo uma ressignificação entre culturas para que a memória da tradição consiga manter a sua circularidade. Isso é uma prova de que migração e comida são interligadas de modo duplo: de um lado, a própria comida migra, de outro, ela é uma acompanhante importante de cada migrante.

Segundo Bessis (1995), a comida serve para a formação e conservação da identidade individual, bem como da coletiva. Quando um grupo deseja manifestar a sua identidade em um determinado espaço, geralmente, recorre à comida. Independente de qual prato seja escolhido, a comida facilita o fato de se estabelecer uma ligação com a pátria.

As práticas alimentares são carregadas de significados. A relação existente entre cultura e alimentação demonstra que o consumo de alimentos é realizado por regras orientadas pelos grupos sociais. Com o fato de poder ser transportada, a comida constitui um senso de lugar portátil. Por isso, a comida pode atenuar o estranhamento num país estrangeiro através do sentimento de segurança e hábito e construir uma ligação mental com o país deixado e com o passado. Com isso, a comida ajuda a manter uma continuidade entre a vida cotidiana no velho e no novo país. Por esta razão, a comida também é importante para um sentimento de pátria e para o sentimento de pertença cultural.

A lembrança, em relação à comida, desempenha um importante papel como ligação com o passado e com o lugar de origem, todavia não apenas a lembrança incorporada de gostos sentidos no passado, mas também a de refeições feitas coletivamente no círculo familiar e de conhecidos. No âmbito desta relação entre o social e o individual, e entre a comida e a lembrança, não somente as emoções adquirem um significado especial, mas também os sentidos. Com relação a isto, a peruana Eva Ponce fez o seguinte comentário:

Nunca voy a dejar de comer comida peruana. Todos los años viajo a Perú y trago lo maximo de ingredientes que posso, incluyendo los temperos. Es una manera que encuentro para recordar mi pasado, disminuir la saudade. Es muy agradable ver a toda esta gente en mi residencia saboreando los platos peruanos que son deliciosos. (Entrevista concedida em: 27/10/2012).

**Figura 04: Comidas servidas na festa. Bairro Paraviana. (Foto: Alessandra R. Santos, 2012)**



A família escolhida organizar a festa no ano de 2013 foi a de um médico peruano que reside no bairro Caçari. O quadro em homenagem ao “Señor de Los Milagros” que estava sob posse da família anfitriã do ano de 2012 foi repassado para a família anfitriã do ano de 2013. A mesma tornou-se responsável pelos cuidados com o quadro (Figura 05). O processo de escolha aconteceu de modo simples. A família escolhida foi a única que havia se prontificado em organizar a festa do ano seguinte. Logo, de maneira bem amigável, os demais concordaram.

Conforme Sayad (1998), a constituição das redes no local de destino tem a função de reconstituição da identidade social e cultural que se rompe com a prática migratória. Tal identidade pode ser compartilhada e modificada com os demais membros de cada grupo social e da sociedade em geral. Assim fica fácil verificarmos que a comunicação entre os peruanos tem, acima de tudo, um forte sentido de solidariedade. Nesta perspectiva, as redes migratórias

possibilitam o indivíduo ter a sensação de identificação e pertencimento, uma vez que trazem mudanças significativas para o local de destino. Soares (2004) esclarece que é através das redes que pode acontecer o encontro das cosmovisões do migrante com o imaginário voltado ao lugar de origem, o que produz a recriação de símbolos que fazem da identidade.

**Figura 05: Escolha da família anfitriã do ano de 2013. Bairro Paraviana (Foto: Alessandra R. Santos, 2012)**



Logo, as redes migratórias possuem um papel fundamental na inserção do migrante no local de destino. Entretanto, apesar desta situação, não podemos esquecer de que em alguns casos a ideia de retorno está sempre presente na migração. De qualquer forma, Massey et al. (1987) verificou em seus estudos que as redes de sociabilidade mais importantes se originam nas relações de parentesco, de amizade, de trabalho, de conterraneidade ou pertencimento.

Neste sentido, destacamos a fala da peruana Eva Ponce, 51 anos, natural de Lima, enfermeira e residente em Boa Vista desde o ano 2000:

No sé si fue el destino que me fez venir aquí. En el Perú tenía 03 trabajos como enfermera. Mi marido era capitán de la policía. Vivíamos bien. Tengo una prima dentista. Somos muy unidas. Somos tan unidas que desde niñas procurábamos la otra para brincar. Así fue en la adolescencia. Sólo que nos separamos. Yo fiquei en Perú para estudiar enfermagem y ella veio para o Brasil para estudiar odontología. Se graduó, se casó y teve sus hijos aquí. Cuando ia me visitar, dizia: Vamos a Brasil? Tú precisas conocer Roraima. Yo dizia: ¿Dónde está Roraima? En el mapa no existe! Ella dizia: Es un lugar muy bonito, el clima es quente! [...] Ella habló tan bien de Roraima que um día decidí conocer. Era el año 2000. Yo estaba muy estresada. La situación en el Perú no era muy buena. Entonces mi marido me disse: Mi amor va con su prima a Brasil [...] Pegué mi pasaporte y dije: Prima, me voy de vacaciones a Brasil. Sería una oportunidad de conocer Roraima y visitar a mi hermano que vive en Rio Grande do Norte. Ella disse: Está bien. Cuando llegué aquí, mis planos mudaram. No me puedo quejar. Fui muy bien recibida. Las personas que viven aquí son muy hospitaleiras [...] Cuando cheguei conocí una autoridade del gobierno que me invitó a trabajar aquí. Pero no acepté porque no entendía el portugués. Era mi prima quien traduzia tudo [...] En otro momento otra autoridad me invitó a trabajar en el Hospital de Criança que estaba sendo construido. El salario era de R \$ 2,000.00 (dos mil). Era bueno, no? Pero mi familia estaba en el Perú. Mi familia está antes que todo. Decidí hablar primero con mi esposo, que disse: Tu vê se é para a melhoria de nuestros hijos. Mi tía y mi prima fizeram de tudo para yo ficar. Fue entonces que decidí arriscar! [...] Estoy contente de estar aquí y no me arrepiento de estar aquí até agora. Dios sabe lo que fez. Fue aquí que nasceram mis dos nietas y em breve nascerá la tercera [...] Só voy a mi país a passeio. No pienso más em vivir lá. Es muy difícil isso acontecer. (Entrevista concedida em: 25/12/2012).

A fala da senhora Eva nos ajuda a compreender que o movimento migratório pode envolver relações de interesse entre aqueles que chegaram ao novo local e os outros já residentes no lugar. Para Haeserbaert (1997) trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que ressignificam as ações sociais, que reterritorializam os grupos sociais, rearranjam as parcerias e os espaços de vigência do migrante na sociedade de destino.

No lugar de destino, por exemplo, são formadas novas interações sociais que garantem a adaptação da nova cultura que o migrante passa a experimentar. Dependendo do contexto, a nova cultura pode ser bastante diferente da cultura de origem. Muitos dos peruanos reconhecem que sofreram impactos culturais quando chegaram em Boa Vista. A fala de Diego Estévez, comerciante informal de 30 anos, natural de Huancayo<sup>13</sup> e residente em Boa Vista

---

<sup>13</sup> Capital do Departamento de Junín.

desde o ano 2000, pode ser tomada como referência para compreendermos essa realidade bastante comum na migração:

No começo estranhei tudo. Primeiro foi a fala, né? Não conseguia falar nada. Depois a comida que não tinha o mesmo agrado. Não era a mesma coisa que a gente costuma comer no Peru. As pessoas também são diferentes, principalmente as mulheres. As mulheres brasileiras são mais “fáceis” que as peruanas [...] Mas pouco a pouco consegui me adaptar ao ambiente que estou vivendo. (Entrevista concedida em 27/10/2012).

Apesar da existência de impactos culturais na prática migratória, a existência de redes migratórias no local de destino é justificada pelas necessidades de minimizar os riscos inerentes ao ato migratório, diminuindo as tensões presentes no cotidiano de qualquer indivíduo envolvido numa mudança desta natureza. Em outras palavras, as dificuldades podem ser superadas com mais facilidade se forem pensadas de forma compartilhada.

Contudo, Gaudemar (1977) reforça que a mão de obra só se desloca pelos interesses do capital. Neste caso, em muitas situações, as redes não conseguem evitar a exploração do trabalho, por exemplo. Dependendo do contexto, podem somente prestar-se aos interesses do capital, e não aos interesses do migrante. A partir desta compreensão, Carleial (2004) reforça que a estrutura de dominação no interior das redes migratórias não é violenta e muito menos forçada. É, na verdade, parte da divisão social do trabalho que pressupõe um mandatário capitalista.

Precisamos esclarecer também que os condicionantes da migração são anteriores à rede. Conforme as observações de Stavie (2012, p.57), “a migração em si acessa dimensões sociais que envolvem diversos aspectos como valores, cultura, necessidade, subjetividade, etc”. Uma corrente migratória é determinada pelas estruturas nas sociedades de origem e destino, porém, acionada pelas decisões individuais, familiares ou coletivas de determinados grupos que se põem em movimento.

São as redes migratórias, portanto, que desencadeiam o movimento migratório. Estas redes criam práticas sociais que aproximam as pessoas, criando sociabilidades e também conflitos, interesses individuais, preferências e demais relações sociais naturais em qualquer grupo social. Na pesquisa com os peruanos em Boa Vista visualizamos redes de interesses e afinidades comuns no interior de outras redes que se manifestam como espaços de sociabilidades.

Entre os peruanos que trabalham no comércio informal é possível visualizar redes de interesses comuns a um determinado grupo no interior da rede maior que seria os peruanos donos de lojas que distribuem mercadorias para os peruanos que vendem na rua, no mercado Caxambu ou nas feiras do Produtor e do Garimpeiro. Esse exemplo justifica que em virtude do processo em torno do qual uma rede se organiza, uma rede que surge com a prática migratória pode abrigar várias outras redes de sociabilidade.

Em suma, a abordagem das redes migratórias defende que as migrações não estão sujeitas apenas a mecanismos econômicos. De acordo com tal abordagem, as migrações resultam também de redes de sociabilidade, fortalecendo a ideia de que os migrantes não atuam de forma isolada, nem no ato da reflexão inicial sobre a possibilidade de mudar, nem na realização concreta do(s) deslocamento(s), tampouco nas formas de adaptação e integração no lugar de destino. Conforme Peixoto (2004, p.28), eles estão inseridos em redes de familiares, amigos, conterrâneos, “que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva”.

Augé (2010) assevera que a abordagem das redes migratórias não nega que muitos são os fatores que acabam determinando a mobilidade espacial da população migrante. Levando em consideração esta afirmação, gostaríamos de acrescentar que a pesquisa retratada neste trabalho sobre a migração de peruanos em Boa Vista caracteriza-se pela não quantificação dos laços, uma vez que no nosso entendimento as relações sociais são de difícil quantificação. Em decorrência disto, buscamos, sobretudo, compreender o papel das redes de sociabilidade na migração e quais são os seus impactos nas negociações identitárias de cada sujeito migrante.

De acordo com os dados coletados, se não fosse a existência das redes dificilmente a migração de peruanos para Boa Vista teria se ampliado nos últimos anos. Chegamos a esta conclusão porque o setor econômico de Boa Vista não é considerado muito atrativo. Staivie (2012) argumenta que até a década de 1990 o garimpo e os projetos de colonização agrícola foram responsáveis pela entrada de um número expressivo de migrantes, sobretudo nacionais, no estado de Roraima. Com a proibição dos garimpos e o aumento do êxodo rural, o funcionalismo público tornou-se o principal atrativo da prática migratória, uma vez que no estado de Roraima não existem hidrelétricas em construção, nem estrada de rodagem sendo construída e muito menos grandes empresas instaladas.

Ainda assim, as redes migratórias tornaram-se responsáveis pelo direcionamento do fluxo de peruanos para Boa Vista. Esta situação só reforça a necessidade de entendermos a

migração como um ato social total, conforme defende Sayad (1998). Reforça ainda a aceitação da justificativa de que as pessoas migram em função das estruturas no local de origem e de destino.

## **2.2 Memória e identidade**

Lembrar é um exercício fundamental dos seres humanos, que remete não somente a situações vivenciadas, mas também a narrativas passadas em outros tempos, apreendidas de diversas maneiras, possibilitando construções identitárias individuais e coletivas. Por isso, para Bosi (2007) a memória conforma uma tipologia de fonte de riquíssima valia, que abre um significativo campo de possibilidades para perseguição do vivido, incluso no que vai sendo experimentado pelas pessoas.

A análise de situações do cotidiano vivenciadas pelos migrantes peruanos na cidade de Boa Vista nos permite identificar os meios que tais migrantes buscam para superar determinadas diferenças. Segundo Mamman e Richards (1996), as experiências interculturais de qualquer grupo de migrantes iniciam no encontro de uma cultura com outra cultura, fortalecendo a negociação das identidades a partir do processo de socialização.

Dubar (2000) reforça que o processo de identificação do migrante internacional no decorrer de sua trajetória individual pode ser construído e reconstruído em função das suas experiências em diversos cenários sociais. Por esse motivo, podemos compartilhar com Ricoeur (2007) a ideia de que a identidade pode ser entendida como um relato que possui os elementos próprios da narrativa, como, por exemplo, a sequência temporal, os personagens e a situação específica.

Ao considerarmos os migrantes peruanos trabalhadores que precisam se integrar ao contexto da sociedade de acolhimento, verificamos que a identidade social de cada um é diferente do papel social que exercem no contexto de sua profissão.

O processo de negociação da identidade de trabalhadores migrantes, mesmo entre aqueles que exercem profissões distintas, possibilita o surgimento de comunidades que ajudam a criar laços imaginários. Essa ação representa o que Anderson (2005) define de “comunidades imaginadas”. Tais comunidades possuem a função de permitir a conexão das pessoas.

Desta forma, ao investigarmos a identidades dos migrantes peruanos nos níveis individual e social, precisamos recorrer a Hall (1996) para verificarmos como esses migrantes

se inserem na cultura do local de destino e como suas identidades e respectivas diferenças relacionam-se com a nova realidade social. Nesta conjuntura, não podemos esquecer que as recordações do passado e as experiências do presente são importantes nas negociações identitárias dos migrantes peruanos.

No decorrer da análise dos depoimentos dos peruanos que participaram da pesquisa identificamos alguns conflitos entre eles. O relato do peruano comerciante informal que vive em Boa Vista desde 2002, Julio Cesar de 27 anos e natural de Cusco<sup>14</sup>, exemplifica esta situação:

Hay muchas diferencias entre los peruanos. Las personas de clase alta tienen una vida diferente. Poseen estudio y otro tipo de comportamiento. Los que pertenecen a una clase socioeconómica más baja encaran la vida de otra manera. No són muy comprometidos. Aquí podemos citar como ejemplo las diferencias entre los médicos y los vendedores ambulantes. Los médicos peruanos tienen una buena situación económica. Todos tienen un trabajo fijo, carro y casa propia. Gran parte de los peruanos que son vendedores ambulantes sólo trabajan para beber. Muchos no saben beber. Cuando ficam bebados começam a brigar. Eso es muy ruim para todos los peruanos. Las personas acabam pensando que nosotros somos así. Es por eso que difícilmente tú verá un médico peruano hablando con un vendedor ambulante peruano. Estos dos grupos no se misturam. Por causa de algunos todos pagan. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

O depoimento de Julio Cesar nos proporciona a seguinte reflexão: a questão migratória, por abranger momentos distintos, é marcada por diferenças. As negociações identitárias de cada sujeito migrante explora a diversidade de momentos críticos pelos quais passam esses sujeitos. Nesta perspectiva, a memória surge como uma potência subjetiva e as lembranças se materializam em imagem e sonhos.

Desse modo, Halbwachs (2004, p.41) diz que “a memória do indivíduo depende da relação entre as comunidades de destino em que está inserido, tais como instituição familiar, local de trabalho, local de estudo, instituição religiosa, associações, etc”. Para este autor, todos os mecanismos sociais que compõem a vida do indivíduo, ajudam a compor a memória individual que, sem dúvida, poderá ser constituída socialmente.

Contudo, devemos reconhecer que adaptar-se e integrar-se a realidade do local de destino é também uma prática complexa. Goertert e Mondardo (2010, p.102) afirmam que “as migrações movimentam os valores e os sentidos, que se encontram e se desencontram, se “aproximam” e se “distanciam”, se juntam e se chocam, se inter cruzam e se sobrepõem”.

---

<sup>14</sup> Cidade situada no sudeste do Vale de Huatanay ou Vale Sagrado dos Incas, na região dos Andes.

Em relação aos peruanos que fizeram parte desta investigação, verificamos que alguns se integraram facilmente a realidade brasileira, chegando a assumir a identidade de peruano e de brasileiro. Já outros criaram barreiras a integração com os novos elementos da cultura brasileira. Costumam utilizar a memória para manifestar os elementos que possibilitam a reprodução a cultura de origem, ocasionando, entre outras coisas, conflitos e valores.

A valorização do passado, sem dúvida, representa a afirmação identitária através da memória e da reprodução dos costumes de origem. Como exemplo, podemos citar a narrativa da professora peruana Florencia Alborata de 55 anos, natural de Trujillo, que está há 16 anos em Boa Vista. Quando foi questionada sobre o que sente mais falta do Peru, a resposta dada foi permeada de tradicionalismo:

Yo siento falta de tudo, de los costumbres, la comida, la música, de mis amigos y especialmente a mi familia. No me acostumbré a la realidad de Brasil. Aquí las personas són liberais. Para mí es muy difícil criar a mis hijos aquí con los costumbres del Perú, pero no voy desistir. Quiero mis hijas casadas, como manda la tradición. (Entrevista concedida em: 24/10/2012).

Na fala da peruana de Trujillo, identificamos algo muito tradicional no Peru. Grande parte das mulheres peruanas só sai da casa dos pais quando se casam formalmente, seja no civil ou religioso. A forma de pensar dessa entrevistada só nos ajuda a compreender que a identidade negociada pelos migrantes no local de destino é carregada de valores referentes à cultura de origem.

Pollak (1992) expressa que a memória individual é uma herança cultural do grupo social do qual o indivíduo faz parte. Conforme este pensamento, a memória se compõe de acontecimentos, personagens e lugares de vida que permanecem como vestígios nas narrativas de cada pessoa entrevistada. Por ser uma construção tanto individual quanto coletiva se relaciona com o sentimento de identidade. Torna-se um fator importante na continuidade e na coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Nesta perspectiva, a memória trabalha a identidade de um grupo nos momentos de conflitos, por exemplo. Hall (2000) nos diz que a identidade representa a busca de algo que falta fora de nós mesmos. São, na verdade, pontos de apego temporário.

A partir desta exposição de ideias, podemos entender que o conjunto de narrativas elaboradas pelos migrantes peruanos contatados representa uma construção histórica com

muitos percalços. A enfermeira peruana natural de Lima, Sofía Monogue de 28 anos, imaginava Boa Vista como a cidade de São Paulo:

Pensei que Boa Vista tivesse muitos prédios e indústrias como a cidade de São Paulo, que conhecia pela televisão. Minha mãe falava daqui com muito entusiasmo. Não imaginava que fosse um lugar próximo a floresta. Cheguei aqui muito nova, com 17 (dezesete) anos. Apesar de ainda não ter retornado ao Peru, sinto muita falta dos meus familiares que ficaram lá. Mas não quero sair daqui. Foi aqui que vivi os melhores momentos da minha vida. Conheci meu esposo, que é brasileiro, e tive minhas duas filhas, a maior, de 05 anos, já sabe que pertence a duas culturas: a brasileira e a peruana. Ela diz assim: Mamãe é peruana e papai é brasileiro. Eu sou peruana e brasileira. (Entrevista concedida em: 25/12/2012).

O exemplo de Sofía reforça o entendimento de que o migrante precisa tentar se adaptar ao novo lugar. As informações e imagens criadas antes do processo migratório pode se modificar na medida em que novas relações sociais são experimentadas. Para o migrante ver e sentir o local de destino quando ainda está no local de origem não é o mesmo que conhecer a partir de suas experiências como morador deste outro local.

Contudo, existem, em diferentes situações, condições que o novo território pode proporcionar. O médico peruano Juan Vicente de 52 anos, natural de Ica, mesmo vivendo em Boa Vista há aproximadamente de 17 anos ainda busca reviver o seu passado no Peru:

No começo fue muy difícil conseguir me adaptar. Pasé por várias dificultades. La primera dificultad fue con el idioma. La segunda fue con los costumbres, que son diferentes de los costumbres del Peru. A tercera dificultad fue con la infraestructura de Boa Vista. Es completamente diferente de Lima, local donde me formei. Lima es una gran ciudad que tiene todos los tipos de novedades, principalmente en relación a tecnología. Yo estranhei la estructura del hospital de aquí. No início faltavam herramientas para trabajar. Com el pasar del tiempo foi mejorando. Apesar de yo ter me naturalizado, ainda sufro mucho preconceito por mis colegas del profesión. Existe um xenofobismo muy grande. Los médicos brasileños no respetan los médicos extranjeros. Mesmo así, procuro me dedicar a mi trabajo. Me gusta mi profesión [...] Apesar de sentir mucha falta dos los costumbres peruanos, de la vida que tenía ]lá, quiero vivir hasta el final de mi vida aquí. Aquí já constituí família. Criei lazos con Brasil. Mi esposa es brasileña [...] Mesmo se yo regresar tudo sería diferente. No encontrarei el Peru de la misma forma que dejé. (Entrevista concedida em: 21/11/2012).

É possível perceber que Juan tem fortes heranças culturais que marcam sua memória. Ele interpreta que viver em Boa Vista é viver, sobretudo, para o trabalho. Sente falta da vida social e cultural que tinha no Peru. Mesmo assim, prefere continuar vivendo em Boa Vista, pois se retornar ao Peru encontrará tudo de outro jeito. Não será a mesma coisa.

Processos migratórios como os dos peruanos representam uma escola de vida, um acúmulo de histórias, memórias, vivências identitárias e experiências culturais dotadas de significados. Os exemplos citados podem parecer muito simples, mas possibilitam distintas interpretações. Entre as interpretações que podemos realizar está a concepção de que os processos migratórios não são somente mudanças geográficas de espaços físicos. São experiências culturais. É uma fonte de valores que não deixam a vida se acomodar, uma vez que na prática migratória o passado e o futuro ganham sentido na vida presente. Logo, ao somar experiências e expectativas, a migração torna-se um processo diário, de cada momento, de acordo com as negociações identitárias realizadas em cada contexto e temporalidades.

### **2.3 A identidade como diferença**

Conforme argumento de Cunha (2007, p.34), “identidade é um termo que tem sido usado para descrever ou interpretar o indivíduo, tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado em sua própria consciência”. Já para Ribeiro (2002), a identidade deve ser reconhecida como modos de representar o pertencimento de um indivíduo a uma unidade sócio-político-cultural.

A língua pode ser considerada um grande exemplo de manifestação identitária dos sujeitos sociais. Tal afirmação consolida-se pelo fato de a língua apresentar dimensões sociais, locais, territoriais e subjetivas muito particulares, devendo ser respeitada em sua integridade. É por isso que, neste trabalho, optamos em transcrever na íntegra as narrativas dos entrevistados, mesmo daqueles que se comunicam através do portunhol<sup>15</sup>.

Woodward (2005, p.18) comenta que a identidade constrói-se a partir da interação social, marcando “o processo pelo qual os indivíduos se identificam com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. Hall (1996) complementa, esclarecendo que é através da identificação ou não que é possível tratar a identidade de forma relacional.

Contudo, a identificação pode surgir do contraste com o diferente ou pela oposição ao adversário. Em outras palavras, para Nóbrega (2000), a identificação surge da noção de contraste entre o que é semelhante e o que é diferente, isto é, pela ideia de alteridade em que

---

<sup>15</sup> Interlíngua originada a partir da mistura de palavras da língua portuguesa e da língua espanhola. É muito utilizada em cidades de fronteira entre países de língua portuguesa e espanhola. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portunhol/> Acesso em: 04/11/2012.

se observa o “eu” e o “outro”. Ainda nesta perspectiva, Cabral (2003) expõe que o processo de identificação não diz respeito ao fato de reduzir a identidade à alteridade, haja vista que em toda a identidade quando é construída, o “eu” torna-se inevitavelmente independente.

Desta forma, a identificação evidencia os processos de co-relacionamento, criando uma complexa rede de comparações que situa a pessoa como “diferente” socialmente. A esse respeito Silva (2005) argumenta que a diferença é um produto derivado da identidade e que por isso necessita ser ativamente produzida no mundo cultural e social.

Na mesma linha de raciocínio de Silva (2005), Martins (2002, p.56-57) utiliza a seguinte afirmação:

A identidade se elabora em um processo de diferenciação do outro mediante reforço sistemático dos elementos que lhe são incomuns [...] A preservação das tradições folclóricas em comunidades de imigrantes, sem que haja contraposição ou oposição à(s) cultura(s) predominante(s) na sociedade global em que se encontram os imigrados, é um bom exemplo deste tipo de identificação por contraste [...] A identificação por rejeição representa uma forte agudização dos processos conflituosos [...] Logo, a identidade por diferença é um componente comum às outras formas de construção identitária. No processo temporal da consciência histórica, a afirmação dos indivíduos e dos grupos se dá na sucessão e na contemporaneidade do pensamento de cultura produzidos pelos próprios homens mediante a constituição da diferença. A consciência da diferença necessariamente decorrente da contemplação do outro, pode derivar para a assimilação, para o contraste para a rejeição. No entanto, o fiel processo decisório é a consciência da diferença, ou das diferenças, se preferir.

Diante do exposto, podemos elaborar o seguinte questionamento: Até que ponto a afirmação de particularidades pelos migrantes peruanos colidem com os seus interesses nacionais? Muitos desses migrantes possuem narrativas diferenciadas sobre a instalação na cidade de Boa Vista. Os relatos referentes à nova vivência destacam questões referentes a moradia, emprego, barreira da língua ou regularização da documentação. Dessa maneira, os relatos sobre o contato com outros conterrâneos tornam-se fundamentais para o processo de adaptação a nova realidade causada pela migração. O exemplo a seguir do peruano Pedro Fernandes, 52 anos, natural de Ucayali<sup>16</sup>, restaurador de móveis, nos ajuda a observar esta situação:

---

<sup>16</sup> É uma das 25 regiões do Peru, sua capital é a cidade de Pucallpa.

Mi venida aquí surgió de una aventura. Tenía un gran deseo de conocer otros países. Como no tenía dinero para viajar a Europa, me decidí a conocer los países de América Latina. Para mí ir a Venezuela sería esencial. Es un lugar que facilita el desplazamiento a otras regiones. Pero para llegar até lá sería más viável pasar por Brasil. Pasé por muchas dificultades. Antes de llegar a Boa Vista, capital de Brasil más cerca de Venezuela, vivi unos años en Río Branco (Acre). Lá aprendi a hacer tudo. Até fui a trabajar a los campos para garantir mi supervivencia. En el Perú nunca había hecho esto [...] No gostei de la comida brasileña. Comía solamente bolacha. No suporté la realidad de lá seguir adelante. Fue entonces cuando llegué a Boa Vista. Aquí tudo era diferente. Las personas son más hospitalarias. Me gustó mucho la tranquilidad daquí [...] Cambie mi estilo de vida. Me casé con una brasileña y aprendi a trabajar con la restaración de muebles. Hoy me considero un artista. No sé como aprendi a hacer isso. Creo que ha sido la necesidad [...] Apesar de todas estas transformaciones yo no dexei de ser peruano. Es por la nacionalidad peruana que me diferencio de los brasileños. Yo posso seguir las leyes de Brasil, comer la comida brasileña, hablas português, me vestir igual a los brasileños, pero siempre las personas irão me reconocer como peruano. Mis características físicas no me deja negar quien realmente soy. Tengo muy orgullo de ser peruano. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

O relato de Pedro só reforça a concepção de que a presença do migrante, do ponto de vista social, dialoga com a diversidade e também com a diferença. Torna-se evidente que a identidade deste migrante apesar de ser distinta da identidade brasileira e de estar interpenetrada aos elementos culturais peruanos, ela se manifesta de acordo com as circunstâncias étnica, social, individual, política ou cultural. Esta interpretação pode ser reforçada por Ciampa (1997, p.157) que apresenta a seguinte observação:

O indivíduo, enquanto construção social, resultado dos valores e das relações intrínsecas da sociedade à qual pertence, é construído como sujeito que interage na dinâmica das relações de produção, formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, construir, morar, brincar e produzir símbolos, lutar, resistir, enfim, um sujeito histórico.

Neste caso, a identidade é histórica. Contudo, reconhecemos que o processo de negociação das identidades é complexo e se estabelece de forma diferenciada de indivíduo para indivíduo nas próprias contradições históricas. Torna-se evidente que a identidade deste migrante apesar de ser distinta da identidade brasileira e de estar interpenetrada aos elementos culturais peruanos, ela se manifesta de acordo com as circunstancias étnica, social, individual, política ou cultural.

No que diz respeito aos peruanos, o sentimento de discriminação étnica e social também está presente no processo de negação das identidades. Muitos destacaram que embora os brasileiros sejam de um modo geral acolhedores, existem pessoas que tratam os estrangeiros com menosprezo ou preconceito.

Aqueles que chegaram há mais tempo, no início da década de 1990, destacam que tiveram mais dificuldades de integração na vida social de Boa Vista. Tiveram, na verdade, que modificar a sua cultura original. O peruano Luís Angel de 49 anos, comerciante informal, natural de Pucallpa<sup>17</sup>, fez a seguinte declaração a respeito desta situação:

Quando eu cheguei aqui, em 1990, era muito bom para ganhar dinheiro. Os garimpeiros comandavam a economia daqui. Porém, as pessoas demoraram a se acostumar com a nossa presença. Nos tratavam como invasores. No meu caso não entendiam que eu só queria vender as minhas coisas e ganhar o meu dinheiro. Para ser aceito por muitas pessoas tive que aprender a me comunicar com todos. No começo foi ruim tentar aprender uma nova língua. Tive também que mudar a forma como me vestia. A transformação mais radical foi aprender a me comunicar com as pessoas de pensamento liberal que não cumprem a tradição [...] Para viver em Boa Vista eu tive que me adaptar a realidade daqui. (Entrevista concedida em: 30/12/2012).

O exemplo destacado anteriormente nos possibilita reconhecer que os peruanos costumam demorar algum tempo para se acostumar à realidade boa-vistense. Para muitos as mudanças ocasionadas pelas práticas migratórias não liberta o trabalhador da opressão. Produz, na verdade, a passagem de uma dominação para outra. Foi o que mencionou o peruano comerciante informal Adrián Miguel de 47 anos, natural de Loureto<sup>18</sup> e que reside em Boa Vista há precisamente 10 anos:

Mi vida no mudou mucho. Continuo siendo un simple trabajador que obedece a su superior para continuar sobreviviendo. En el Peru era la misma cosa. La diferencia es que hoy las cosas son más modernas y los territorios no son los mismos. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Nesta perspectiva, Silva (1999) reconhece que a migração não liberta o migrante da dominação. É com a prática migratória que o problema das diferenças se intensifica. Boa Vista, por exemplo, por ser uma cidade que recebe pessoas de outras cidades brasileiras e de

---

<sup>17</sup> Capital de Ucayali.

<sup>18</sup> É uma cidade do Peru localizada no departamento do mesmo nome.

outros países tornou-se um espaço em que convivem outras pessoas de origens culturais, condições étnicas e sociais diferentes, crenças religiosas variadas, ideologias opostas que dão origem tanto a processos de aproximação identitária, como de discriminação e exclusão. É com esse ambiente que se defronta o migrante peruano que, acostumado a viver num mundo com uma cultura relativamente homogênea, encontra algumas dificuldades ao se inserir na cultura brasileira.

Desta forma, Martins (1997, p.28) afirma que a questão da identidade adquire um caráter político na medida em que a sociedade determina quem ela quer incluir ou excluir. Por isso, para qualquer migrante conquistar um espaço de reconhecimento em uma determinada sociedade continua sendo uma luta conflituosa entre a constituição da identidade e aceitação das diferenças. Ao migrarem para Boa Vista os peruanos começaram a tomar consciência de suas diferenças, tanto de classe como de etnia, e passaram a se deparar com um conflito de identidade. O discurso da estudante Priscila Heredia de 28 anos, natural de Iquitos<sup>19</sup> e que vive na capital de Roraima há precisamente 01 ano expõe esta questão:

Hay muchas diferencias entre los peruanos. En cada región del Perú hay una manera de pensar. El peruano que vive en la selva es una persona más humilde. Se dá bien con todo el mundo. Es una persona sufrida. Lo peruano de la serra no es muy diferente do que vivi en la selva en relación con el comportamiento, pero algunas estrategias de supervivencia se modificam. Lo peruano de la serra es más esperto que de la selva. Es difícil engañarlo. Pero lo de la costa es un poco más moderno. Sigue un estilo de vida que no es muy tradicional. Cuando los peruanos destas regiones están en el mismo espacio difícilmente ellos se dão bien. Cada uno sigue su vida de acuerdo com los costumbres de su región. Por eso los peruanos que viven aquí en Boa Vista piensan de maneira diferente. En relación a los hombres, por ejemplo, hay aquellos que prefieren casarse con una peruana. La brasileña es sólo una distracción. Aquellos que no les gusta de seguir la tradición prefiere constituir una familia con una brasileña. Hay aquellos que trabajan para gastar el dinero en bebida. Já otras personas piensan en el futuro y trabajar para adquirir bienes. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Essa situação nos estimula a pensar a presença de peruanos na cidade de Boa Vista do ponto de vista relacional e político. Dessa maneira, a diferenciação do grupo originário da selva peruana em relação dos peruanos originários da capital Lima é resultado da necessidade

---

<sup>19</sup> Capital do departamento de Loreto e da província de Maynas.

de que cada grupo tem em manter simbolicamente as fronteiras de diferenciação em relação ao outro grupo.

Nesse contexto, mesmo existindo as diferenças, para Cabral (2003) as identidades constroem-se no próprio processo de sociabilidade. Nas palavras de Bourdieu (1996) não há como assegurar uma legitimação de forma estruturada. Isso significa que os indivíduos são agentes da produção cultural e os níveis de identidade pessoal estão sujeitos a dominação simbólica. Contudo, Cabral (2003) reforça que a diferença não existe de forma imediata. Há uma anterioridade de referências para que ela ocorra em um determinado momento. Logo, a identidade precisa ser concebida como algo associada a uma cultura, por exemplo.

## **2.4 Identidade cultural e identidade nacional**

A relação dos migrantes peruanos com o Peru e a cidade de Boa Vista é cheia de ambiguidades. De uma forma bem esquemática, pode-se dizer que os migrantes peruanos estão inseridos em sociedade, mas que não fazem parte dela. Por outro lado, pertencem a uma sociedade na qual não estão efetivamente presentes e participantes.

Destas duas situações, resulta uma relação incompleta e ambígua dos migrantes peruanos com a sociedade e a cultura de origem, e a sociedade e a cultura em que estão inseridos. Provavelmente, esta ambiguidade gera certa crise de identidade cultural, uma vez que cada migrante começa a querer saber qual é o seu lugar e papel, o que dá e recebe na sociedade em que vive e na sociedade de origem. Essas preocupações começam a fazer parte do cotidiano migratório. Em decorrência disto, perante ambas as sociedades, os migrantes peruanos encontram-se numa situação provisória e insatisfatória, o que pode estabelecer condições propícias para um processo de crise de identidade cultural.

Ao se inserirem em um processo de mobilidade social ascendente, na cidade de Boa Vista, muitos peruanos enfrentam alguns problemas na sua relação com a sociedade de origem. A peruana Glória Maria de 46 anos chegou em Boa Vista no ano de 2010 acompanhada do esposo, que recebeu um convite de seus familiares peruanos para conhecer a realidade boa-vistense. A mesma é natural de San Martín<sup>20</sup> e apesar de viver há pouco tempo em Boa Vista teve que mudar o seu estilo de vida:

---

<sup>20</sup> É uma região do norte do Peru. Sua maior parte se encontra na região superior a selva amazônica peruana. Sua capital é Moyobamba.

Cuando yo vivía en el Perú era dona de casa. Cuidava de mis hijos. Mi marido decidió salir del Perú y tive que acompañarlo. Aquí tengo otra forma de vida. Tive que começar a trabajar en el comercio para mejorar nuestra renda. No começo fue difícil debido a la lengua. Pero estoy tentando de adaptar [...]Sinto mucha falta de mi país. Aquí tive que dejar de hacer muchas cosas que hacia lá. Sinto falta de las novelas, canciones, fiestas. Lo ruim es que perdi el contacto con la gente de lá. No hablé más con mi familia ni con mis amigos. Sé que se un día yo regressar a Perú estará tudo diferente. Es por eso que las veces no sé cómo me identificar. Estoy viviendo en Brasil. Sigo los costumbres daquí. Pero mi origen es peruana. No puedo negar eso. Pero estoy dejando de practicar los costumbres del Perú. Eso me preocupa. (Entrevista concedida em: 28/10/2012).

Perante a ambiguidade implícita no relato acima, os migrantes peruanos têm que se adaptarem a alguns mecanismos que proporcionem a integração cultural. Para isso, muitos procuram recriar à sua volta alguns elementos do seu contexto sociocultural de origem, através do reagrupamento familiar e da aproximação com os conterrâneos. Em outros casos, existem aqueles que buscam manter relações muito estreitas com a sua comunidade de origem, fazendo que o afastamento físico não corte os laços que o ligam à sociedade e à cultura de origem. Esse exemplo foi ressaltado pela comerciante peruana Lourdes Flores de 52 anos, natural de Iquitos e residente em Boa Vista desde 1996:

Yo tengo mucha falta del Peru. Para reducir esta saudade hablo toda semana con mi familia y amigos que están en Peru. Cuando puedo siempre voy a visitarlos. La primera vez que regresé fue emocionante. Pasé cinco 05 (cinco) años para volver. Lloré mucho. Yo quería quedarme allí. Pero no quería dejar a mi hija sola en Boa Vista. Ella gustó daquí y no quiere regresar. Por eso ainda estoy aquí [...]Por yo ser miembro de la Iglesia de Jesus Cristo de los Santos de los Últimos Días durante casi 30 (treinta) años, encontré mucho apoyo de los miembros de la iglesia. Hice muchos amigos aquí. La mayoría de mis amigos son brasileños. Casi siempre que preparo almuerzo aquí en mi casa invito a todos a comer comida peruana. Todos gustan. És una manera para recordar mi cultura. También conosco muchos comerciantes peruanos. En los momentos de celebración como la independencia del Perú, Señor de los Milagros, cumpleaños de alguien, navidad, año nuevo, siempre nos reunimos. Son nestas reuniones que nos sentimos más orgulloso de sermos peruanos. (Entrevista concedida em: 07/11/2012).

O que foi exposto pela peruana Lourdes reforça o entendimento de que na medida em que os migrantes buscam manter a cultura de origem no local de destino, relações, valores e instituições próprias do seu local de origem são fundamentais para que as relações com a cultura original se mantenham mais vivas. Entretanto, as diversas estratégias de sobrevivência

ajudam a criar condições mais favoráveis para prolongar a permanência de cada migrante na cidade de Boa Vista. Além destas situações, no caso do reagrupamento familiar acontece outro fenômeno importante: os filhos dos migrantes, sobretudo, as crianças e os jovens, que conseguem se inserir no sistema escolar brasileiro, criam grupos com outras crianças e jovens da sociedade boa-vistense.

Esta explicação está relacionada ao fato de o projeto migratório se construir dentro de uma determinada sociedade e cultura, tornando-se viável devido os migrantes peruanos assegurarem a viabilidade de seus projetos de mobilidade social de acordo com os padrões culturais das regiões de que são originários. Por outro lado, não podemos esquecer que em todo processo de mudança sociocultural, o migrante, independente da nacionalidade, passa por um permanente desgaste de confronto ou coerência entre comportamentos e valores adquiridos no país de nascimento.

Estas questões expostas reforçam o entendimento de que a cultura aparece como um espaço simbólico em constante transformação e movimento, onde se colocam em evidência os sentidos da diferença, da diversidade, das similaridades, das desigualdades. Desse modo, Gonzales (1980) evidencia que é por meio da cultura que se originam e se formam as identidades.

Aguirre (1997, p.31) explica que a relação entre identidade e cultura sustenta-se no fato de que esta última dispõe aos indivíduos e aos grupos os sistemas referenciais construtores da primeira. Apesar desta relação, Barth (2000, p.80) destaca que “a identidade se relaciona somente com alguns elementos da cultura, de maneira que se sustenta em símbolos do povo que compartilha essa identidade, e não necessariamente com toda a sua cultura”.

Conforme essa explicação, a identidade existe por identificar-se com o sistema de valores e crenças determinados, que por não serem necessariamente compartilhados por todos os seus membros, tornam-se incertos em uma cultura. Essa explicação sugere ainda que a identidade pode ser definida como uma construção simbólica de identificação ou diferenciação produzida em relação a um marco de referência determinada, podendo se referir ao território, ao gênero, a idade, a classe, entre outros.

Dessa maneira, as formas sociais do passado são reproduzidas, apropriadas, transformadas nas práticas e nas interações da vida cotidiana dos indivíduos. Cuche (1999)

completa esta argumentação comentando que as estratégias de identidade, mesmo que modifiquem uma cultura, quase não terão nada em comum com o que ela era antes.

Hall (1996) reconhece que a identidade cultural de um indivíduo ou de um grupo se transforma ao longo do processo civilizatório. Esta afirmação nos estimula reconhecer que a sociedade em que o indivíduo vive, seja ela de origem ou de destino, o transforma e o fragmenta, fazendo com que assuma várias identidades. De acordo com esta explicação, podemos afirmar que os migrantes peruanos assumem identidades variadas em diferentes momentos. Tais identidades são afetadas principalmente pelos processos de socialização. A fala de César Ramirez de 39 anos, que já trabalhou no comércio informal, mas que nos últimos anos passou a garantir a sua sobrevivência como ajudante de pedreiro, nos serve de exemplo:

Nací en la ciudad de Iquitos, pero viví en Lima para continuar mis estudios. Cuando yo estaba en Lima me comportaba de acuerdo con los costumbres de lá. Mudei mi comportamiento. Tive que aprender a ser inteligente para no se engañado por ninguna persona [...] Cuando yo llegué aquí en Boa Vista mudei mi comportamiento. La primeira transformación comenzó por el idioma. Después empecé a agir como la gente de aquí. Mismo aprendiendo a economizar, tive que me acomodar un poco. Esto es característico de la gente de aquí, especialmente por la falta de oportunidad de empleo [...] Lo que me motiva a continuar aquí són mis familiares que viven aquí: mi hermana, mi hermano y mi sobrina. La tranquilidad de aquí también me agrada. Me gustan los brasileños. En general, són personas alegres que tratán bien los extranjeros. Estas características me motiván a me sentir brasileño también. Yo vivo en Brasil, portanto, yo también soy brasileño. La diferencia es que yo soy un brasileño diferente: yo soy un peruano brasileño (risos). (Entrevista concedida em: 20/10/2012).

O relato de César nos estimula a recorrer novamente a Hall (2000) que, por considerar as identidades contraditórias, acredita que as pessoas participam de várias identidades simultaneamente, em combinações às vezes conflitantes. Neste sentido, a identidade pode mudar em virtude da forma com que o indivíduo é representado. Sua identificação nem sempre é automática, ela precisa ser desenvolvida.

A partir deste enfoque, Garrido (2004, p.35) chega a seguinte conclusão: “a identidade, por ser um processo socialmente construído, estimula o indivíduo a buscar referência de si mesmo em seu entorno”. Segundo Laurenti e Barros (2000), com esta interação, o indivíduo passa a buscar o reconhecimento de si mesmo no outros, aqueles que considera iguais a ele.

Garrido (2004) comenta também que além da interação e identificação do indivíduo com seu entorno, este busca o reconhecimento de si em um coletivo maior, em um grupo social que defina a si e ao seu grupo em função das experiências compartilhadas no passado.

Conforme Brown (1972), a construção da ideia de nação é um exemplo do reconhecimento que um indivíduo possui com um grupo maior. Para este autor, a nação é uma ideia que articula um “nós coletivo”, e este constitui uma relação de identidade por se tornar regra de semelhança, e também um critério para demarcar a diferença com os “outros”. Já para Smith (1999, p.28) “a ideia de nação pode ser definida como uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos, memórias comuns, uma cultura pública de massas, uma economia comum e direitos e deveres comuns a todos os membros”. O autor completa que a ideia de nação como identidade coletiva tem muita relevância no processo de objetivação e na distinção da vida social: trata-se da distinção entre o “eu” e o “outro” em seu sentido mais amplo.

Segundo Pascual (1995) o sentimento de pertença a uma nação é nato, não há possibilidade de opção. Contudo, a identidade nacional é um poderoso meio para definir e posicionar pessoas individualmente no mundo, através da memória, da personalidade coletiva e de sua cultura distinta.

De qualquer forma, no mundo contemporâneo as identidades cultural e nacional estão se tornando desintegradas, o que torna difícil para o indivíduo compreender a característica de espaço-tempo que acelera os processos globais. Neste enfoque, Hall (1996) que os fluxos culturais entre as nações criam possibilidades de identidade partilhadas, formadas dentro e fora da noção de origem. É a partir de então que as identidades étnicas surgem no momento em que a descendência é questionada, não como nação de origem, mas como parte da cultura específica dentro de uma nação.

Quando falamos em identidade étnica, estamos considerando uma necessidade de distinção, muitas vezes reforçada a partir da experiência da migração. Trata-se de um processo no qual são acionadas formas de reconhecimento a partir de elementos culturais compartilhados por certos coletivos que, entre muitas formas de identificação, se reúnem a partir de um imaginário construído em torno de seu país de nascimento ou de um grupo cultural. Barth (2000) entende que, muitas vezes, a própria concepção de etnia é construída a partir de uma ideia de nação, quando o grupo étnico é definido pelo país de nascimento.

Considera, entretanto, o processo de autoidentificação do grupo étnico de pertença, mais do que os atributos que externamente possam ser referidos aos sujeitos.

Todos esses apontamentos nos proporcionam a seguinte reflexão: se alguém decide ir viver num outro país e numa outra sociedade, deve ter todo o direito de manter a sua cultura, mas também deve estar pronto a aceitar minimamente as regras da maioria, especialmente no aspecto jurídico e na convivência cotidiana. Do contrário, serão formadas sociedades onde todos, formalmente, serão cidadãos sujeitos as mesmas regras, mas onde, na prática, cada grupo vive como quer, com os inevitáveis conflitos que poderão surgir.

### **CAPÍTULO 3 – A PRESENÇA DE PERUANOS NA CIDADE DE BOA VISTA/RR: OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA MIGRAÇÃO EM UMA REGIÃO DE FRONTEIRA**

*Nas asas do sonho partem os migrantes,  
Aos milhares e milhões põem-se em marcha;  
Das terras do desemprego e da fome  
Rumam em direção às terras do trabalho e do pão;  
Rompem leis, fronteiras e obstáculos,  
Fortes e frágeis na luta pela vida.  
(Migrantes: Pe. Alfredo J. Gonçalves)*

O mundo contemporâneo é marcado por processos de mobilidade humana, e este fenômeno interfere na construção e reconfiguração das identidades dos sujeitos deslocados. Assim, acreditamos que a presença de peruanos em Boa Vista ocasiona transformações nas relações sociais e culturais dos sujeitos migrantes como da população nativa.

Castel (1998) evidencia que o migrante, no meio social e econômico de origem, sofre processo de desfiliação de sua vida social. No local de destino, por sua vez, a inserção no meio social contribui para a recuperação de um sentimento de pertencimento. Tal sentimento de pertencimento é fundamental para que o sujeito migrante, que deixou para trás seus objetos e espaços preciosos, possa construir em outro lugar o seu devir. No entanto, Ferreira (1996) ressalta que para forjar a sua consciência, sua autonomia e seu devir, o migrante tem que elaborar suas perdas e estabelecer alianças com a diferença do outro, que também vive nele.

Nesse processo, portanto, o migrante sofre transformações significativas no seu modo de pensar e agir que se expressa na sua adaptação ou não à nova sociedade e nova condição. Entretanto, sua condição de migrante não elimina totalmente a ligação ou pertencimento ao lugar de nascimento. Mas, a partir do momento em que o migrante se relaciona com sociedades, culturas e línguas diferentes, ele já se coloca em condição de transformação, pois sem perceber modifica o dia a dia, o cotidiano, a maneira de viver e agir.

Essa nova realidade apresenta inúmeros desafios, pois para o migrante largar seu país, sua cultura e, especialmente, parentes e amigos não é fácil. Ao chegar em um lugar “desconhecido” os sentimentos são os de apreensão e saudade. A princípio torna-se difícil lidar com a diferença cultural, aprender a falar a nova língua e se adaptar às novas leis e aos códigos culturais.

Em decorrência dessa discussão, neste capítulo pretendemos abordar os elementos que demonstram a origem social dos migrantes peruanos entrevistados e que oportunizam discutir

os processos de negociações cultural e identitária. O referido capítulo destacará, ainda, que a dimensão social do modo de vida migratório expressa, de um lado, a busca pela manutenção dos laços familiares e, de outro, um comportamento cultural que se aproxima da racionalidade moderna, centrada no trabalho, que sem dúvida, prioriza o desempenho individual de cada migrante.

Nesse cenário, Caragnato (2004) reforça que o migrante é possibilitado, de uma forma ou de outra, a viver vidas diferentes em culturas diferentes. Por isso, dispõe de vocações e de identidades diversas. Nessa mesma perspectiva, Melman (2002) destaca que o trabalhador migrante é produto das mudanças econômicas, sociais e culturais, uma vez que o sujeito da contemporaneidade é um sujeito atópico. Sem consistência, ele transita no mundo elevado pela busca da satisfação e do gozo infinito pelo consumo massificado, visto que o princípio das sociedades de massa é o de promover “clientes felizes e satisfeitos”.

Dessa forma, o migrante, sujeito da contemporaneidade não tem um projeto fixo, embora a ele seja possibilitado, de uma forma ou de outra, viver vidas diferentes, em culturas diferentes e dispor de vocações e de identidades diversas. Mesmo assim, afirmamos que os migrantes da atualidade alargaram as fronteiras, ocupando outros espaços, tornando-se, de certa forma, ao mesmo tempo reterritorizado e desterritorizado, já que em muitos casos chegam a migrar com a ideia de transitoriedade.

Não podemos esquecer que Sayad (1998) afirma que a prática migratória fundamenta-se na provisoriedade, já que a duração de permanência do migrante é governada pelo mercado de trabalho. O migrante se encontra dividido entre o provisório e o permanente, tendo em vista que um trabalhador migrante continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento mesmo que a ideia seja a de permanência. Deste modo, representações sociais são elaboradas e, de certa forma, impactam os processos identitários e as relações sociais.

Devido ao predomínio do Estado Nacional na organização política das sociedades contemporâneas, o migrante é geralmente um indivíduo que saiu de um determinado país e ingressou em outro. Os limites precisos entre cidadão e estrangeiro são produtos da construção do Estado nacional. Os sentimentos e representações em relação a terra natal expressam o patriotismo antigo, mas continua presente nas relações modernas e talvez represente um elo de ligação importante entre as antigas formas de organização coletiva e as modernas imaginações nacionais.

A realidade social estudada é repleta de valores morais, patrióticos e culturais que dão sentido às ações humanas. Durante a pesquisa percebemos que tanto a imprensa como os trabalhos acadêmicos que abordam a problemática da migração peruana no Brasil interpretam esse fenômeno de uma maneira distinta. Nos trabalhos acadêmicos os peruanos são geralmente apresentados como pessoas que saem de seu país de nascimento a procura de melhores condições de vida e que, no entanto, enfrentam diversas dificuldades no local de destino. Já a imprensa, em algumas situações, destaca os migrantes peruanos como invasores que se envolvem com a criminalidade.

As entrevistas realizadas foram importantes para percebermos a heterogeneidade da migração peruana. Durante o trajeto da pesquisa verificamos a relação dos peruanos com os brasileiros em espaços públicos como as feiras, restaurantes, praças, bares e igrejas. Isso foi importante para compreendermos detalhes dos conflitos e as formas de integração dos peruanos na sociedade boa-vistente. Enfrentamos também o complexo jogo das identidades e das classificações sociais.

Verificamos, por exemplo, que as identificações nacionais e étnicas entre peruanos e brasileiros são estabelecidas a todo instante. Constatamos também que embora os migrantes peruanos estejam presentes na economia de Boa Vista, a influência cultural deste grupo nesta ampla zona de fronteira ainda não é significativa.

Deste modo, reconhecemos que essas questões aparecem concomitantemente no processo de interação do indivíduo com a sociedade. Com isso, se pode inferir que até o fim do ciclo vital, existem situações que fazem com que as pessoas possam negociar suas identidades, passando por várias metamorfoses, nos níveis individual, social e organizacional na sociedade da qual participam.

Os depoimentos colhidos no presente trabalho revelam que as negociações identitárias dos migrantes peruanos foram se acentuando quando identificadas com seus semelhantes. Assim, a estratégia particular de cada migrante se concretizou em um esforço determinado para com o grupo com o qual interagiu. Tal interação é pensada no sentido de buscar a continuidade do universo de cada migrante, proporcionando a sobrevivência de seus valores e tradições em um universo em permanente transformação.

Por fim, concluímos que as migrações internacionais recentes têm nos instigado a repensar as categorias com as quais as migrações e os migrantes têm sido analisados, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos

aspectos desse movimento. No caso da migração de peruanos, estas reflexões são importantes, para não correremos o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas ao atravessarem as múltiplas fronteiras.

### **3.1 A cidade de Boa Vista e as rotas migratórias**

Boa Vista é a capital do estado de Roraima e foi fundada no ano de 1890. Localiza-se ao nordeste do referido estado, em uma área de campos naturais, conhecida regionalmente por lavrados. Seus primeiros habitantes foram os povos indígenas e os migrantes, em especial os de origem nordestina, atraídos pela pecuária e pelo extrativismo.

Desde o século XVIII, a ocupação da região foi comandada pelo poder público, sendo que a intensificação do povoamento e das migrações se dá no século XX. Por isso, que antes de retratarmos o fenômeno migratório em Boa Vista, é necessário destacarmos o contexto migratório do estado de Roraima.

O Estado de Roraima localiza-se no extremo norte do Brasil e faz fronteira ao norte e nordeste com a Venezuela, ao leste com a República Cooperativa da Guiana, além de divisas ao oeste e ao sul com o Estado do Amazonas e ao sudeste com o Pará.

De acordo com Diniz (1997), a história da ocupação de Roraima divide-se em cinco períodos: O primeiro vai da “descoberta” do rio Branco pelos portugueses, em 1639, até o final do século XVII; o segundo, inicia-se no século XVIII e vai até a criação do município de Boa Vista, em 1890; o terceiro inicia-se a partir de 1891 vai até a criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943; o quarto período vai de 1944 até a construção da BR-174 na década de 1970, e o quinto e último período inicia-se em 1980 e vai até os dias atuais. Para este trabalho nos deteremos apenas, ao quarto e quinto períodos.

A criação do território Federal de Roraima, em 1943, foi marcada pela colonização dirigida, principalmente de nordestinos. Conforme Diniz (1997, p. 155) foi através dessa colonização que os migrantes nordestinos “além de terem seus deslocamentos pagos pelo governo do Território recebiam, entre outras coisas, lotes de terras, sementes, ferramentas e utensílios domésticos, assistência técnica, remédios e assistência hospitalar”. As estradas federais BR 174 - ligando Manaus a Boa Vista - e BR 210, a Perimetral Norte - que em Roraima possibilitou a implantação de trechos de São João da Baliza até Caracaraí e de lá até

o rio Repartimento, seguindo até a Missão Catrimani - só foram construídas nos anos de 1977 a 1983, respectivamente. Esse feito marcou outra fase de colonização e ocupação, visto que um contingente de trabalhadores passou a ter acesso às “terras livres” na Amazônia. Esta época foi marcada pela criação de incentivos à ocupação do território, visando solucionar os problemas crônicos de ocupação dos “espaços vazios” do território, levando em consideração a antiga preocupação dos governos centrais em defender as fronteiras internacionais do país, e criar colônias agrícolas para transferir a população das regiões empobrecidas para regiões mais supostamente agricultáveis.

A população que em 1970 era de 40.885 habitantes, em 1980 chegou a 79.159 habitantes, tendência de crescimento que se manteve nas décadas seguintes. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Roraima tem uma população de 451.227 habitantes e seu crescimento demográfico é de 4,8% ao ano e tem sido impulsionado por constantes movimentos migratórios inter-regionais ocorridos nas últimas décadas.

Segundo Vale (2007), as taxas migratórias inter-regionais são altas e vem produzindo novas territorialidades e novas formas de concepção do uso e do processo de domínio do território de caráter econômico e social. O nordestino, em particular o maranhense, mais uma vez tornou-se responsável pela mais recente territorialidade em Roraima.

O censo demográfico de 2000 demonstra que o Pará é o estado que vem se consolidando como principal lugar de origem dos migrantes, podendo ultrapassar o estado do Maranhão. Pode-se inferir que o Pará é um dos estados de trajetória migrante dos nordestinos, em especial dos maranhenses que migram para Roraima, ou seja, os migrantes nordestinos passam por vários estados antes de chegarem a Roraima.

Roraima é um estado que se insere no contexto das migrações, principalmente, por constituir-se em lugar de recepção de grande fluxo de pessoas tanto nacionais, quanto estrangeiras. No caso dos fluxos migratórios internacionais, dados oficiais e de pesquisas recentes confirmam o crescimento da migração transfronteiriça não apenas de guianenses, que historicamente ocorre desde os anos 1960, mas de migrantes de outras nacionalidades. A pesquisa *Deslocamentos Populacionais na trílice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana*<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Iniciada no ano de 2007, esta pesquisa é coordenada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francilene Rodrigues e propõe-se a investigar os processos sociais e simbólicos decorrentes da migração no espaço fronteiriço Brasil-Venezuela-Guiana.

identificou a circulação, tanto em Boa Vista como nas cidades fronteiriças de Bonfim e Pacaraima, de migrantes guianenses, peruanos e outras nacionalidades atuando, principalmente, no setor do comércio informal. Esses comerciantes informais circulam pelos centros comerciais, feiras livres, áreas de lazer, festas e comemorações da cidade.

Dados da Divisão de Controle de Imigração da Polícia Federal de Roraima informa que em 2009 existia cerca de 1.668 estrangeiros regularizados em Roraima. Entre esses estrangeiros, predominavam guianenses, venezuelanos, peruanos e os cubanos. Em 2012 os números não mudaram muito. Passou a existir cerca de 1.907 estrangeiros. As nacionalidades que predominavam em 2009 continuaram na mesma posição 03 anos depois. (Tabela 01).

**Tabela 01: Grupos de estrangeiros em Roraima (Anos 2009 e 2012)**

<b>Estrangeiros em Roraima</b>			
<b>2009</b>		<b>2012</b>	
<b>Nacionalidade</b>	<b>Nº de estrangeiros</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Nº de estrangeiros</b>
Guianense	292	Guianense	325
Venezuelana	234	Venezuelana	324
Peruana	220	Peruana	274
Cubana	187	Cubana	194
<b>Total de todas as nacionalidades</b>	<b>1.668</b>	<b>Total de todas as nacionalidades</b>	<b>1.907</b>

**Fonte:** Superintendência da Polícia Federal-RR (2009/2012).

Esses dados indicam uma tendência que, no entanto, está aquém da realidade, uma vez que grande parte dos migrantes internacionais vivem em Boa Vista de forma irregular. A própria Superintendência da Polícia Federal (SPF) reconhece que existem muito mais estrangeiros na cidade que os números indicam. Segundo o PNUD (2009, p.25), as estimativas sobre o número de migrantes irregulares numa série de países atingem algo em torno de 25 a 55% da população. Porém, de acordo com os especialistas em migração, estima-se que a migração irregular seja em média de um terço de toda a migração para os países em

desenvolvimento. Existe uma enorme incerteza sobre o verdadeiro número de migrantes no mundo todo.

Após essa breve contextualização histórica, não podemos esquecer que nas últimas três décadas houve um incremento tanto das migrações de outros estados para Roraima, quanto dos deslocamentos do interior do estado para a capital, seguindo uma tendência amazônica de inversão crescente entre a população urbana e rural. A cidade de Boa Vista passou a crescer de maneira desordenada e desigual.

De acordo com o diagnóstico elaborado pelo Plano Diretor de Boa Vista, em decorrência desse processo de urbanização rápida e intensa, multiplicaram-se os bairros periféricos sem condições de habitação e ocorreu uma ocupação desenfreada de áreas de proteção e de risco ambientais. Com o crescimento da população e do número de bairros, houve um aumento da demanda por serviços públicos como escolas, hospitais, postos de saúde, transportes, entre outros, e os índices de desemprego e informalidade alcançaram patamares elevados. Uma das consequências mais perversas desse crescimento foi aumento da migração de indígenas para a capital, sendo os principais motivos para o deslocamento a busca por melhor instrução, seguido pela busca por oportunidades de trabalho.

O Censo Demográfico de 2010 indica para Boa Vista uma população de 277.684 habitantes. A capital roraimense concentra uma parcela considerável da população e do Produto Interno Bruto (PIB) do estado de Roraima. Isso dá à Boa Vista bons índices de desenvolvimento no quadro estadual. Por exemplo, em 1991, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Boa Vista foi de 0,731 e, em 2000 passou para 0,779. O que contribuiu para este resultado foi uma pequena melhora no item educação, que passou de 0,828 em 1991 para 0,910 em 2000. Logo, a taxa de analfabetismo é de 8,5%, entretanto, ainda encontra-se abaixo da média nacional, que é 9,8%. A média do IDH Municipal em Roraima é de 0,679 e da Região Norte é de 0,664. A média nacional, por sua vez, é de 0,699. Considerando esses dados é possível constatar que a cidade de Boa Vista ocupa o primeiro lugar no *ranking* estadual ficando à frente de São João da Baliza (0,729), Mucajaí (0,726), Pacaraima (0,718), e Iracema (0,713). Em relação ao *ranking* do IDH da região norte brasileira, a capital roraimense está na quinta colocação. Sua posição no *ranking* nacional é de 1074º lugar (Disponível em: <http://www.caminhos.ufms.br/matrizdados/rr/boavista.html>).

De acordo com os dados da SEPLAN-RR (2011), economicamente, Boa Vista tem participação de 71,03% na riqueza gerada em Roraima, dando destaque ao setor terciário

composto pelas subatividades do comércio, serviços de transportes, informação, intermediação financeira, atividade imobiliária, serviços prestados às empresas, administração pública, educação e saúde mercantis e demais serviços prestados às famílias. Com relação ao setor secundário, Boa Vista possui 81% do valor adicionado da indústria roraimense, onde se concentra as principais unidades madeireiras, moveleiras e alimentícias, localizadas no distrito industrial boavistense. Em 2006 o PIB per capita foi de R\$ 10.413,61 (dez mil, quatrocentos e treze reais e sessenta e um centavos).

Esse quadro de uma economia em crescimento serve, em algumas situações, de atrativo para pessoas de outros estados e, até mesmo de outros países que buscam trabalho e melhores condições de vida. Boa Vista, por ser capital, concentra grande parte do aparato do Estado e de serviços públicos. A combinação de todos esses fatores a torna o destino da maioria dos migrantes que se deslocam para o estado de Roraima, tanto dos nacionais quanto dos estrangeiros e, no caso específico, dos peruanos.

### **3.2 A convivência multicultural: Os diferentes significados das negociações identitárias na prática migratória**

O processo migratório implica um plano que inicia com a viagem e suas formas de deslocamento. Os migrantes peruanos, por exemplo, seguem rumo ao Brasil pelo trajeto terrestre, fluvial e/ou aéreo. Apesar das dificuldades, a viagem é atrelada ao desejo de enfrentar todos os problemas para atingir os anseios de conhecer um novo país.

Muitos peruanos partem para Boa Vista sem saber o que poderão encontrar. Alguns não partem com um projeto de migrar para outro país, e sim, partem com o propósito de se aventurar, conhecer outras realidades. No entanto, acabam ficando por mais tempo ou nem chegam a retornar a terra natal. Já outras pessoas saem com objetivos de permanência no local de destino, tanto a médio quanto a longo prazo.

O planejamento de não permanecer em Boa Vista fez parte dos planos de Marco Antonio, comerciante informal de 35 anos, natural de Pucallpa:

Llegué aquí en 2000. Tengo un tío que vivía en Brasil ha mucho tiempo. Pero nunca había vivido en Boa Vista. Havia vivido en otras ciudades como Brasilia, Manaus y Macapá. En el momento en que llegué ello vivía en Manaus. Ello hablaba muy bien de lá. Elle dijia que yo iria gustar. Entonces decidí seguir su consejo. Pero yo sólo quería pasar unos días. Mi deseo era viajar a los Estados Unidos [...] Cuando llegué lá empezé a gustar del Brasil, principalmente de las personas. Esto me motivó a permanecer y trabajar en el comercio [...] Yo gané mi autonomía. Tiempo después un peruano que vive aquí en Boa Vista fue a Manaus e dije que aquí en Boa Vista era más fácil de ganar dinero y que la ciudad no era tan agitada como Manaus. Fue entonces cuando decidí venir a vivir aquí. Sólo quería conocer. Bebí el agua del río Blanco (risas) y acabé quedándome aquí y no quiero volver a mi país. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

Marco Antonio descreveu a experiência da descoberta e os novos rumos que a sua vida tomou após encontrar outra realidade. A aventura e a curiosidade são perspectivas que circunscrevem a experiência do qual este peruano fez parte, uma vez que seu tio estimulou a sua vinda para o Brasil.

As complicações relacionadas ao processo de deslocamento para o Brasil foi algo destacado por boa parte dos entrevistados. O médico peruano natural de Lima, Miguel Augusto de 50 anos que vive em Boa Vista há 14 anos, desconstruiu, por exemplo, a imagem de aventura que muitos migrantes imaginam existir na prática migratória. Representou o seu trajeto como um sofrimento a ser sobrepujado devido aos problemas de locomoção e ao calor que passou a enfrentar quando chegou em terras amazônicas:

Sufrí mucho para llegar aquí. Forán más de 10 días de viaje. Como no tenía dinero suficiente para viajar en avión, hice lo que la mayoría de la gente: recorrí al barco y autobús. Permanecer varias horas en un autobús es horrible. Sentí mucho dolor en el cuerpo y pasaba hambre. La viaje no fue tranquila [...] Pero hoy reconosco que valió la pena pasar por todo ese sufrimiento. Si yo repetisse el mismo camino que hiz la primera vez tendría otro aspecto. Sabería contemplar la belleza de la selva. (Entrevista concedida em: 31/10/2012).

O relato anterior demonstra que uma viagem longa pode tornar-se bastante cansativa. Entretanto, depois que a travessia da fronteira acontece, a forma de observar a paisagem pode mudar. O primeiro elemento a ser observado é a selva amazônica, que antes era desconhecida e que depois passa a ser apreciada.

Um aspecto que se manifesta nos relatos dos migrantes peruanos são as dificuldades enfrentadas por boa parte deles no local de origem: o Peru. Cabe ressaltar que não são todos

que comentam as dificuldades do cotidiano. Contudo, verificamos que muitas experiências de vida são comuns a vários migrantes. Os que destacaram as dificuldades descrevem, em especial, a falta de emprego, as questões relacionadas à pobreza, busca de oportunidade de estudo, entre outros.

As situações da família da peruana Gisela Medina no país de origem fizeram com que a mesma, para ajudar na renda familiar, trabalhasse no comércio informal quando chegou em Boa Vista:

En Perú trabajaba como costurera. Siempre ayudaba a mis padres con lo poco que ganaba. La situación no era fácil [...] Cuando llegué aquí, empecé a trabajar como comerciante. Solamente así conseguí enviar dinero a ellos. Pero la situación no ha mejorado. Es una pena que mis padres no se interesá a venir aquí. (Entrevista concedida em: 22/11/2012).

Gisela construiu seu discurso, em especial, nos aspectos econômicos. Porém, existem outros problemas que fazem parte da vida migratória. Um desses problemas é o alcoolismo, fato que é percebido entre muitos peruanos. Mesmo com essas situações, reconhecemos que elencar os objetos de escolha do país e da decisão de migrar não é tarefa fácil.

Existem inúmeras possibilidades de interpretação para entendermos o deslocamento de pessoas no tempo e no espaço contemporâneo. Os conflitos e problemas no cenário migratório aparecem com muita frequência nos relatos de qualquer migrante. Sendo assim, é importante entendermos tanto os cenários sociais do qual os migrantes peruanos fizeram parte, quanto as suas explicações pessoais, que comumente estão amparadas nas experiências de vida, como também, no entrelaçamento com outras experiências na cidade de Boa Vista.

Geralmente a opção pelas cidades da Amazônia é justificada pela ideia de que as pessoas com menores poderes aquisitivos escolhem os países circunvizinhos do Peru. Partindo dessa inferência, não queremos negar os aspectos econômicos embutidos na vida das pessoas, mas sim esclarecer que as pessoas criam justificativas pessoais, que expressam a subjetividade, como mecanismos que podem ser interpretados como escolhas diretamente não condicionadas pelas forças políticas e econômicas de um determinado contexto sociohistórico.

Conforme Magalhães (2006), existem inúmeras possibilidades interpretadas para entender o deslocamento das pessoas no tempo e no espaço contemporâneo. Ao tratar do contexto histórico peruano, Oliveira (2008) constatou que a prática migratória é uma constante na vida do povo peruano. Isso pode ser comprovado com o marco histórico mais terrível da história do Peru: A instauração da ditadura militar no ano de 1968 que seguiu até 1975. No

decorrer desse período, o Peru passou por um momento de conflito econômico e político. Em decorrência disto, muitos peruanos migraram para outros países a procura de melhoras.

A entrevistada Florencia Alborato argumentou que foi durante aquela época que seu esposo migrou para os Estados Unidos a procura de novas oportunidades. Vejamos abaixo a explicação que ela elaborou:

Pablo y yo no habíamos completado nuestro primer año de matrimonio cuando él decidió vivir en los Estados Unidos. Era el año 1974. Yo sufrí mucho. Pero no tenía coraje de ir con él. Era muy apegada a mi madre. Pablo emigró porque en el Perú no teníamos oportunidades. Durante la dictadura de la pobreza fue grande. El gobierno persiguió al pueblo. Pablo pensó que fuese gustar de los Estados Unidos. Pasó dos años lá. Él regresó porque no suportó ser humillado por la mayoría de la gente debido ser latinoamericano. (Entrevista concedida em: 24/10/2012).

O relato de Florencia é marcado por conflitos e problemas que fazem parte do cenário migratório. Sem dúvida, a ditadura militar acarretou diversos problemas na vida de outras famílias. Para Mota (2009), esse acontecimento histórico refletiu nas condições de vida das pessoas, embora seu interesse principal fosse interferir na vida política e econômica do Peru. Reconhecemos que esse exemplo reforça o entendimento de que a falta de oportunidades no país de origem e a política repressiva dos países desenvolvidos, fazem com que os migrantes sofram com as violações dos direitos humanos. Muitos são humilhados, discriminados, perseguidos e explorados.

Os exemplos citados até aqui esclarecem que são diferenciados os fatores explicativos da migração. É com essa perspectiva de ampliar os fatores explicativos que envolvem o processo migratório peruano que essa pesquisa se justifica. Sendo assim, é importante acrescentarmos que as matrizes culturais e de classes são campos que interferem nos padrões de escolha das pessoas.

Ao ser questionado sobre os fatores que motivam os peruanos a migrarem para outros países, Juan Vicente atrelou as explicações de partida ao fator trabalho, pois muitas pessoas chegam a concluir a graduação, mas não há campo de trabalho. Por isso, acabam optando pela migração como forma de dar continuidade aos projetos não desenvolvidos em sua pátria:

Creo que muchos peruanos llegaron en Boa Vista en busca de trabajo. Apesar del Perú tener un bajo costo de vida, no tiene trabajo para todos. El Brasil es considerado por nosotros como la tierra de las oportunidades. (Entrevista concedida em: 21/11/2012).

Na sequência, Juan Vicente explicou que, embora para muitos peruanos o Brasil seja o país das oportunidades, muitos pensam que a realidade brasileira refere-se somente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Sem dúvida, essa representação é repercussão do que a mídia internacional expõe:

Siempre gusté de la cultura brasileña. Cuando era niño leya los libros de Monteiro Lobato. Descubri que él era brasileño cuando llhegué en Boa Vista y conoci la escuela Monteiro Lobato. No desconfiei que era brasileño porque leya su obra en español [...] Creo que vení para cá porque siempre soñé vivir en Río de Janeiro o Sao Paulo. Gracias a Dios pude cumplir ese sueño. En 2005, mi esposa fue estudiar la maestría en Psicología en la Universidad Católica de São Paulo. Vivimos lá casi 04 años. Gusté mucho de la experiencia. Pero la vida lá es mucho más difícil que en Boa Vista. En Boa Vista la concorrência no es tan grande. Es fácil conseguir un trabajo. En São Paulo no es así. Só consegue se dar bien quién está con la documentación regular. (Entrevista concedida em: 21/11/2012).

Na contemporaneidade tornou-se bastante difícil para os migrantes internacionais ter um emprego digno, visto que muitos problemas se impõem, principalmente os relacionados a falta de documentos para permanecerem “legais” no Brasil.

Ao contrário das explicações acima, a peruana Priscila Heredia descreve os motivos de migrar como atrelados a curiosidade de conhecer a fundo a cultura brasileira<sup>22</sup> e estudar a língua portuguesa:

Siempre gusté del idioma portugês. Eso es desde de la infancia [...] Fue esta curiosidad que me motivó a venir para cá [...] siempre decía que iría casarme con un brasileño (risas). Siempre quise aprender a sambar. Infelizmente no aprendí. Aquí en Boa Vista la gente no samba. Las personas só gustán de forró. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Os últimos relatos reforçam que a prática migratória não está necessariamente associada ao trabalho. Existem inúmeros fatores que levam a decisão de migrar. Entre os vários relatos no decorrer da pesquisa, o mais curioso está associado a questão amorosa. Foi o que aconteceu com Cezar Ramirez:

---

<sup>22</sup> É importante destacar que desde a segunda metade do século XX o expoente da cultura brasileira no cenário internacional atrelou-se ao futebol e as músicas do gênero Bossa Nova e samba.

Costumo hablar que venir a Boa Vista porque tengo familiares que vive aquí. Hay, en la realidad, un motivo más fuerte que esto. En el Perú vivencí una decepción amorosa. No hacia más sentido continuar lá [...] Siento mucho por mis hijas que están sin la presencia del padre. (Entrevista concedida em: 20/10/2012).

As histórias de amor ou decepções amorosas raramente aparecem como fatores da escolha de migração. Às vezes as pessoas costumam fazer como Cezar: Camuflam esse tipo de informação por meio dos condicionamentos macro econômicos e políticos. As motivações de Gloria Maria e seu esposo, por exemplo, é totalmente adversa das motivações especuladas por César Ramirez. Ambos receberam o convite dos familiares do esposo de Glória Maria para migrarem a Boa Vista. Apesar desse acontecimento, Gloria Maria afirmou que também foram estimulados pela esfera econômica. Precisavam compor uma renda no Brasil, retornar e pagar algumas dívidas que deixaram em seu país. Porém, até a data da entrevista o retorno ainda não havia acontecido:

Cuando viviamos en Perú, nuestra condición financiera no era buena. Piorou cuando mi marido estaba desempleado. Viviamos de la ayuda de familiares y amigos. Este fue el factor principal por el cual decidimos venir a Brasil. (Entrevista concedida em: 28/10/2012).

Com esse movimento de crise financeira, Gloria Maria reconheceu também que o empreendimento de uma viagem longa requer recursos financeiros. Ações e planos são fundamentais para que a dinâmica do deslocamento seja entendida, uma vez que os recursos e os meios utilizados podem revelar as pretensões de quem resolve migrar. Muitas pessoas, por exemplo, para conseguirem idealizar uma viagem fazem empréstimos a amigos e parentes; vendem seus bens materiais na cidade de origem ou até mesmo ficam desempregados. Podemos perceber esses mecanismos nos planos usados por Eva Ponce:

Venir a Boa Vista por invitación de mi prima. Me di cuenta de que aquí era mucho más fácil de ganar dinero que en el Perú. Decidí dejar los tres trabajos que tenia en Perú. Sólo no dejé mi familia. Mi marido esperó se aposentar y despues veio a mi encuentro junto con nuestros dos hijos, que eran adolescentes en el momento [...] Vendemos tudo. Trouxemos lo que necesitábamos para seguir una nueva vida aquí. (Entrevista concedida em: 25/12/2012).

Outros entrevistados demonstram em suas narrativas que migrar para outro país requer um planejamento de ações a serem desencadeadas no ato de escolha do lugar de destino. Quando existe um projeto de vida estimulado pela migração, normalmente, transporta-se além de objetos materiais, objetos de cunho simbólico para a manutenção do plano estabelecido ainda no país de origem. Em outras palavras, quando existe um projeto de vida em torno da prática migratória, geralmente, transporta-se um pedaço do mundo no qual a pessoa estava inserida.

Nas considerações realizadas, a bagagem representa o desejo de permanência, o projeto construído na cidade de origem, o desejo de concretizar o projeto de migração, de estabelecer e criar vínculos que não sejam passageiros, deslocando signos para a manutenção da vida em outros territórios. Paes (2011) ressalta que mesmo aqueles que não levam um conjunto significativo e bagagem, sempre carregam objetos para manter vínculos afetivos com a terra da qual partiram. Entre esses objetos podemos destacar retratos de família, brinquedos, roupas e artigos alimentícios.

Como já foi ressaltado, existem distintos motivos que impulsionam a prática migratória. Queremos aproveitar essa passagem para reforçar o fato de que o Brasil não é o primeiro país de escolha de muitos migrantes peruanos. Antes de chegarem ao Brasil alguns passaram por outros países. Outro fator importante é a feminização do movimento migratório peruano que cresceu nos últimos anos devido ao aumento de vagas no setor de serviços relacionado aos empregos domésticos. Contudo, em Boa Vista a presença de mulheres peruanas na cidade de Boa Vista ainda não é predominante.

Nessa discussão, cabe destacarmos que é preciso retomar a análise das redes migratórias para compreendermos como pessoas, bens materiais, informações e valores podem ser pensados como fluxos que se conectam conforme algum padrão determinado. Para Fazito (2002) as redes migratórias podem ser usadas como procedimento para analisar os grupos sociais e os movimentos migratórios, fazendo compreender a dinâmica social a partir da mobilidade dos grupos em trânsito.

Desse modo, as redes migratórias são importantes para compreendermos a migração de peruanos em Boa Vista porque possibilitam uma análise coerente acerca do conceito de identidade, uma vez que este passa a ser visto como um processo ativado por meio de práticas discursivas, como redes de acionamento de valores no tempo e no espaço.

As redes de contatos dos peruanos entrevistados representam as pessoas que os receberam no local de destino ou aquelas que contribuíram de alguma forma quando ainda estavam no local de origem. Muitos dos peruanos ao chegarem em Boa Vista já foram direto para as casas de familiares, amigos ou pessoas indicadas por outros conhecidos. O exemplo de Jose Marco nos ajuda a compreender este processo:

Llegué a Boa Vista y no estaba seguro de lo que iria hacer. Mi sobrino, que había llegado mucho antes de mí me recibió. No me preocupé con moradía, alimentación y nem trabajo. Mi sobrino se encargó de todo para mí. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

É muito comum esse tipo de situação acontecer com outros peruanos. É uma forma que muitos utilizam para serem alocados em seus postos de emprego. Existem também pessoas, como é o caso de Luís Angel, que não sabem onde poderão residir:

Eu me aventurei. Queria ganhar dinheiro. Sabia que aqui seria fácil. Não conhecia ninguém. No início foi difícil. Mas depois que fiz novas amizades, principalmente com brasileiros, as coisas melhoraram para mim. Já não estava mais sozinho. Sabia a quem recorrer. Quando casei com uma brasileira me senti mais seguro ainda. (Entrevista concedida em: 30/12/2012).

Com esse exemplo, podemos perceber que a relação de boa parte dos migrantes peruanos com a cidade de Boa Vista foi atrelada por inúmeras dificuldades. Contudo, as redes migratórias tornaram-se um dos elementos fundamentais do lugar de destino, uma vez que passou a contribuir nas relações afetivas e comunitárias de cada migrante.

Sem dúvida, esse cenário origina um questionamento importante no contexto migratório: Qual é o sentido da adaptação? Como o migrante peruano se relaciona com os demais no decorrer desse processo?

Segundo os relatos dos interlocutores da pesquisa, adaptar-se não significa, necessariamente, assimilar a cultura de outro grupo, mas sim negociar as distintas culturas. Os peruanos com idade mais avançada destacaram também a dificuldade em aprender o português como um momento de transição.

Outro aspecto que merece destaque é em relação às crianças peruanas que nasceram ou vieram para Boa Vista ainda pequenas. Embora esse grupo não faça parte do grupo que compõe os interlocutores da pesquisa, alguns pais destacaram a dificuldade em educar os

filhos. Em casa os pais e demais familiares procuram se comunicar em espanhol. Na escola as crianças são educadas na língua portuguesa. Por isso que muitos peruanos consideram o idioma como a principal barreira que precisa ser superada entre eles. Logo, o que a princípio é um empecilho, poderá se tornar um momento de superação.

Não podemos negar que embora as dificuldades de adaptação existam no início da prática migratória, muitos migrantes podem se sentir “estranhos” quando retornam a terra natal. Hall (1996) diz que muitos migrantes sentem que a antiga “terra” se tornou irreconhecível. Esse sentimento de estar fora do lugar foi presenciado por Pedro Fernandes em um dos seus retornos ao seu país:

Me sentí extraño cuando regresé a mi país después de 20 años. Tudo era diferente. Lima está creciendo cada vez más. La gente está cada vez más individualista. Mis padres no me reconocieron. También no los reconocí. Sentí vontade de regresar de inmediato a Boa Vista [...] Yo crié raíces aquí. Mi esposa es brasileña. Sigo los costumbres de Brasil. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

O relato de Pedro possibilita o entendimento de que os contornos da adaptação no local de destino podem ser estabelecidos de diferentes formas. Não existe uma regra que facilita os processos de negociações culturais. Cada indivíduo é responsável por construir suas estratégias pessoais quando estão no local de destino ou até mesmo quando retornam ao local de origem.

O mesmo relato nos indica outra reflexão importante: os processos de negociações de identidade podem ocorrer dentro de uma família. Quando Pedro afirmou que casou com uma brasileira, ele quis demonstrar que segue o que é estabelecido por outra cultura. Isso indica que a identidade peruana pode ser passível de negociação. Contudo, enfrenta certa resistência no interior das relações familiares.

A luta em torno das memórias negociadas perpassa todas as esferas da sociedade. Em campos de negociação onde as trocas e os empréstimos culturais são permitidos e agenciados com a sociedade brasileira, muitos peruanos aceitam ou negam o que está ao seu redor. Demonstrem, por exemplo, que no nível alimentar, religioso e das práticas cívicas a memória nacional peruana precisa receber influência da cultura brasileira. Já para outros migrantes peruanos essa influência não pode se manifestar. Logo, devemos compreender que as negociações identitárias são demarcadas por conflitos e vínculos de solidariedade.

### **3.3 A percepção do migrante peruano no outro: O outro no olhar do migrante peruano**

A presença cada vez mais constante de peruanos em Boa Vista é sinal tanto das consequências dos tempos de globalização, quanto da inserção irremediável da capital do estado de Roraima no panorama de acolhimento de fluxos migratórios na América Latina. Em decorrência disto, no contexto migratório contemporâneo a identidade cultural se constitui a partir da oposição entre os nacionais e os estrangeiros. Assim, cabe perguntar neste trabalho as seguintes questões: Qual é a imagem que os brasileiros elaboram sobre os peruanos? Como os peruanos representam os brasileiros?

Para responder essas indagações, no decorrer das atividades de campo além da realização de entrevistas com os migrantes peruanos também foram entrevistados 20 brasileiros, 13 homens e 07 mulheres, que fazem parte do ciclo familiar e de amigos dos migrantes peruanos. Infelizmente, boa parte dos brasileiros entrevistados divulgou um discurso que contribui para a geração e manutenção de estereótipos relacionados à criminalização e a pobreza econômica, entre migrantes peruanos no Brasil. Entretanto, também tiveram aqueles que consideram a presença dos migrantes peruanos na cidade de Boa Vista importante para o desenvolvimento do comércio e ao prolongamento da área da saúde.

A partir das narrativas, tornou-se evidente a elaboração de um discurso que marca as diferenças e aproximações existentes entre brasileiros e peruanos. Para o roraimense Fernando Luís de 27 anos, a presença peruana em Boa Vista é vista é essencial, visto que os migrantes peruanos ajudam a garantir a vitalidade da atividade comercial na cidade.

É curioso observar que o traço preponderante que Fernando Luís construiu em suas representações, está relacionando ao acolhimento. Diante dessas questões, emerge novamente a ideia de que Boa Vista é uma cidade acolhedora. Assim, alguns dos migrantes peruanos entrevistados reconheceram que para viverem entre os brasileiros é necessário assimilar o traço que marca, de forma contundente, a cultura brasileira.

Difícilmente os brasileiros contatados se referiram aos peruanos como “estrangeiros”. Para eles os estrangeiros seriam apenas aqueles que, de passagem por Boa Vista, não criou nenhum tipo de vínculo com a cidade. A cearense Maria Antônia, que vive em Boa Vista há mais de 20 anos, expôs o que pensa sobre os peruanos:

Os peruanos não fazem mal a ninguém. São pessoas honestas e trabalhadoras. Trabalham de domingo a domingo e ainda são felizes. Nós brasileiros nos damos muito bem com eles. (Entrevista concedida em: 26/12/2012).

A fala da Maria Antônia reforça, de um modo geral, que os peruanos tornaram-se cada vez mais próximos aos brasileiros. Entretanto, o discurso de que os peruanos atrapalham os brasileiros ainda irá permanecer em algumas narrativas. Podemos citar como exemplo a narrativa de José Santos de 32 anos, comerciante informal:

Já me acostumei com os peruanos. O único problema é que por eles não pagarem impostos, acabam atrapalhando a gente. Sem falar que eles vendem suas mercadorias por um preço baixo. Isso é muito ruim para nós comerciantes. (Entrevista concedida em 18/12/2014).

Mesmo existindo algumas semelhanças entre peruanos e brasileiros, não podemos esquecer que as relações entre esses dois povos são marcadas pelas diferenças. Para o peruano Ricardo Venegas, a diferença se estabelece justamente no traço mesmo onde reside o ponto de convergência:

Los peruanos són personas determinadas como los brasileños en el momento de la venta. Pero, los peruanos se diferencian en la forma en que hacen su trabajo. És más disciplinado. Esto demuestra que el trabajo que realizan es una característica de la vida cotidiana. (Entrevista concedida em: 29/10/2012).

É curioso notar que da mesma forma que apareceram discursos a favor dos peruanos, também tiveram aqueles que afirmaram não gostar dos peruanos. Os discursos da maranhense que vive em Boa Vista há precisamente 15 anos, Sônia Santos de 34 anos, e da boa-vistense Joana Ferreira de 23 anos, respectivamente, são exemplos que merecem ser destacados:

Eu não gosto da presença dos peruanos aqui em Boa Vista. São pessoas que não contribuem com nada [...] Eu não suporto ter que me consultar com algum deles. Primeiro porque acho absurdo um médico não saber se comunicar com um paciente. Se ele mora em outro país ele tem que no mínimo saber falar como as pessoas desse país (Sônia Santos. Entrevista concedida em 02/01/2013);

Os peruanos que estão aqui em Boa Vista são criminosos. Você acha que se uma pessoa tem tudo no país dela ela irá sair de lá? Claro que não! Todos são terroristas. Por isso, estão aqui (Joana Ferreira. Entrevista concedida em 03/01/2013).

Certamente essas afirmações mudam o perfil do migrante peruano, que deixa de ser aquele próximo dos brasileiros, passando a ser considerado um invasor que faz mal a sociedade boa-vistense. Alguns peruanos também chegam a elaborar afirmações negativas em relação aos brasileiros, principalmente as mulheres, conforme demonstram as narrativas a seguir:

Los brasileños són personas acomodadas. Siempre esperán por la ayuda del gobierno. (Florencia Alborada. Entrevista concedida em: 24/10/2012);

La mujer brasileña es muy liberal. No se valoriza. Cada día sai con un hombre diferente. La peruana no es así. (Julio Cesar. Entrevista concedida em: 20/12/2012);

Espero que mi mujer no veja eso [...] La mujer brasileña es muy fácil. Cuando namorei con una peruana pasé tres meses para pegar en su mano. Con la brasileña durmi en la primera noche. (Alejandro Castro. Entrevista concedida em: 15/12/2012).

Esses estereótipos apresentados nas narrativas nos surpreendem com a forma como a mulher brasileira é representada no imaginário peruano. Enquanto a peruana é uma mulher para casar, a brasileira é uma mulher para se divertir.

De qualquer forma, essas questões não impedem que possa existir uma integração entre o Peru e o Brasil. Representam, na verdade, um processo de reinvenção do Peru. As linguagens, as imagens e as práticas aglutinadas para reinventar a comunidade peruana em Boa Vista são elaboradas por meio dos afetos sociais.

Reinventar o Peru em outro território faz parte de uma estratégia social que as pessoas se sintam pertencentes a uma comunidade afetiva, mesmo que essa seja apenas uma projeção idealizada no discurso. Hobsbawn (1997, p.21) complementa essa afirmação, expondo que “o conhecimento corresponde àquilo que foi selecionado, escrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo”. É por isso, que para não se referirem a um passado distante, muitos entrevistados atrelaram suas memórias ao presente, projetando a ideia de comunidade ideal por meio dos ritos culturais.

### **3.4 Sonhos que garantem a permanência na cidade de Boa Vista/RR**

O sonho representa um campo de estudo das ciências humanas considerado bastante complexo. Os vinte peruanos entrevistados no decorrer dessa pesquisa relataram por meio da

memória os sonhos que fazem parte do cotidiano de suas vidas. Destacamos alguns relatos que serão expostos a seguir:

Mi sueño es tener mi propio negocio y mi propia casa. Sé que estoy en otro país. Deixei muchas cosas en el Perú, pero eso no es razón para que yo fique triste. Conquistei cosas buenas aquí. (Glória Maria. Entrevista concedida em: 28/10/2012).

Yo quiero crecer aquí en Boa Vista [...] Yo quiero tener mi propio negocio [...] Yo quiero tener una familia [...] Tengo muchos proyectos para permanecer aquí en Boa Vista. Quiero crecer en todos los aspectos: personal, intelectual y personal. (Cezar Ramirez. Entrevista concedida em: 20/10/2012).

Quiero trabajar para ayudar a mis hijos. (Pedro Fernandes. Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Espero que mis hijas se forman [...] yo terminar de construir mi casa que está en construcción [...] (Pablo Espinosa. Entrevista concedida em: 31/10/2012).

Quiero tener mi propio negocio. Una loja de ropa. (Lourdes Florez. Entrevista concedida em: 07/11/2012).

Quiero ter una casa, formar una familia [...] Tener una vida decente como de un brasileño [...] Quiero tirar a mis documentos y me dar bien en la vida. Con fe en Dios llegaré lá. (Diego Estévez. Entrevista concedida em: 27/10/2012).

Quiero tener una casa y mejorar de vida. Quiero dar lo mejor para mis hijas (Ricardo Venegas. Entrevista concedida: 29/10/2012).

Já alcancé un cierto estatus. Estoy contente con lo que já conquisté. Ahora es mantener [...] Yo también quiero cuidar de mis hijos que están pequeños. (Gian Flores. Entrevista concedida em: 21/11/2012).

Mi mayor sueño es ver a mis hijos formados y terminar de construir mi casa [...] Profesionalmente me siento satisfecho con lo que tengo. Soy muy conocido aquí. Todas las autoridades me conoce por mi trabajo. Ahora tengo que cuidar de la cuestión de la familia. (Adrian Miguel. Entrevista concedida em: 22/12/2012).

No quiero dejar de estudiar. Quiero conocer otras ciudades brasileñas. Quiero llevar a mis hijas a conocer el Perú. (Sofía Monogui. Entrevista concedida em: 25/12/2012).

Quiero aposentar-me y ver a mis hijos profesionales. Quiero seguir viviendo aquí. Al Perú voy a visitar. (Eva Ponce. Entrevista concedida em: 25/12/2012).

Quiero ganar en la Mega Sena y mejorar mi vida. Quiero tener una buena aposentadoria. Quiero paz en mi vida. (Alejandro Castro. Entrevista concedida em: 15/12/2012).

Siempre tive el sueño de estudiar. Pero yo tenía que trabajar para sobrevivir. Quiero estudiar en una universidad. (Julio Cesar. Entrevista concedida em: 15/12/2012).

Yo quería estudiar y tener mi propia empresa. (Juan Vicente. Entrevista concedida em: 21/11/2012).

Cada relato exposto acima demonstra como os sonhos são construídos por meio das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido. Martins (1996, p.13) facilita essa compreensão ao fazer a seguinte afirmação:

O universo dos sonhos fala de nós mesmos, do nosso modo de viver, sobretudo, de viver em conflito conosco, o grande conflito histórico que marca (e desmanda) a modernidade [...] os sonhos não só expressam o nosso desencontro com o mundo que junto criamos e que se nega a cada um de nós. Mas também denunciam para nós mesmos essa mutilação, esse cerceamento, esse estranhamento. Os sonhos constituem o espelho que revela os embates que nos esfiguram e revela, portanto, o que efetivamente somos, a nossa alienação.

No plano da narrativa o sonho associa-se a esfera da imaginação, podendo representar o movimento subjetivo e libertador do inconsciente. Perceber os sonhos através das histórias de vida e compreender os rastros das subjetividades individuais dos sujeitos, assim como, da esfera coletiva onde os mesmos são atravessados pelos domínios sociais.

Neste sentido, analisar os sonhos que mobilizam o processo migratório, impõem compreender que o ser humano, por viver em constante movimento, tem a especificidade de buscar a satisfação das suas necessidades e criar muitas outras no decorrer de sua vida. A análise dos sonhos que movem sujeitos peruanos a se tornarem cidadãos em trânsito aponta claramente para o desejo de melhorar as condições de vida.

Não podemos esquecer que os projetos que impulsionam a migração apareceram, na maioria das narrativas do grupo estudado, ancorados na motivação profissional, cultural, turística, familiar e afetiva. Se, por um lado, o que foi idealizado não se concretiza de imediato e na sua totalidade, quase todos, principalmente os peruanos residentes em Boa Vista há mais tempo, destacam que os sonhos se vão realizando com o passar do tempo, por meio

da conquista de vantagens econômicas e profissionais, da possibilidade de estudar, de viajar e de auxiliar com remessas de dinheiro os familiares que ficaram no país de nascimento.

Podemos concluir, portanto, que os sonhos que movem sujeitos peruanos a se tornarem cidadãos migrantes aponta o desejo de melhorar as condições de vida como principal determinante da prática migratória. No entanto, a experiência da migração mistura sonhos, afetividade, nostalgia e sentimentos, que parecem, ainda hoje, não resolvidos.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estaremos sempre começando,  
a certeza de que é preciso continuar  
e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.  
Portanto devemos fazer da interrupção um novo caminho,  
da queda um passo de dança,  
do medo uma escada,  
do sonho uma ponte,  
da procura um encontro”.*  
(Fernando Sabino).

A presente dissertação destacou os projetos migratórios e as narrativas identitárias negociadas por migrantes peruanos que residem na cidade de Boa Vista. A realização das atividades de trabalho de campo verificou que para os interlocutores da pesquisa a capital de Roraima pode ser entendida como espaço de negociação das práticas socioculturais e do estabelecimento e da manutenção das redes sociais que envolvem o movimento migratório.

Apesar de a prática da migração internacional não ser um processo simples e por ser mais complicada ainda quando envolve povos de diferentes culturas, consideramos que este trabalho conseguiu alcançar seus principais objetivos. Em outras palavras, esta dissertação encerra um ciclo de pesquisa, porém não esboça um ponto final nas reflexões elencadas durante todo o processo da investigação, uma vez que foi coletado um número expressivo de materiais que poderá ser analisado em outros momentos.

De um modo geral, este trabalho adquire relevância no meio acadêmico por desenvolver um debate que insere a cidade de Boa Vista nos estudos das migrações internacionais, uma vez que mostrou a realidade vivida pelos migrantes peruanos e destacou que embora o migrante esteja afastado de seu local de origem, este não é impedido de ter sua cultura de origem e identidade nativa como referência.

De tal modo, percebemos, também, que no processo migratório contemporâneo em região de fronteira existe uma diversificação do trânsito de pessoas, e, por isso, novas configurações de espaço estão sendo criadas e rearticuladas atualmente. Contudo, cabe destacar que essa pesquisa é resultado de um esforço para criar possibilidades de compreender a problemática migratória existente no contexto peruano e brasileiro.

Nesta perspectiva, o primeiro capítulo procurou aproximar a escolha de viver em outro país com a identidade de quem escolheu a migração como resultado de decisões individuais

ou familiares. Por isso, deu ênfase as situações socioeconômicas do Peru e do Brasil e a atuação do movimento migratório entre esses dois países, visto que nos últimos anos muitos peruanos passaram a escolher o Brasil, em particular a Amazônia Brasileira, como lugar de destino no decorrer de sua trajetória migratória. O segundo capítulo, por sua vez, esclareceu que os migrantes de nacionalidade peruana utilizam-se das redes sociais para minimizarem os riscos presentes na prática migratória. Já o terceiro capítulo procurou verificar como o fenômeno migratório constitui espaços privilegiados para a análise dos processos de negociação das identidades.

Assim, foi possível verificar que os peruanos, através de suas estratégias, a partir de suas representações, dos dilemas próprios à sua condição de migrante e por meio de uma mediação em que se sintam compreendidos pela sociedade boavistense, possuem um leque maior de possibilidades para sua inserção no local de destino.

Nesse contexto, as redes sociais dos migrantes peruanos, ligadas à família, aos amigos e ao local de origem, possuem uma tendência conservadora, um fechamento estratégico em relação à sociedade de recepção. Portanto, em sua condição social, o peruano procura na sua nova rede de sociabilidade “não apenas os meios de sobrevivência, mas também os referenciais significativos do seu meio de origem, que justifiquem sua condição deslocada, segregada, seu sacrifício no trabalho, sua conduta moral em terra estranha” (SAID *apud* DORNELAS, 2010, p. 299).

Fica evidente que a análise dos impactos, tanto dos processos migratórios, quanto dos processos de adaptação e negociação das identidades de peruanos na cidade de Boa Vista merece estudos mais aprofundados e específicos. A princípio, este trabalho confirmou que o indivíduo está em busca de algo – apesar de não saber bem o que seja – mas nesse desejo está implícita a necessidade de emancipação e de transformação. O migrante, na sua movimentação tem como impulso o preenchimento da necessidade de libertação de algo, cuja solução não encontra em seu local de origem.

Mulheres e homens de nacionalidade peruana, ao chegarem ao Brasil, passam por um processo de adaptação e precisam lidar com diferentes estratégias de aculturação. Eles enfrentam sua cultura de origem, cujas crenças, valores e costumes foram confrontados com a cultura brasileira, até sofrerem transformações que os ajudam a conseguir se adaptar ao novo lugar.

Alguns entram em crise por causa do choque com as duas culturas, a peruana e a brasileira. Mas na maioria das vezes conseguem superar tal crise, principalmente quando passam a refletir sobre sua situação, o que o ajuda a encontrar sua identidade. Conseguem superar o papel que os identifica como pessoa “que gostam de brigar e de beber”, passando a se identificarem, muitas vezes, tanto como peruano quanto como brasileiro. A partir daí sentem-se bem a vontade no âmbito familiar e com as demais pessoas da sociedade brasileira.

Muitos já vêm para Boa Vista predispostos a se adaptarem a esta cidade por causa do sofrimento que passavam no Peru, principalmente por não terem uma boa condição financeira. Entre as dificuldades encontradas pelos peruanos no processo de contato e adaptação destacamos a língua e a alimentação. Contudo, os integrantes desse grupo consideram Boa Vista uma cidade tranquila, boa para se viver e, de um modo geral, veem os brasileiros com pessoas de comportamentos liberais, mas que procuram ser agradáveis com o estrangeiro. Além do mais, os peruanos estabelecem novas estratégias de sobrevivência, redes sociais e pontes entre a sociedade de destino e a de origem. Constituem, assim, espaços e lugares que ultrapassam as fronteiras geográficas e culturais, constituindo processos de integração cultural.

Fica visível também que apesar de algumas dificuldades encontradas pelos peruanos, o Brasil ainda continua sendo o país das oportunidades e das múltiplas possibilidades de mobilidade econômica e social. Ainda se pode afirmar que a descrição das representações sociais configuradas pelos peruanos que foram entrevistados, por considerarem suas diferenças e peculiaridades culturais e identitárias, nos ajudou a identificar os mecanismos que favorecem o encontro da cultura peruana com a cultura brasileira. O que sem dúvida colabora com a adaptação no novo contexto social.

Por fim, reconhecemos que esta investigação poderá estimular às autoridades e instituições brasileiras a possibilitar a realização de políticas públicas que, além de desconstruírem alguns estereótipos que a população boa-vistense tem sobre os migrantes peruanos, possam auxiliar esses homens e mulheres a se adaptarem ao novo contexto social, proporcionando assim uma maior integração entre a cultura brasileira e a cultura peruana.

## REFERÊNCIAS

- ABUD, Daniel Lamela et. al. Migração de retorno: entre significados e materialidades. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)**. Caxambu: 2008.
- AGUIRRE, A. **Cultura y identidad cultural**: Introducción a la Antropología. Barcelona: Bardenas, 1997.
- ALTAMIRANO, Teófilo. **Remesas y nueva “fuga de cérebros” impactos transnacionales**. Lima: Fondo Editorial de la PUC, 2006.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem. Portugal: Edições 70, 2005.
- ARAGÓN, Luis E. (Org). **Populações da Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, 2005.
- \_\_\_\_\_. Aproximação ao estudo da migração internacional na Pan-Amazônia. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, 2009.
- \_\_\_\_\_. Introdução ao estudo da migração internacional na Pan-Amazônia. In: **Contexto internacional** [online]. v.33. n.1, 2-11. pp71-102.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Criciúma para o mundo – os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A. C.; FLEISCHER, S. (Orgs.) **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Edufal;Unesp, 2010.
- BARTH, Daiani Ludmila. **Brasileiros na Espanha**: Internet, migração transnacional e redes sociais. (Dissertação de mestrado). São Leopoldo: UNISINOS, 2009.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke (Org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**: Geopolítica na virada do III Milênio. Rio de Janeiro: Garamound, 2004 .
- BESSIS, S. Mille et une bouches : cuisines et identités culturelles. Autrement, 1995. (Mutations/Mangeurs). In: CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W.D. (org.) **Antropologia e nutrição**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, p.50, 2005.
- BORNHEIM, Gerd. Da superação à necessidade: O desejo em Hegel e Marx. In: NOVAES, Adanto (Org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos . 14.ed. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BROWN, R. **Psicologia Social.** Mexico: Siglo XXI Editores, 1972.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet:** Identidades e cidadania na diáspora latino-americana. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2010.

BRUMES, Karla R. **Movimentos migratórios em cidades médias: o caso de Uberlândia – MG (1970 – 2000).** (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2003.

CABRAL, J. P. **Identidades inseridas:** algumas divagações sobre identidade, emoção e ética. Working Papers. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, jun. 2003.

CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: \_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CARAGNATO, Theco Toma. O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: A experiência Dekassegui. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (Orgs.). **Psicologia, e/imigração e cultura.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CARLEIAL, Adelita Neto. Redes sociais entre imigrantes. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais.** Caxambu, MG: ABEP: 2004.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social:** uma ciência do salário. Petrópolis, Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**CENSOS de Población y vivienda, 1993.** Lima, 1994.

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Migração internacional na Ibero-América (2005).** Disponível em: <[http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/27150/lcg2328p\\_cap6.pdf](http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/27150/lcg2328p_cap6.pdf)>. Acesso em: 16/05/2010.

\_\_\_\_\_. **Panorama social da América Latina 2011.** Disponível em: <<http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/3/45173/2011-820-PSP-Sintese-Lanzamiento.pdf>>. Acesso em: 01/12/2011.

CIAMPA, A. **A identidade Social e suas relações com a ideologia.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC/SP, 1997.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcante da. **Migração e identidade:** olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.

CUCHE, D. **A noção da cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DINIZ, Alexandre. A evolução fronteiriça em Roraima. O caso das confianças I, II e III. In: **Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças** (Seminário Organizado e Coordenado pelo curso de Especialização em relações Fronteiriças do Centro de Ciências Sociais e Geociências da UFRR). Boa Vista-RR: UFRR, 1997.

DORNELAS, Sidnei Marcos. **Aspectos da Migração Brasileira no início do século XXI**. Contribuição ao Congresso de Modelos de Pastoral – Triuggio (IT) – 25 a 30/05/2005.

DUBAR, C. La Socialisation: **Construcion de identities sociales et professionnelles**. 30. ed. Paris: Armand colin, 2000.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A camino da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

EL COMERCIO. **Um millón 665 mil peruanos se fueron del país entre los años 1990 y 2005**. Disponível em: <[www.elcomercioperu.com.pe/edicionOnline/Html/2007/](http://www.elcomercioperu.com.pe/edicionOnline/Html/2007/)>. Acesso em: 12/11/2011.

EMMI, Marília. Fluxo migratórios internacionais para a Amazônia Brasileira no final do século XIX ao início do século XX: O caso dos italianos. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009.

FAZITO, Dimitri. **A análise de redes sociais (ARS) e a migração: Mito e realidade**. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro preto: 4 a 8 de novembro de 2002.

FERREIRA, Ademir P. **A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade** (Tese de Doutorado). RJ: PUC, 1996.

FRANCO, Carlos. Exploraciones en “outra modernidad”: De la migración a la plebe urbana. En: **Modernidad en los Andes**. CERA. Bartolon de Las Casas. Cusco, 1991.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Estampa Editorial, 1977.

GERALDI, J. N. **Portos de passagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GARRIDO, L. M. **La construcción de la identidad nacional desde el discurso de genero en la historiografia conservadora chilena**. Universidad de Chile, 2004.

GOETTERT, Jones D.; MONDARDO, Marcos L. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. In: **Geographia, América do Norte**, 11, out. 2010.

GONZALES, Élbio Neres. **A migração de trabalhadores no Brasil**. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 1980.

GOW, Peter. “Ex-cocama”: Identidades em transformação na Amazônia Peruana. In: **Revista Mana**. 2003.

GUARESCHI, Tupiara. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu**: A construção de uma identidade étnica. (Dissertação de mestrado). Cascavel: Unioeste, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALBWARCHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice e Revista Tribunais, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 24, 1996.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUALLPA, Luis Limachi. Procesos migratórios em la Amazonia Peruana: Uma mirada a las migraciones internacionales. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração Internacional na Pan-Amazônica**. Belém: NAEA/UFPA, 2009.

IANNI, Octavio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanck Martins. **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14/07/2011.

\_\_\_\_\_. **Primeiros resultados do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14/07/2011.

INE – Instituto Nacional de Estadística. **Encuesta población activa (EPA)**. Madrid, 2005. Disponível em: <<http://www.ine.es>>. Acesso em: 05/04/2010.

LAURENTI, C.; BARROS, M. **Identidade**: Questões conceituais e contextuais. In: Revista de Psicologia. n.1. v.2. jun.2000.

LIRA, J.R.O. **Especialização da Migração Internacional na Amazônia Brasileira**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

LOBO, Andréia de Souza. Mantendo relações à distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In:

TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). **Lugares, pessoas e grupos: a lógica do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

LUCENA, Cecília Toledo. Saberes e sabores do país de origem como forma de integração. In: **Cadernos Ceru**. Vol.19. nº1. São Paulo: USP, 2008.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **O Brasil no sul da Flórida: Identidade, subjetividade e memória**. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2006.

MAMMAN, A.; RICHARDS, D. Perceptions and possibilities of intercultural adjustment: Some neglected characteristics of expatriates. **Internacional Business Review**, Great Britan: Elsevier Science, n.3, v.5, 1996.

MARTELETO, Regina M. Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações Internacionais: Cultura e Poder**. Brasília: Funag/Ibri, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Desfigurações: A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, D. et al. **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MELMAN, C. Anotações do Simpósio “**Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**”. Curitiba, 18 de abril de 2002.

MILESI, Rosita; ANDRADE, William Cezar de. Migrações internacionais no Brasil: Realidade e desafios contemporâneos. In: **Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2010**. Disponível em: <<http://www.gritodelosexcluidos.org/media/uploads/migracionesintbr.pdf> / >. Acesso em: 10/01/2012.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOTA, Aurea et al (Org.). **A Bolívia no espelho do futuro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NÓBREGA, L. A. Considerações sobre identidade: do singular ao plural. In: **Revista Universidade Rural - Série Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, n.2, v.22, jul/dez.2000.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: Espaço de referência identitária? In: **Revista Ateliê Geográfico**. v. 1, nº. 2. Goiás: UFGO, 2007.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. In: **Estudos Avançados**. vol.20. n.57. São Paulo: USP, 2006.

\_\_\_\_\_. Mobilidade humana na tríplice fronteira Peru-Colômbia-Brasil e seus reflexos na cidade de Manaus (AM). In: SEYFERTH, Giralda / PÓVOA, Helion / ZANINI, Márcia Catarina; SANTOS, Mirian (Orgs.). **Mundos em movimento**: Ensaio sobre migrações. Santa Maria: Editoraufsm, 2007.

\_\_\_\_\_. **Migrações fronteiriças**: Uma reflexão necessária no amazonas. Anais V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Salvador: 30 de setembro a 03 de outubro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Refugiados e deslocados na Amazônia**: Contribuições para a Sociologia dos deslocamentos compulsórios. (Dissertação de mestrado). Manaus: UFAM, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAES, Vanessa Generoso. **Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar**: Deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2011.

PATARREA, N. L.; BAENINGER, R. **Mobilidade espacial da população no Mercosul**: Metrôpolis e Froteiras. In: Revista brasileira de Ciências Sociais (online), 2006, v.21.

PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **Socius Working Papers n.11**. Centro de Investigação em Sociologia Econômica das Organizações (SOCIUS), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2009**. Disponível em: <[www.pnud.org.br/rdh](http://www.pnud.org.br/rdh)>. Acesso em: 04/05/2011.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos – Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-215. São Paulo: Cpdoc/ FGV, 1992.

PONCE, Oscar Valdivia. **Migracion interna en la metrópoli**: contraste cultural, conflicto y desadaptación. Lima, Peru: Universidad Mayor de San Marcos, 1970.

RENNER, C. H.; PATARRA, N. L. Migrações. In: SANTOS, L. F.; SZNRICSAGI, M. F. (Orgs.). **Dinâmica da população**: Teoria, métodos e técnica de análises. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e europeísmo: Modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Argentinos e Brasileiros: Encontros, imagens, estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.

ROBERTSON, R. **Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAID, Eduard. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALES, T.; BAENINGER, R. Migrações internas e Internacionais no Brasil. In: **Travessia: Revista do Migrante**. São Paulo: Paulinas, 1997.

SANTOS, Alessandra Rufino. **Trajetórias migratórias e identidades reveladas: A presença de peruanos em Boa Vista/RR** (Monografia). Boa Vista: UFRR, 2011.

SASAKI, Elisa Massa; ASSIS, Glaucia de O. Teoria das migrações internacionais. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP).da ABEP**. Caxambu – MG: 2000.

SMITH, A. D. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradativa Publicações, 1991.

STAVIE, Pedro Marcelo. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. (Tese de doutorado). Belém: NAEA/UFPA, 2012.

SAYAD, Abdekmalek. **A imigração ou os paradigmas da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Uma perspectiva transnacional. In: **Simposio Internacional Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona: Universitá Autonoma del Barcelona, 14 y 15 de febrero de 2008.

SILVA, Sidney da. **Costurando sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**: Paulinas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Hermanos Amazônicos: Peruanos e colombianos na Tríplice Fronteira e em Manaus**. Hispano-americanos no Brasil entre a cidadania sonhada e a concedida. In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Migrações internacionais: Contribuições para a políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

\_\_\_\_\_. **Hermanos Amazônicos: Peruanos e colombianos na Tríplice Fronteira e em Manaus**. GT 14 – Migrações Internacionais: fronteiras e diversidade étnico-culturais. II Reunião Equatorial de Antropologia / XI Reunião de Antropólogos do Norte – Nordeste. Natal – RN: UFRN, 19 a 22 de Agosto de 2009.

\_\_\_\_\_. **Hermanos Amazônicos: Processos identitários e estratégias de mobilidades entre peruanos e colombianos em Manaus**. In: SILVA, Sidney A. da (Org.). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus – AM: EDUA, 2010.

\_\_\_\_\_. Peruanos em Manaus, Boa Vista e Pacaraima: Trajetórias e processos identitários. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: UFBA, 07 a 10 de agosto de 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e diferença. In: \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORARES FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Weber. **Análise das redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional**. Campinas: Revista Brasileira Estudos Populacionais, v. 21. n.1. pp.101-116, jan-jun de 2004.

TILLY, C. Transplanted networks. In: YANS, M . V. **Immigration reconsidered: history, sociology and politics**. Nova York: Oxford University Press, 1990.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

VAINER, Carlos B. Deslocados, reassentados, clandestinos, exilados, refugiados, indocumentados: As novas categorias de uma sociologia dos deslocamentos compulsórios e das restrições migratórias. In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Migrações internacionais: Contribuições para a políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorilização: As dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista-RR** (Tese de Doutorado). Presidente Prudente: UNESP, 2007.

VELHO, Gilberto. **Projecto e Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

VICENTINI, Yara. **Cidade e História na Amazônia**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

WOORWARD, Kathrun. **Identidade e diferença: Uma introdução conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

XAVIER, Fernando César Costa. **Migrações internacionais na Amazônia Brasileira: Impactos na política migratória e na política externa**. Brasília: UNB, 2012.

## RELAÇÃO DE ANEXOS

Anexo 01 – Questionário.....	105.
Anexo 02 - Cuestionário.....	106.
Anexo 03 – Roteiro de entrevista.....	107.
Anexo 04 - Guion de entrevistas.....	109.
Anexo 05 - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido.....	111.
Anexo 06 - Termo de consentimiento Libre y Aclarado.....	112.
Anexo 07 – Perfil dos peruanos entrevistados.....	113.

**Anexo 1 – Questionário:**

**QUESTIONÁRIO**

**Pesquisa:** Migração de peruanos em Boa Vista/RR.

**Pesquisadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local da entrevista:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_ 3. País de origem: \_\_\_\_\_

4. Tempo que reside em Boa Vista: \_\_\_\_\_

5. Atividade profissional: \_\_\_\_\_ 6. Bairro: \_\_\_\_\_

**PRÁTICA MIGRATÓRIA**

7. Migrou sozinho para Boa Vista? ( ) Sim ( ) Não.

8. Constituiu família em Boa Vista? ( ) Sim ( ) Não.

9. Atualmente sua família vive com você? ( ) Sim ( ) Não.

10. Encontrou dificuldades para se adaptar a realidade boa-vistense? ( ) Sim ( ) Não. Quais?  
\_\_\_\_\_

11. Gosta de viver em Boa Vista? ( ) Sim ( ) Não.

12. Sente saudade do seu país? ( ) Sim ( ) Não.

13. Pretende voltar a viver em seu país? ( ) Sim ( ) Não.

**REDES MIGRATÓRIAS**

14. Possui familiares e amigos no Peru? ( ) Sim ( ) Não. Se comunica com eles? ( ) Sim ( ) Não.

15. Recebeu ajuda de familiares ou amigos para migrar para Boa Vista? ( ) Sim ( ) Não. Quais? \_\_\_\_\_

16. Fez novas amizades quando passou a viver em Boa Vista? ( ) Sim ( ) Não. Chegou a receber algum tipo de ajuda dos amigos? ( ) Sim ( ) Não.

17. Se reúne com seus amigos? ( ) Sim ( ) Não. Em quais ocasiões?  
\_\_\_\_\_

**QUESTÕES IDENTITÁRIAS**

18. Se identifica como peruano(a)? ( ) Sim ( ) Não.

19. Se considera brasileiro(a)? ( ) Sim ( ) Não.

20. Pretende se naturalizar brasileiro? ( ) Sim ( ) Não.

**Anexo 2 – Cuestionario:**

**CUESTIONÁRIO**

**Investigación:** Migración de peruanos em Boa Vista/RR.

**Investigadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local de la entrevista:** \_\_\_\_\_ **Fecha:** \_\_\_\_\_

**DATOS DE IDENTIFICACIÓN**

1. Nombre: \_\_\_\_\_

2. Edad: \_\_\_\_\_ 3. País de origen: \_\_\_\_\_

4. Tiempo que vive en Boa Vista: \_\_\_\_\_

5. Actividad profesional: \_\_\_\_\_

6. Barrio: \_\_\_\_\_

**PRÁTICA MIGRATÓRIA**

7. ¿Imigró solo para Boa Vista? ( ) Si ( ) No.

8. ¿Constituyó familia em Boa Vista? ( ) Si ( ) No.

9. ¿Actualmente su familia vive con usted? ( ) Si ( ) No.

10. ¿Encontró dificultades para adaptarse a la realidad boa-vistense? ( ) Si ( ) No. Cuáles?

\_\_\_\_\_

11. ¿Le encanta vivir en Boa Vista? ( ) Si ( ) No.

12. ¿Siente nostalgia de su país? ( ) Si ( ) No.

13. ¿Pretende volver a vivir en su país? ( ) Si ( ) No.

**REDES MIGRATÓRIAS**

14. ¿Posee familiares y amigos en Perú? ( ) Si ( ) No. Se comunica com ellos? ( ) Si ( ) No.

15. ¿Recibió ayuda de familiares o amigos para migrar para Boa Vista? ( ) Si ( ) No. Cuáles?

\_\_\_\_\_

16. ¿Hizó nuevas amistades cuando pasó a vivir en Boa Vista? ( ) Si ( ) No. llegó a recibir algún tipo de ayuda de amigos? ( ) Si ( ) No.

17. ¿Se reúne con sus amigos? ( ) Si ( ) No. En cuáles ocasiones?

\_\_\_\_\_

**PREGUNTAS DE IDENTIDAD**

18. ¿Se identifica como peruano(a)? ( ) Si ( ) No.

19. ¿Se considera un brasileño(a)? ( ) Si ( ) No.

20. ¿Pretende naturalizarse brasileño? ( ) Si ( ) No.

### **Anexo 3 – Roteiro de entrevista:**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

**Pesquisa:** Migração de peruanos em Boa Vista/RR.

**Pesquisadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local da entrevista:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

#### **PERFIL SOCIO ECONOMICO DO ENTREVISTADO**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Naturalidade / Nacionalidade:
- 4) Grau de escolaridade:
- 5) Religião:
- 6) Estado Civil:
- 7) Quantidade de Filhos:
- 8) Mora com algum outro familiar?
- 9) Profissão/emprego atual/ há quanto tempo:
- 10) O que fazia/em que trabalhava antes de migrar para Boa Vista?
- 11) Há quanto tempo esta fora do Peru?
- 12) Há quanto tempo em Roraima/Boa Vista?

#### **MIGRAÇÃO/DESLOCAMENTO**

- 13) Descreva sua trajetória de migração desde a sua origem até o momento atual (No Peru migrou para outras cidades/departamentos?; Há quanto tempo reside em Boa Vista; O que motivou sua vinda?; Como era a sua vida no Peru? O que fazia lá? Onde trabalhava? Como era a vida social e cultural com familiares e amigos?).
- 14) Quais as dificuldades que você encontrou quando chegou em Boa Vista?/ Como foram suas primeiras experiências no Brasil e em Boa Vista?
- 15) Como é a sua vida em Boa Vista ? (Lazer, trabalho, vida social, etc.)
- 16) Como e porque está atuando/trabalhando neste emprego/trabalho atual? Como chegou a ele?
- 17) Você exerceu outros trabalhos/ ou profissão quando chegou em Boa Vista?
- 18) Como você descreveria sua vida antes e depois de chegar em Boa Vista? Sua vida está melhor, igual ou pior? Em quais aspectos?
- 19) Você pretende sair de Boa Vista para viver em um outro local? Para onde e Por quê?
- 20) Você já se sentiu desrespeitado, agredido ou discriminado pelo fato de ser de outro país? Por que acha que isso ocorre?

### **REDES MIGRATÓRIAS**

- 21) Você tem contato com outros peruanos que moram em Boa Vista? / Quais profissões eles exercem? / Vocês se reúnem?
- 22) Você se comunica com sua família que vive no Peru? Com que regularidade? Você envia recursos financeiros para a família?
- 23) Você constituiu família em Boa Vista? Se sim, relate essa experiência.
- 24) Você tem muitos amigos em Boa Vista? Comente sobre as suas relações de amizade (seus amigos são peruanos, brasileiros ou de outra nacionalidade)?
- 25) Você recebeu algum tipo de ajuda ou apoio de familiares ou amigos para migrar para Boa Vista? Atualmente recebe ajuda?
- 26) Você se reúne com amigos e familiares? Com qual finalidade?

### **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ALTERIDADE E QUESTÕES IDENTITÁRIAS**

- 27) Quando você morava no seu local de origem qual imagem que tinha do Brasil e, em especial, da cidade de Boa Vista?
- 28) Na sua opinião o que estimula as pessoas, em especial os peruanos, a migrarem para Boa Vista?
- 29) O que você pensa sobre os estrangeiros (migrantes, viajantes, turistas) que vivem ou passam por Boa Vista?
- 30) O que você diz dos peruanos?
- 31) Existem muitas diferenças entre os peruanos?
- 32) O peruano que vive aqui em Boa Vista é diferente do peruano que vive no Peru?
- 33) Quando se fala do brasileiro o que vem a sua mente?
- 34) Qual a diferença entre brasileiros e os peruanos (homens e mulheres)?
- 35) Qual a diferença entre a cultura brasileira e a peruana?
- 36) Como você define migração? / O que é ser migrante para você?
- 37) Como você se identifica hoje? (Peruano? Brasileiro?)
- 38) Você acha que a polícia brasileira é diferente da polícia peruana? Em que?
- 39) Na sua opinião a cidade de Boa Vista está desenvolvendo políticas públicas que visam atender os migrantes internacionais? Quais?
- 40) Fale um pouco dos seus sonhos, projetos de vida...

## **Anexo 4 – Guion de entrevistas:**

### **GUION DE ENTREVISTAS**

**Investigación:** Migración de peruanos em Boa Vista/RR.

**Investigadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local de la entrevista:** \_\_\_\_\_ **Fecha:** \_\_\_\_\_

#### **PERFIL SOCIO-ECONÓMICO DEL ENTREVISTADO**

- 1) Nombre:
- 2) Edad:
- 3) Naturalidad / Nacionalidad:
- 4) Grado de instrucción:
- 5) Religión:
- 6) Estado Civil:
- 7) Cantidad de hijos:
- 8) Vive con algún otro familiar?
- 9) Profesión/empleo actual/ hace cuanto tiempo:
- 10) ¿Que hacia/en que trabajaba antes de inmigrar para Boa Vista?
- 11) ¿Hace cuanto tiempo esta fuera del Perú?
- 12) ¿ Hace cuanto tiempo esta en Roraima/Boa Vista?

#### **MIGRACIÓN/DISLOCAMIENTO**

- 13) Describa su trayectoria de migración desde su origen hasta el momento actual (En Perú migró para otras ciudades/departamentos? ¿ Hace cuanto tiempo reside en Boa Vista; que motivó su venida?; ¿Como era su vida en Perú? ¿Que hacia aya? ¿Donde trabajaba? ¿Como era la vida social y cultural con sus familiares y amigos?).
- 14) ¿ Cuáles dificultades usted encontró cuando chegou en Boa Vista?/ Como fueron sus primeras experiencias en Brasil y en Boa Vista?
- 15) ¿Como es su vida en Boa Vista ? (tiempo libre, trabajo, vida social, etc.)
- 16) ¿Como y porque está actuando/trabajando en este empleo/trabajo actual? ¿Como llegó a el?
- 17) ¿Usted ejerció otros trabajos/ o profesiones cuando llegó en Boa Vista?
- 18) ¿Como usted describiría su vida antes y después de llegar en Boa Vista? Su vida está mejor, igual o peor? ¿ En cuales aspectos?
- 19) ¿Usted pretende salir de Boa Vista para vivir en otro lugar? ¿ Para donde y porque?
- 20) ¿ Usted ya se sintió desrespetado, agredido o discriminado por el hecho de ser de otro país? ¿ Por que cree que eso ocurre?

#### **REDES MIGRATÓRIAS**

- 21) ¿Usted tiene contacto con otros peruanos que viven en Boa Vista? / ¿Que profesiones ellos ejercen? / ¿Ustedes se reúnen?
- 22) ¿Usted se comunica con su familia que vive en Perú? ¿Con que frecuencia? ¿Usted envía recursos financieros para la familia?
- 23) ¿Usted constituyó familia en Boa Vista? Si fue así, relate esa experiencia.
- 24) ¿Usted tiene muchos amigos en Boa Vista? Comente sobre las relaciones de amistades (sus amigos son peruanos, brasileños o de otra nacionalidad)?
- 25) ¿Usted recibió algún tipo de ayuda o apoyo de familiares o amigos para migrar para Boa Vista? Actualmente recibe ayuda?
- 26) ¿Usted se reúne con amigos y familiares? ¿Con cual finalidad?

### **REPRESENTACIONES SOCIALES, ALTERIDAD Y PREGUNTAS DE IDENTIDAD**

- 27) ¿Cuando usted vivía en su localidad de origen, cual era la imagen que tenía de Brasil y, en especial, de la ciudad de Boa Vista?
- 28) ¿En su opinión que estimula a las personas, en especial a los peruanos, a migrar para Boa Vista?
- 29) ¿Usted que piensa sobre los extranjeros (migrantes, viajeros, turistas) que viven o pasan por Boa Vista?
- 30) ¿Usted que dice de los peruanos?
- 31) ¿Existen muchas diferencias entre los peruanos?
- 32) ¿El peruano que vive aquí en Boa Vista es diferente del peruano que vive en Perú?
- 33) ¿Cuando se habla del brasileño, que viene a su mente?
- 34) ¿Cual es la diferencia entre brasileños e los peruanos ( hombres y mujeres )?
- 35) ¿Cual es la diferencia entre la cultura brasileña y la peruana?
- 36) ¿Como usted define migración? ¿Que es ser migrante para usted?
- 37) ¿Como usted se identifica hoy? (¿Peruano? ¿Brasileiro?)
- 38) ¿Usted piensa que la policía brasileña es diferente de la policía peruana? ¿En que?
- 39) ¿En su opinión, la ciudad de Boa Vista está desarrollando políticas públicas que buscan atender a los migrantes internacionales? ¿Cuáles?
- 40) ¿Hable un poco de sus sueños, proyectos de vida...?

## Anexo 5 – Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (Português):



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (ICHL)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA**  
**AMAZÔNIA (PPGSCA)**

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO (TCLE) (português)

Eu concordo em participar da pesquisa intitulada “**MIGRAÇÃO DE PERUANOS EM BOA VISTA/RR**”, que está sendo realizada pela pesquisadora **Alessandra Rufino Santos**, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Compreendi que a minha situação de migração com permanência legalizada, é muito importante para uma maior compreensão da realidade migratória dos estrangeiros de nacionalidade peruana que vivem em Boa Vista. Entendo que é importante contar a minha história de migração para que as pessoas possam entender melhor as causas da migração e os problemas vividos pelos migrantes peruanos tanto na origem da migração quanto no processo de ingresso ao território brasileiro. Sei que essa pesquisa poderá contribuir para um maior esclarecimento sobre a realidade da migração peruana no Brasil, e que isso é importante para nós migrantes que viemos para o Brasil e para quem nos acolhe e nos permite recomeçar nossas vidas em outra pátria. Compreendo que em qualquer fase da pesquisa seus sujeitos correm o risco de sofrerem danos à dimensão moral, social ou cultural. Compreendo ainda que esta pesquisa não corresponde aos interesses pessoais e que não receberei nenhuma remuneração pelas informações que vier a prestar. Direi apenas o que julgar necessário e importante para os estudos da pesquisadora e quando não quiser dizer alguma coisa, sei que tenho a liberdade de interromper a conversa quando quiser. Estou seguro(a) de que a pesquisadora manterá as respostas em sigilo em relação ao nome do(a) informante. Caso precisar de algum esclarecimento ou quiser saber como anda a pesquisa, poderei entrar em contato com a pesquisadora Alessandra Rufino Santos, a qualquer hora, pelos telefones (95) 9134-3697 e (92) 9383-9686 e também posso obter informações junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) - localizado no seguinte endereço: Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Aleixo, Cep: 69.077-000, Manaus-AM / Telefone: (92) 3305-4380 – ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – localizado no seguinte endereço: Rua Terezinha, 495, Adrianópolis, Cep: 69.057-070, Manaus-AM / Telefone: (92) 3305-5130. Este documento é emitido em duas vias, sendo assinadas pela pesquisadora e pelo participante da pesquisa, ficando uma via com cada um.

Boa Vista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

*Assinatura da pesquisadora*

---

*Assinatura do(a) entrevistado(a)*

**Anexo 06 – Término de Consentimiento Libre y Aclarado (español):**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (ICHL)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA (PPGSCA)**

---

**TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ACLARADO (español)**

Yo, concordé de participar de la investigación titulada “**LA MIGRACIÓN DE PERUANOS EN BOA VISTA/RR**”, que esta a desarrollarse por la investigadora científica Alessandra Rufino Santos del Programa de Pos-Grado Sociedad y Cultura en la Amazonia (PPGSCA), de la Universidad Federal del Amazonas (UFAM). Comprendí que mi realidad de migración con la permanencia legalizada, es muy importante para una amplia comprensión de la realidad migratoria de los extranjeros de nacionalidad peruana que viven en Boa Vista. Aún comprendí que es muy importante relatarle mi historia de migración para que las personas sepan comprender mejor las causas de la migración y los problemas vividos por los emigrantes peruanos, sea que sea su situación en el origen de la emigración o en su ingreso en el territorio brasileño. Yo sé que esta investigación podrá contribuir a una mayor aclaración sobre la realidad de la migración peruana en Brasil, y que eso es importante para nosotros emigrantes que venimos para Brasil y para aquellos que se nos acogen y que se nos permite a nosotros reiniciar nuestras vidas en otra patria. Entiendo que en cualquier etapa de la investigación los sujetos están en riesgo de sufrir un daño a la dimensión moral, social o cultural. Además, entiendo que esta investigación no corresponde a intereses personales y que no recibiré ninguna remuneración por la información que le prestar a ella. Diré solamente lo que juzgar necesario o importante para los estudios de la investigadora y cuando no quisiera decir algo, sé que tengo la libertad de parar la conversación cuando lo crea. Sé también que la investigadora mantendrá la confidencialidad de las respuestas en relación con el nombre del informante. En caso de que si necesite alguna aclaración o quiere saber como marcha la investigación, podré entrar en contacto con la investigadora Alessandra Rufino Santos, en cualquier tiempo que sea, por el teléfono (95) 9134-3697 o (92) 9383-9686, y también puedo informarme en la oficina del Programa de Posgrado Sociedad y Cultura en la Amazonía (PPGSCA) - ubicado en la siguiente dirección: Av. Gal. Octavio Ramos, Rodrigo Jordán, 3000, Alejo, Cep: 69077-000, Manaus-AM / Teléfono: (92) 3305-4380 - o junto a la Comisión de Ética (CEP), de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM) - ubicado en la siguiente dirección: Calle Teresa, 495, Adrianópolis, Cep: 69057-070, Manaus-AM / Teléfono: (92) 3305 - 5130. Este documento se expide en dos ejemplares, uno firmado por la investigadora y el participante en la investigación, dejando una copia con cada uno.

Boa Vista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

\_\_\_\_\_  
*Firma de la investigadora*

\_\_\_\_\_  
*Firma del encuestado*

## **Anexo 07 – Perfil dos peruanos entrevistados:**

**Adrián Miguel** – Comerciante informal de 47 anos. É natural de Loreto. Vive em Boa Vista há 10 anos. Viveu 05 anos em Manaus. Tem 04 filhos no Peru. Às vezes pensa em regressar. No entanto, gosta da vida que tem em Boa Vista. Considera esta cidade uma cidade tranquila. Sente falta do Peru. Mas acredita não fazer mais sentido voltar a viver lá, pois tudo está diferente.

**Alejandro Castro** – Exerce a função de médico. Tem 53 anos. É natural de Ica. Chegou em Boa Vista no ano de 1992. Recebeu um convite de um amigo peruano para conhecer Boa Vista e não se arrepende por ter aceitado. Reconhece que conseguiu conquistar a sua autonomia. Casou-se com uma brasileira, apesar de, anteriormente, ter constituído uma família no Peru. Gosta de viver em Boa Vista e não pretende sair desta cidade.

**Cezar Ramirez** – Tem 39 anos. Nasceu em Iquitos. Vivem em Boa Vista com a irmã, o irmão e uma sobrinha. Já trabalhou no comércio informal. Atualmente garante o seu sustento como ajudante de pedreiro. Possui graduação em Sistema de Informação. Porém, não conseguiu exercer a profissão quando chegou no Brasil.

**Diego Estévez** – Reside em Boa Vista desde o ano 2000. Tem 30 anos. É natural de Huancayo. Garante seu sustento como comerciante informal. Trabalha no centro de Boa Vista, mas sempre que pode desloca-se para outras cidade do interior de Roraima para vender as suas mercadorias.

**Eva Ponce** – É enfermeira, natural de Lima. Sua idade é 51 anos. Reconhece que não tinha interesse em viver em Boa Vista, uma vez que possuía uma vida confortável no Peru. No entanto, em uma viagem de férias com a finalidade de visitar a prima que vive em Boa Vista há mais de 20 anos, acabou recebendo o convite de uma autoridade política para assumir um cargo importante na área da saúde. Em decorrência disto, decidiu ficar. Passou alguns anos sozinha. Seus familiares (esposo e dois filhos) deslocaram-se depois.

**Florencia Alborata** – Tem 55 anos. É natural de Trujillo. Está em Boa Vista há 16 anos, junto com o seu esposo e seus três filhos. Possui graduação em jornalismo, mas nunca exerceu a profissão. Seu esposo é professor de espanhol. Por influência do mesmo também

passou a lecionar. Reconhece que é difícil manter a tradição peruana em Boa Vista. Porém, em sua residência, busca seguir os costumes peruanos.

**Gian Flórez** – É médico, natural da província de Concepción. Possui 53 anos. Sua esposa também é peruana. Seus dois filhos nasceram no Brasil. Já morou em São Paulo. Apesar de gostar de viver em Boa Vista, pretende voltar a morar em São Paulo por ser uma cidade muito parecida com Lima. Não pretende voltar a viver no Peru, uma vez que todos os seus familiares vivem em Boa Vista. Mesmo assim, reconhece sentir um grande vazio por estar longe do Peru.

**Gisela Medina** – Trabalha no comércio informal, junto com o esposo que também é peruano. No entanto, chegou em Boa Vista primeiro que ele. Apesar de já terem o próprio negócio, reconhece que precisam ter a casa própria. Assim, poderão dar um maior conforto ao filho que nasceu recentemente.

**Glória Maria** – Comerciante informal de 46 anos que chegou em Boa Vista no ano de 2010, acompanhada do esposo que recebeu um convite de um familiar para trabalhar em Boa Vista. Ainda não se acostumou com a nova vida. Sente muita falta dos 02 filhos que ficaram no Peru. Também sente falta da comida peruana e não conseguiu aprender a se comunicar através da língua portuguesa.

**José Marco** – Tem 72 anos. É natural de Ica. Trabalha no comércio informal. Atualmente vive com um sobrinho. Considera-se uma pessoa aventureira. Já morou muito tempo em Manaus. Nunca foi casado e não possui filhos.

**Juan Vicente** – É médico. Sua idade é 52 anos. É natural do Departamento de Ica. Vive em Boa Vista há 17 anos. Apesar de ser casado há sete anos com uma brasileira, natural da Paraíba, não possui filhos com ela. Tem duas filhas, que são fruto de outro relacionamento com uma brasileira nascida no Pará, com quem foi casado por nove anos.

**Julio Cesar** – Natural de Cusco, tem 27 anos. Estudava o curso técnico em enfermagem. Porém, teve que começar a trabalhar no comércio informal para garantir a sua sobrevivência. É casada com uma peruana, que está grávida de 04 meses. O casal também possui uma criança de 03 anos.

**Lourdes Florez** – Possui 52 anos. É natural de Iquitos. Vive em Boa Vista com a filha que estuda fisioterapia. Sempre foi uma mulher independente. Tem uma residência fixa, além do próprio negócio. Porém, deseja ampliar ainda mais a sua renda.

**Luís Angel** – Possui 49 anos. É natural de Pucallpa. Chegou em Boa Vista no início da década de 1990, época em que o garimpo estava no auge. Desde quando chegou no Brasil sempre trabalhou como comerciante. Iniciou no ramo informal e atualmente já tem a sua própria venda. Casou-se com uma brasileira e pretende, caso seja possível, deslocar-se para Rondônia com sua família, uma vez que a sua esposa possui parentes lá.

**Marcos Antonio** – Sua idade é 35 anos. Nasceu em Pucallpa. Mora em Boa Vista desde o ano 2000. Não tem o que reclamar da cidade. Só sente falta da comida peruana. Mesmo trabalhando no comércio informal, acredita que conquistou a sua autonomia.

**Miguel Augusto** – Médico natural de Lima. Possui 50 anos. Reside em Boa Vista há 14 anos. Acredita que apesar do sofrimento que teve com a viagem, valeu a pena se mudar para a capital de Roraima. Foi em Boa Vista que passou a se sentir uma pessoa respeitada pelo trabalho que faz. No Peru não conseguiu isso. Só conseguiu perseguição.

**Pedro Fernandes** – Natural de Ucayali. Tem 52 anos. Passou a residir em Boa Vista na década de 1990. Viveu em outras cidades da Amazônia Brasileira, como Assis Brasil, Rio Branco e Manaus. Tem um filho com uma brasileira, com quem é casado há 19 anos. Exerceu distintas profissões relacionadas aos serviços gerais, apesar de possuir a formação de técnico em contabilidade. Atualmente exerce a função de restaurador de imóveis em uma loja de utensílios domésticos.

**Priscila Heredia** – É estudante de 28 anos, natural de Iquitos. Vive em Boa Vista há aproximadamente 01 ano. Seu deslocamento foi motivado pela irmã, que vive em Boa Vista há 05 anos. A princípio encontrou dificuldades para arrumar um emprego. A única coisa que conseguiu foi o emprego de garçoneiro. Isso a desmotiva, uma vez que é formada em Relações Externas e pretende ingressar em algum curso de pós-graduação na área da sua formação.

**Ricardo Venegas** – É natural de Sullana. Possui 46 anos. Chegou em Boa Vista no ano de 1998, mas antes desse período passou uma temporada em Manaus. Sempre se considerou uma pessoa aventureira e, por isso, não se arrepende por ter saído do Peru. Lamenta por ainda não

ter conseguido a casa própria. Mas reconhece que por trabalhar no comércio informal sua renda não é fixa. Tem uma filha de 04 anos com uma brasileira.

**Sofia Monogue** – Nasceu em Lima. Sua idade é 28 anos. Chegou em Boa Vista, aos 17 anos, acompanhada pelos pais e pelo irmão. Aprendeu a viver conforme os costumes brasileiros. Adaptou-se fácil. Por influência da mãe, graduou-se em enfermagem. Encontrou facilidades para executar a profissão. Casou-se com um brasileiro e têm duas filhas.